

**SURF COMO PROMOTOR DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL:
ESTUDO DE CASO DO LITORAL PORTUGUÊS**

por

Pedro Manuel Lima Ramos

Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão do Ambiente

Orientado por

Professora Doutora M. Cristina G. G. Chaves

Co-Orientado por

Professor Doutor Nuno Eduardo Malheiro Magalhães Esteves Formigo

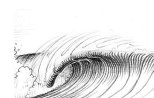
2014

NOTA BIOGRÁFICA

Licenciado no ano de 1998 em Gestão de Empresas pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique, foi desde 2008 que começou a desenvolver competências em Gestão de Organizações e Desenvolvimento Sustentável, tendo frequentado para o efeito uma Pós Graduação promovida pela Universidade Católica Portuguesa. A frequência do Mestrado em Economia e Gestão do Ambiente da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, surge como uma vontade expressa de aprofundar os conhecimentos numa área vital para o desenvolvimento das sociedades atuais.

Desde sempre a desempenhar funções em áreas de Marketing e Comércio, tendo passado por instituições como a AICEP e empresas do sector de distribuição automóvel como a Auto-Sueco (atual Grupo Nors) e o Grupo PSA Peugeot Citroen, atualmente desempenha funções no Grupo Renault.

O percurso académico posterior à licenciatura, tem sido sempre desenvolvido paralelamente à atividade profissional.



AGRADECIMENTOS

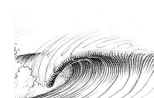
À minha família, que muito me tem apoiado ao longo dos anos, quero agradecer todo o empenho e dedicação na minha formação enquanto pessoa. São um pilar fundamental na minha estrutura.

À minha mulher, deixo uma palavra especial de carinho e admiração! Muito se tem sacrificado para que eu possa continuar a seguir os meus sonhos. Eternamente agradecido! Nunca conseguirei retribuir!

Aos meus orientador e co-orientador, não posso deixar de valorizar a aposta que fizeram no tema desta dissertação. Sem os seus preciosos contributos, motivação, empenho e conhecimentos, não teria sido possível concluir esta tarefa. Também a vocês um especial agradecimento.

A todos os que se envolveram pessoalmente na divulgação do questionário, permitindo que chegasse a diversos pontos do país, aqui fica o respetivo reconhecimento.

Espero que, sem exceção, possam continuar a inspirar o meu caminho...!



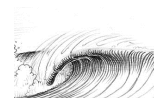
RESUMO

A costa marítima portuguesa é um recurso natural (bem comum) que, dispondo de características únicas e diferenciadoras, se encontra ameaçada por pressões populacionais e urbanísticas crescentes.

As suas ondas e praias, bens não deslocalizáveis e altamente distintivos, se corretamente explorados num contexto de preservação ambiental, poderão constituir o motor de desenvolvimento económico de comunidades locais, a carecer de revitalização após o declínio das atividades tradicionais ligadas à economia do mar. Neste enquadramento, o *Surf* apresenta um enorme potencial enquanto atividade multidimensional e associada ao contacto direto com a Natureza, geradora de valor em vários sectores de atividade.

Com recurso a técnicas provenientes da Metodologia de Valoração Contingente (MVC), ao longo deste trabalho irá ser efetuado um exercício de avaliação sobre a importância da boa qualidade ambiental para a comunidade surfista, através da estimação do valor atribuído à presença de ecossistemas preservados. Adicionalmente, será estudado o interesse na conjugação de desportos de ondas com atividades de Natureza e outras associadas a um estilo de vida saudável, tendo em vista a maximização da proposta de valor turística.

As conclusões são otimistas. A comunidade surfista é atraída por ondas e regiões costeiras com qualidade, revelando interesse noutras atividades ligadas à Natureza e a estilos de vida saudáveis, para além dos desportos de ondas.



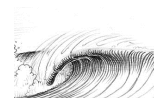
ABSTRACT

The Portuguese coastline is a natural resource (common good), with unique and differentiating features, although threatened by increasing population and urban pressures.

Its waves and beaches, as not displaceable and highly distinctive assets, if properly exploited in the context of environmental preservation, may be the driving force for economic development of local communities, lacking of revitalization after the decline of traditional maritime activities. In this framework, *Surf* has a huge potential as a multidimensional activity linked to direct contact with nature, generating value in various sectors.

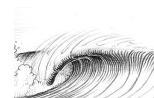
Using techniques from Contingent Valuation Methodology (CVM), the importance of good environmental quality for the surfing community will be assessed, through the estimation of the value given to the presence of preserved ecosystems. Additionally, the conjunction of water sports with nature activities or others related with a healthy lifestyle will be studied as a way to touristic value maximization.

Conclusions are optimistic. Surf community values and is attracted by quality waves, as well as quality coastlines, showing interest in other nature and healthy lifestyle activities besides surfing.

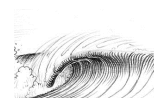


ÍNDICE

NOTA BIOGRÁFICA.....	i
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
ÍNDICE.....	v
ÍNDICE DAS TABELAS.....	vii
ÍNDICE DOS GRÁFICOS	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPITULO 1 – SURF NO CONTEXTO DA ECONOMIA DO MAR E DO SETOR DO TURISMO	4
1.1. Mar – O Novo Paradigma de Desenvolvimento	4
1.2. Turismo Marítimo e Subsetores.....	7
1.3. Turismo de <i>Surf</i>	10
CAPITULO 2 – SURF E VALORAÇÃO AMBIENTAL	12
2.1. Relação entre Turismo de <i>Surf</i> e Ecossistemas Costeiros	12
2.2. Valoração de Recursos Naturais Costeiros.....	14
CAPITULO 3 – SURF COMO PROMOTOR DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO DO LITORAL PORTUGUÊS.....	21
3.1. Metodologia.....	21
3.2. Resultados.....	25
3.2.1. Caracterização Sociodemográfica	25
3.2.2. Valoração de Atributos	29
3.2.3. Valoração Ambiental dos Recursos Naturais Costeiros	37
3.2.4. Valoração das Atividades “ <i>Surf</i> e Natureza”	49
CAPITULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
4.1. Conclusões.....	67



4.2. Limitações e Recomendações para Futura Investigação	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO SURF & NATUREZA.....	80
ANEXO 2 – ANÁLISE DE CORRELAÇÃO E DE COMPONENTES PRINCIPAIS / CÁLCULOS AUXILIARES	98
ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO SURF & NATUREZA (Versão Electrónica).....	114



ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1: Principais Setores Marítimos Portugueses	6
Tabela 2: Dimensão Económica do Setor do Turismo.....	7
Tabela 3: Dimensão Económica do Turismo Marítimo	8
Tabela 4: Atributos Altamente Valorizados pela Comunidade Surfista	14
Tabela 5: Estimções do Valor do <i>Surf</i> em Locais Específicos.....	18
Tabela 6: Estudos sobre Valoração de Recursos Naturais Costeiros	19
Tabela 7: Fatores Maximizadores de Utilidade em Atividades Recreativas ao Ar-Livre	20
Tabela 8: Perfil Sociodemográfico dos Praticantes de Desportos de Ondas.....	26
Tabela 9: Gastos Associados à Prática da Modalidade	28
Tabela 10: Valorização de Variáveis por Grau de Importância.....	31
Tabela 11: Valorização de Fatores Ambientais e Não Ambientais por Grau de Concordância	33
Tabela 12: Correlação entre Fatores Valorizados e Anos de Prática, com Nível de Experiência	35
Tabela 13: Correlação entre Deslocação para Praias Não Urbanas e Variáveis <i>Surf</i> e Ambiente.....	35
Tabela 14: Correlação entre Visitas a Áreas Protegidas com Anos de Prática e Nível de Experiência	36
Tabela 15: Disponibilidade a Pagar para as Taxas Ambientais TRU e TRNU	39
Tabela 16: Disponibilidade a Pagar por Surfista e por Veículo de Pagamento.....	41
Tabela 17: Valor dos Recursos Naturais Costeiros.....	41
Tabela 18: Segmentação Demográfica das DaP Expressas para as Taxas Ambientais ..	42
Tabela 19: DaP TU e TRNU em Função da Valorização de Variáveis Ambientais.....	46

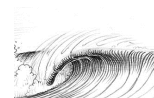
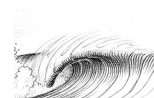
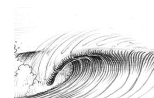


Tabela 20: Correlação entre Valorização de Infraestruturas e DaP Taxas Ambientais ..	47
Tabela 21: Hábitos e Preferências dos Surfistas em Período de Férias.....	50
Tabela 22: Efeito das Atividades S&N no Prolongamento da Estadia	50
Tabela 23: Valorização de SAN e SOA	53
Tabela 24: Correlação entre Situação Profissional e Atividades Ambientais	56
Tabela 25: DaP SAN / SOA em função da Valoração de Variáveis Ambientais	62
Tabela 26: DaP SAN / SOA em função da Valoração de Variáveis <i>Surf</i>	63
Tabela 27: DaP SAN / SOA em função da Valoração de Variáveis Infraestruturas	64



ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1: Setores Marítimos Mundiais	4
Gráfico 2: Setores Marítimos Europeus	5
Gráfico 3: Valor Económico Total (VET) de um Recurso Ambiental.....	15
Gráfico 4: Disponibilidade a Pagar para as Taxas Ambientais TU, TRU e TRNU.....	39
Gráfico 5: Influência do Grau de Escolaridade nas DaP Expressas para as Taxas Ambientais	43
Gráfico 6: Influência do Rendimento nas DaP Expressas para as Taxas Ambientais	44
Gráfico 7: Influência da Profissão nas DaP Expressas para as Taxas Ambientais	44
Gráfico 8: DaP Taxa Utilização em Função da Valorização de Variáveis Ambientais ..	45
Gráfico 9: DaP Tx. Recuperação (Praia Urbana) em Função da Valorização de Variáveis Ambientais	46
Gráfico 10: DaP Tx. Recuperação (Praia Não Urbana) em Função da Valorização Variáveis Ambientais	46
Gráfico 11: DaP Taxas Ambientais em Função da Ligação a O.N.G.A.'s	47
Gráfico 12: Preferências sobre Opções de Alojamento.....	51
Gráfico 13: Acréscimo no Preço para Alojamento com Boas Práticas Ambientais e Sociais.....	51
Gráfico 14: DaP para SAN e SOA	52
Gráfico 15: Influência do Grau de Escolaridade em DaP SAN e DaP SOA.....	57
Gráfico 16: Influência da Situação Profissional em DaP SAN e DaP SOA.....	58
Gráfico 17: Influência do Rendimento do Agregado em DaP SAN e DaP SOA	59
Gráfico 18: DaP SAN e SOA em função da Valorização de Variáveis Ambientais	60



INTRODUÇÃO

O tema escolhido para esta dissertação, surge da profunda convicção de que Portugal reúne as condições naturais necessárias para se afirmar como um destino de *Surf* de excelência, mas também da constatação de ser necessário e urgente repensar o modelo de desenvolvimento costeiro seguido ao longo das últimas décadas.

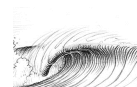
A costa portuguesa possui, através das suas ondas e praias, recursos naturais não deslocalizáveis, de difícil imitação e por isso altamente diferenciadores. Se corretamente explorados num contexto de preservação ambiental, poderão constituir o motor de desenvolvimento económico de comunidades locais, a carecer de revitalização após o declínio das atividades tradicionais ligadas à economia do mar.

Apesar desse potencial, os fluxos migratórios de população do interior para o litoral têm vindo a aumentar exponencialmente a pressão exercida sobre os recursos naturais marinhos e costeiros, originando a sua degradação. O fenómeno tem sido agravado por modelos de desenvolvimento turístico e planos de ordenamento da orla costeira, permissivos no que à construção diz respeito.

A aposta em novos setores marítimos ou a reformulação de setores nos quais Portugal possui notoriedade, desde que contribuindo para a revitalização económica e ambiental das regiões costeiras, poderá constituir a resposta necessária para que se afirme, novamente, como um país marítimo por excelência, dentro e fora de portas. Novas oportunidades existem tanto ao nível da exploração de recursos minerais e energéticos, como da biotecnologia, do turismo náutico, dos desportos de ondas, entre outros.

Nesta perspetiva, os desportos de ondas, pelas características únicas de que o país dispõe para sua prática, podem contribuir para a reinvenção de Portugal enquanto destino turístico, projetando uma imagem distintiva de uma costa com ondas e praias com qualidade.

O *Surf*, começou nos últimos anos a despertar o interesse do mundo académico. Que haja conhecimento, o seu estudo enquanto atividade capaz de revitalizar economicamente as regiões costeiras e, ao mesmo tempo, contribuir para a preservação do seu património natural, é uma matéria ainda pouco explorada.



Dada a escassez de dados sobre a modalidade e sobre o turismo a ela associado (Dolnicar e Fluker, 2003), no âmbito do presente trabalho foi elaborado um questionário dirigido à comunidade surfista, desenvolvido especificamente para a recolha de dados primários.

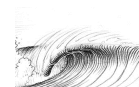
Numa esfera mais lata, constitui parte do esforço de identificação do valor económico e social dos locais de *Surf*, área de investigação apontada por Coffman e Burnet (2009) como necessária. Estando o foco centrado na componente ambiental, identificada por Reynolds e Hritz (2012) como um campo futuro de investigação, abrange a tentativa de estimação da disponibilidade a pagar (DaP) pelos surfistas, para melhorias ambientais nas áreas costeiras, tal como recomendado por Durham e Driscoll (2010).

A análise das preferências dos inquiridos sobre diferentes combinações de atividades complementares ao *Surf*, faz igualmente parte integrante deste estudo. Partindo de Nunes (2011b), que caracteriza o *Surf* como um *cluster* aglutinador de valor económico e social, com um conjunto de efeitos multiplicadores em diversas atividades, são analisadas diferentes combinações de modo a perceber se, e quais, contribuem para aumentar a atratividade das regiões costeiras face a outras ofertas turísticas.

Partindo dos pressupostos atrás enunciados, exploração dos recursos costeiros de forma sustentável e aposta em áreas diferenciadoras relacionadas com a Economia do Mar, esta dissertação tem como principal objetivo dar resposta à seguinte questão:

Em que medida pode o *Surf* em Portugal, ser um motor de dinamização económica e preservação ambiental das regiões costeiras, capaz de proporcionar vantagens competitivas diferenciadoras face aos demais países?

Nesse âmbito, pretende-se analisar a relevância do bom estado do litoral para a prática da modalidade, bem como formas de maximizar a proposta de valor para quem dele usufrui, através da conjugação de modalidades de ondas com atividades de Natureza, ou outras associadas a um estilo de vida saudável, conceito designado ao longo deste trabalho como “*Surf & Natureza*”.



O estudo que a partir de agora se desenvolve, está dividido em 4 capítulos. Por ser um tema relativamente recente na literatura, entendeu-se ser uma mais-valia contextualizar o *Surf* no domínio da economia do mar e do setor do turismo, sendo apresentados os principais dados económicos considerados como relevantes no primeiro capítulo. De uma visão abrangente sobre os principais sectores que constituem a economia do mar, o texto evolui para o turismo marítimo e seus diferentes componentes, terminando com o turismo de *Surf*.

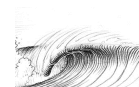
Sendo o retorno económico e a preservação ambiental, premissas nas quais se baseia todo o trabalho, o segundo capítulo é exclusivamente dedicado à temática, explorando não só a relação existente entre turismo de *Surf* e os ecossistemas costeiros mas, sobretudo, as metodologias existentes para a valoração ambiental destes últimos, sendo aqui efetuada a revisão da literatura, com enfoque no *Surf* enquanto atividade recreativa costeira.

O terceiro capítulo reveste-se de especial importância, por ser nele que se desenvolve o estudo de caso dedicado ao *Surf* como promotor de preservação ambiental do litoral português. Começando pela explicação e justificação da metodologia utilizada, são de seguida apresentados e analisados os principais resultados, obtidos pela aplicação do questionário já mencionado.

Com início na caracterização sócio demográfica dos inquiridos, o trabalho avança para a identificação dos atributos valorizados na prática de *Surf* e para a estimação do valor que a comunidade de ondas atribui aos recursos naturais costeiros, através da utilização de taxas ambientais como veículo de pagamento hipotético.

Para melhor definir as características de futuras políticas de desenvolvimento do litoral e a quem as dirigir, no ponto seguinte os dados são segmentados em função das características sociodemográficas dos inquiridos e da valorização de atributos por eles expressa. Finalmente, os mesmos passos são adotados no estudo de diferentes conjugações de atividades inseridas no conceito “*Surf* & Natureza”, de modo a identificar as propostas de valor mais relevantes.

No quarto e último capítulo são sumarizadas as principais conclusões, finalizando com a indicação de constrangimentos que não se conseguiram ultrapassar, bem como de pistas para investigação futura.



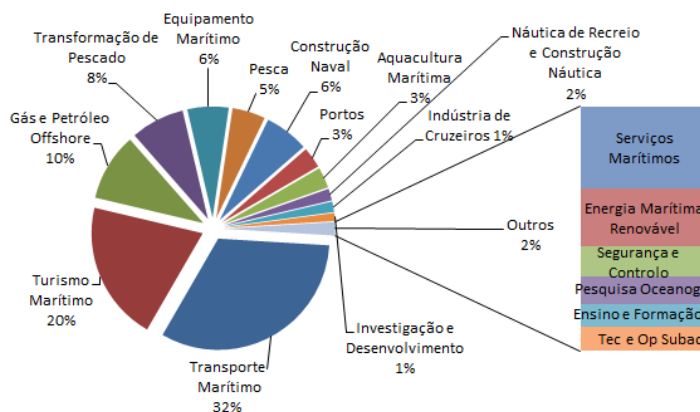
CAPÍTULO 1 – SURF NO CONTEXTO DA ECONOMIA DO MAR E DO SETOR DO TURISMO

1.1. Mar – O Novo Paradigma de Desenvolvimento

Enquadramento e Indicadores

O mar, pela diversidade de atividades que impulsiona a nível mundial, movimentou um volume de negócios que, no ano de 2010, ascendeu a 1006 mil milhões de euros. O Turismo Marítimo, incluindo atividades que vão desde os desportos náuticos até aos cruzeiros de férias, com um volume de 204 mil milhões de euros representa 20% da denominada Economia Azul¹, logo após o Transporte Marítimo, principal sector de atividade (gráfico 1).

Gráfico 1: Setores Marítimos Mundiais
(peso relativo em função do volume de negócios de 2010)



Fonte: Elaboração própria com base em Douglas - Westwood, 2005

Na Europa, continente no qual 43% da população vive em regiões costeiras² (196 milhões de pessoas) e onde mais de 75% do comércio externo se efetua por mar (CCE, 2006), o Turismo Marítimo é o terceiro setor em volume de negócios, representando aproximadamente 42% do total mundial de 2010, merecendo ainda destaque o Transporte Marítimo e o setor da Energia Marítima Renovável (gráfico 2).

¹ O conceito Economia Azul abrange o conjunto de atividades económicas relacionadas com o denominado “Crescimento Azul”, crescimento económico e de emprego, sustentável, inteligente e inclusivo, associado aos oceanos, mares e regiões costeiras (Ecorys, 2012).

² Regiões costeiras são entendidas como regiões estatísticas NUTS III, com linha de costa ou mais de metade da população a viver no máximo a 50 km do mar (Eurostat, 2013).

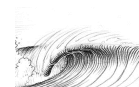
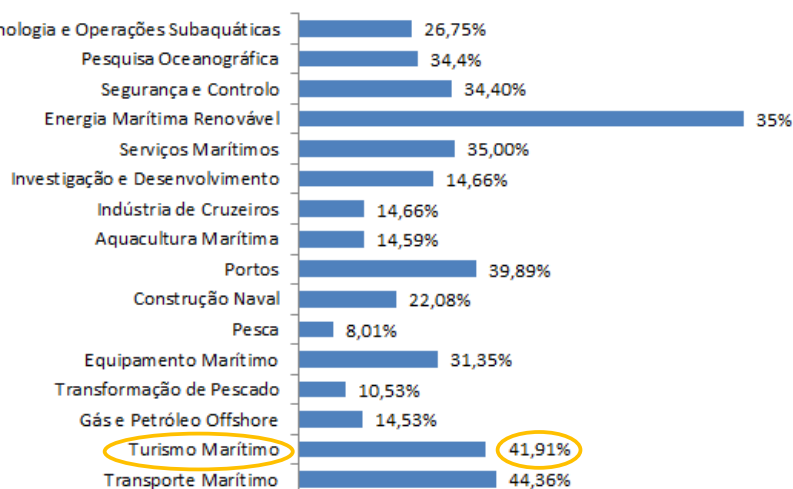


Gráfico 2: Setores Marítimos Europeus
(peso relativo no volume de negócios mundial em 2010)



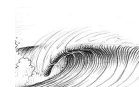
Fonte: Elaboração própria com base em Douglas - Westwood, 2005

Especificamente sobre a União Europeia, as atividades marítimas geraram, em 2011, 555 mil milhões de euros em volume de negócios, estimando-se que em 2020, juntamente com a Noruega, este montante ascenda a 815 mil milhões de euros, possibilitando a criação de emprego a 7 milhões de cidadãos (Ecorys, 2012)³.

Portugal dispõe de uma faixa costeira com cerca de 2800 Km, incluindo as parcelas insulares (Ribeiro et al., 2010) e a maior Zona Económica Exclusiva da União Europeia, com aproximadamente 1,7 milhões de Km², 18 vezes a área terrestre do território português (Ribeiro et al., 2010; Neves e Duarte, 2013)⁴. Com 61% do seu comércio internacional de mercadorias a ser efetuado por via marítima (INE, 2012), 90% dos turistas a visitarem o país à procura da proximidade ao mar (CEO, 2004) e uma elevada densidade populacional nos territórios litorais, principalmente entre Viana do Castelo e Setúbal (INE, 2013a), assume-se como um país marítimo por excelência e, como tal, com elevada dependência económica e social face ao Oceano Atlântico.

³ Nos 27 estados membros da União Europeia e Noruega, o valor acrescentado bruto (VAB) gerado pelas atividades marítimas corresponde a 42% do volume de negócios, sendo os restantes 58% provenientes de compras intermédias (PRC, 2008). Com base nesse pressuposto e na estimativa para 2020, de 590 milhões de euros de VAB (Ecorys, 2012), o volume de negócios para esse ano foi calculado em 815 mil milhões de euros.

⁴ Em Maio de 2009, foi entregue na CLPC (Comissão de Limites da Plataforma Continental) da ONU (Organização das Nações Unidas), uma proposta de alargamento da plataforma continental, das atuais 200 para 350 milhas náuticas. Com grande probabilidade de ser aceite, permitirá que o Estado português exerça direitos de soberania e jurisdição sobre recursos naturais e certas atividades, numa área de 3,6 milhões de km², quase 39 vezes o território terrestre nacional e mais de 82% do território UE-27 (Ribeiro et al., 2010).



A dificuldade de acesso a dados estatísticos sobre a totalidade de atividades que compõe a economia do mar portuguesa, dificulta o cálculo da sua real dimensão, dando origem a valores que seguramente pecam por defeito. De qualquer modo, com base na informação disponível, o volume de negócios de 2012, incluindo efeitos diretos e indiretos em atividades turísticas costeiras como o alojamento e a restauração, ascendeu a aproximadamente 10 mil milhões de euros (tabela 1), cerca de 6% do PIB nacional desse ano (Pordata, 2014).

Tabela 1: Principais Setores Marítimos Portugueses

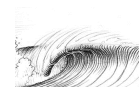
Setores Marítimos (2012)	Vol Neg (€ Milhões)	%	Emprego (Milhares)
Pesca e Atividades Conexas	2684	26,59%	28,8
Transportes Marítimos	664	6,58%	4,1
Construção e Reparação Naval	245	2,43%	3,5
Outras Atividades Costeiras	6500	64,40%	-
Total	10093	100,00%	

Fonte: Elaboração própria com base em INE (2013b)

Ao longo dos últimos anos a economia marítima nacional tem-se encontrado em estado embrionário⁵, com o sector da Pesca e Atividades Conexas a manter um importante peso no volume de negócios e no emprego. Grande parte da explicação reside no declínio de setores tradicionais provocado pelo choque petrolífero de 1973 (forte aumento nos custos), pelo desaparecimento das linhas de comunicação marítimas privilegiadas com África e Extremo Oriente (independência dos territórios ultramarinos) e pela redução da frota pesqueira após a adesão à Comunidade Económica Europeia. Contudo, atualmente emergem novas oportunidades em setores inovadores como a biotecnologia, a energia e as atividades náuticas recreativas.

Estas últimas, foco de incidência do presente trabalho, têm em Portugal o potencial de desenvolvimento de um novo conceito turístico, capaz de conciliar desenvolvimento económico local com preservação dos recursos naturais costeiros, contribuindo para a revitalização das regiões litorais que foram perdendo sustentabilidade económica pelos motivos já mencionados.

⁵ No ano de 2006, a economia do mar portuguesa (considerando efeitos diretos e indiretos) representava, tal como em 2010, cerca de 5% a 6% do PIB nacional e 185 mil postos de trabalho. O potencial estimado para 2025, corresponde a cerca de 10% a 12% do PIB nacional (SaeR/ACL, 2009).



Pelo motivo acima exposto, apresentam-se alguns indicadores sobre o turismo, com enfoque na sua componente marítima.

1.2. Turismo Marítimo e Subsetores

O turismo é a maior indústria mundial, responsável por 9% do Produto Interno Bruto considerando efeitos diretos, indiretos e induzidos e por 1 em cada 11 empregos. Em 2012, foram atingidos máximos históricos mundiais de 837 mil milhões de euros em volume de negócios, com o mercado europeu, o mais visitado em todo o Mundo, a ter um peso de 42,6% e a região onde se insere Portugal de 15,9% (tabela 2)⁶.

Tabela 2: Dimensão Económica do Setor do Turismo

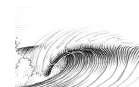
Volume de Negócios (€ Milhões)	2011	2012	%	△ 12/11
Mundo	749000	837000	100,0%	11,7%
Europa	335300	356300	42,6%	6,3%
UE-27	271800	286200	34,2%	5,3%
Euro Sul + Med	128800	133400	15,9%	3,6%

Fonte: Elaboração própria com base em UNWTO (2013)

Na União Europeia, o Turismo Marítimo⁷ assume-se como um setor vital para inúmeras economias locais (CE, 2012). Em 2011, o seu volume de negócios na UE-27 ascendeu a 183,1 mil milhões de euros, um terço do total da economia marítima da UE-27 e representou 3,18 milhões de postos de trabalho (tabela 3), quase perfazendo a totalidade da previsão mundial anteriormente referida para o ano de 2010 (204 mil milhões de euros), evidência de que este setor apresenta níveis de crescimento relevantes, acima das projeções.

⁶ No ano de 2014 deverá manter-se a tendência de crescimento, tendo em conta as previsões de subida face ao ano anterior no número de passageiros a aterrar em aeroportos internacionais, 4% a 4,5% (UNWTO, 2014), acima das projeções de 3,3% ao ano, para o período de 2010 a 2020 (UNWTO, 2011). Já em 2015, o peso das economias emergentes em turismo, nas quais se inclui Portugal, deverá ultrapassar o das mais desenvolvidas (UNWTO, 2013).

⁷ Turismo Marítimo compreende todo o turismo baseado no contacto com a água (desportos náuticos, cruzeiros, náutica de recreio,...), incluindo atividades relacionadas com infraestruturas, construção de equipamentos e disponibilização de serviços. Subdivide-se em Turismo Costeiro, Turismo de Cruzeiros e Náutica de Recreio (Ecorys, 2013). Segundo o PENT (Turismo de Portugal, 2006), a Náutica de Recreio está incluída no Turismo Náutico. Não estando no âmbito deste trabalho explorar as diferenças entre estes conceitos, serão considerados como idênticos.



Com 63% dos turistas europeus a ter preferência pelas regiões costeiras para passar férias (Ecorys, 2013), o Turismo Costeiro⁸, um dos componentes do Turismo Marítimo, destaca-se pelo peso nestes indicadores com percentagens de 71% e 79% respetivamente, confirmando o potencial de gerar rendimento, emprego e valor adicional para as economias locais, mencionado em Bergstrom et al. (1990, in Barry et al., 2011).

Especificamente sobre a Bacia Atlântica, região onde se situa Portugal, o peso relativo do Turismo Costeiro é ainda maior, gerando 75% do volume de negócios e 84% do emprego associado ao Turismo Marítimo (tabela 3).

Tabela 3: Dimensão Económica do Turismo Marítimo

Turismo Marítimo	Volume de Negócios				Emprego			
	€ milhões	Peso	Ano	Fonte	Milhões	Peso	Ano	Fonte
Mundo	204000	100%	2010	Douglas-Westwood, 2005	-	-	-	-
Europa	85700	42%	2010	Douglas-Westwood, 2005	-	-	-	-
UE-27	183100	100%	2011	Ecorys, 2013	3,18	100%	2011	Ecorys, 2013
(Turismo Costeiro)	129900	71%	2011	Ecorys, 2013	2,50	79%	2011	Ecorys, 2013
Bacia Atlântica	34500	100%	2011	Ecorys, 2013	0,60	100%	2011	Ecorys, 2013
(Turismo Costeiro)	26000	75%	2011	Ecorys, 2013	0,50	84%	2011	Ecorys, 2013

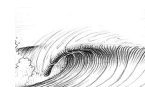
Fonte: Elaboração própria com base nos autores mencionados ⁹

Em Portugal, o Turismo Marítimo é reconhecido no PENT como um dos 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo (Turismo de Portugal, 2007) e uma das linhas de ação das políticas de desenvolvimento económico setorial na área do Oceano (CEO, 2004). Em 2006, foi o 6.º país da União Europeia com a maior percentagem de empregos associados ao Turismo Costeiro (2,1% ou 108 147 postos de trabalho), acima da média de 1,1% verificada na União Europeia (Ecorys, 2013). No entanto, país tradicionalmente associado ao segmento “Sol e Praia”¹⁰, corre o risco de não atingir as metas de crescimento de 6,3% ao ano, previstas para as receitas turísticas do período 2012-2015,

⁸ O turismo costeiro é por definição turismo de praia recreativo (ex: fazer *Surf*, ir à praia), abrangendo atividades turísticas para as quais a proximidade ao mar é uma condição de existência (Ecorys, 2013).

⁹ O volume de negócios mundial e europeu do ano de 2010, é bastante reduzido quando comparado com os dados de 2011 para a região UE-27. A explicação reside no facto dos primeiros resultarem de uma estimativa efetuada em 2005, que se veio a revelar pecar por defeito. Todavia não foi possível encontrar dados globais mais recentes.

¹⁰ O turismo de “Sol e Praia” representou em 2011, 78,6 milhões de viagens em todo o mundo, sendo de prever que chegue a 81,5 milhões em 2020 (Turismo de Portugal, 2013).



devido à crescente concorrência de países como a Turquia, Marrocos e Croácia (Turismo de Portugal, 2013). Importa por isso explorar alternativas para inverter a tendência, como o Turismo Náutico, outra componente associada ao Turismo Marítimo.¹¹

No ano de 2020, as viagens efetuadas por motivos náuticos em todo o Mundo, deverão ascender a 4,1 milhões, com as previsões para território nacional a apontar para incrementos anuais de 3% a 4%. Verifica-se no entanto que o Turismo Náutico está pouco dinamizado em Portugal, com apenas 1,2% dos turistas a visitar o país por motivos náuticos e o seu contributo na criação de riqueza a não passar de 0,07% do PIB¹², em contraciclo com a União Europeia (Turismo de Portugal, 2013).¹³

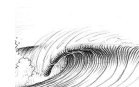
Pelo exposto, o Turismo Costeiro, em particular a sua componente náutica recreativa, pode contribuir para que Portugal conquiste novos públicos-alvo, ávidos por opções de entretenimento sofisticadas. Nessa perspetiva, o *Surf*¹⁴, pode constituir uma oportunidade de diferenciação face a outros países de vocação marítima, aspeto que irá ser tratado ao longo deste trabalho. De imediato apresenta-se uma breve súmula sobre o Turismo de *Surf*.

¹¹ O Turismo Náutico é considerado no PENT (Turismo de Portugal, 2006), como o desfrutar de uma viagem ativa em contacto com a água, na qual existe a possibilidade de realização de várias actividades náuticas, em lazer ou competição. Segundo THR (2006), divide-se em Náutica de Recreio (85% do sector) e Náutica Desportiva (restantes 15%). Ao longo deste trabalho, em linha com o que foi feito a partir do PENT de 2007 e em Guimarães e Zamith (2008), não é efetuada esta distinção.

¹² O Turismo Náutico, em conjunto com as restantes atividades associadas à economia marítima portuguesa, nomeadamente os Transportes Marítimos, Portos e Logística, a Pesca, Aquicultura e Industria de Pescado, têm um efeito direto no PIB nacional de 1,92% (SaeR/ACL, 2009).

¹³ Na Europa, em 2006, registaram-se perto de 3 milhões de viagens náuticas internacionais, às quais se podem acrescentar cerca de 7 milhões em que “apesar do turista se deslocar essencialmente por outras motivações, acaba por praticar/realizar alguma atividade ligada ao turismo náutico” (THR, 2006).

¹⁴ *Surf* deve ser entendido como o ato de deslizar numa onda. Um surfista, é uma pessoa que utiliza o seu corpo ou uma embarcação não motorizada para deslizar na face de uma onda (Lazarow et al., 2009).



1.3. Turismo de *Surf*

O Turismo de *Surf*¹⁵ mantém-se um nicho de mercado pouco estudado (Mach, 2009). Há no entanto publicações que o referem como uma das principais modalidades do Turismo Náutico (THR, 2006) e das que mais praticantes atraem (Dolnicar e Flucker, 2003). Outros autores apontam-no como o setor que mais cresce na indústria das ondas, mesmo não incluindo todos os que apesar de não viajarem especificamente para surfar, têm aulas ou visitam um *Surf Camp*¹⁶ durante a sua estadia (Ponting, 2008; Warshaw, 2004, in Mach, 2009).

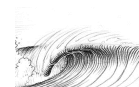
Com o número de surfistas a aumentar exponencialmente¹⁷, 10 milhões de surfistas com poder de compra viajam anualmente à procura de ondas (Ecorys, 2013). Em países como a Costa Rica, esta forma de turismo representa 25% da atividade turística (Lazarow et al., 2009) e em destinos populares como o Havai, Austrália ou Indonésia, o rendimento económico anual gerado em torno do *Surf* ascende a 10 milhões de dólares (Buckley, 2012).

Em Portugal, a modalidade poderá representar para o sector nacional do turismo, um valor anual compreendido entre 1,5 a 3 mil milhões de euros, provenientes de 60 mil estrangeiros que semanalmente procuram as ondas portuguesas e que gastam, *per capita*, na ordem de 1000 euros (Bicudo e Horta, 2009). Considerando o montante de 80 euros diários (560 euros por semana) mencionado por Guimarães e Zamith (2008) e Gamito (2009), em linha com o referido em Ecorys (2013) sobre os turistas costeiros, chega-se a um valor anual de 1,75 mil milhões de euros.

¹⁵ Dolnicar e Flucker (2003) definem Turismo de *Surf* como viagens que envolvam participação ativa no *Surf*, por períodos de tempo inferiores a 6 meses (destinos nacionais) ou 12 meses (destinos internacionais).

¹⁶ Um *Surf Camp* é por definição um alojamento vocacionado para surfistas, que beneficiam de formação, atividades relacionadas com o *Surf* e companhia de quem tem o mesmo objetivo (COTEC, 2012).

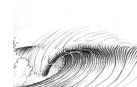
¹⁷ Em todo o Mundo surgem anualmente 500 mil novos praticantes (Ecorys, 2013). Atualmente há cerca de 23 milhões de surfistas distribuídos maioritariamente pelos Estados Unidos, Reino Unido, Portugal, Espanha, França, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia (Mach, 2009). Na Europa (EuroSIMA, 2013) o seu número ascende a 1 milhão, repartido principalmente pelo R. Unido (300 mil), França (300 mil) e Espanha (180 mil).



De um modo geral, o retorno económico da globalidade da indústria é 20% superior ao da Vela e o dobro do que é proporcionado pelo Golf (Butt, 2010)¹⁸. Apenas em Portugal, no ano de 2008, foram gerados 150 a 200 milhões de euros em *Cash-Flows* e entre mil a dois mil postos de trabalhos diretos (Bicudo e Horta, 2009). O número de surfistas que vão para a água em território nacional, pelo menos uma vez por semana, cresce a ritmos de 25% a 30% ao ano, estimando-se que em 2008 fossem 50 a 70 mil (Bicudo e Horta, 2009). É por isso o país europeu com o maior número de praticantes regulares (EuroSIMA/Arcane, 2008) e com um grande potencial de evolução, tendo em conta que entre 100 a 500 mil portugueses já surfaram pelo menos uma vez na vida (Bicudo e Horta, 2009).

No capítulo seguinte irá ser abordada a questão de compatibilidade entre o turismo de *Surf* e a preservação dos ecossistemas costeiros, bem como a respetiva problemática associada à atribuição de valor a bens não transacionáveis.

¹⁸ De acordo com Pitta e Cunha (2011), o *Surf* apresenta um potencial semelhante ao de desportos de neve na Suíça, podendo ultrapassar outros nichos igualmente relevantes como o Golfe (2,1 milhões de viagens em 2011 e previsões para 3 milhões em 2020). O PENT (Turismo de Portugal, 2013), acrescenta que o *Surf* pode vir a ser mais importante que o segmento da Saúde e Bem-Estar e que o próprio turismo de “Sol e Praia”.



CAPITULO 2 – SURF E VALORAÇÃO AMBIENTAL

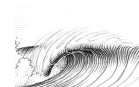
2.1. Relação entre Turismo de *Surf* e Ecossistemas Costeiros

Butler (1980) estabelece uma interessante base conceptual sobre a interação entre o crescimento do turismo e o meio ambiente, o denominado ciclo de Butler. Segundo o autor, há um ponto a partir do qual os ecossistemas são incapazes de repor em tempo útil o Capital Natural¹⁹ destruído, deixando de ser capazes de manter níveis de produtividade para satisfazer o crescimento da procura. Mais recentemente, Ghermandi e Nunes (2013) referem que por cada aumento de 1% na pressão antropogénica, o valor recreativo de um recurso reduz-se em 26,8%.

A explicação reside no que Hardin (1968) apelidou por Tragédia dos Comuns, fenómeno associado aos bens que apresentam uma utilização caracterizada pela Rivalidade e pela Não Exclusão, como é o caso dos recursos naturais costeiros. Nessas situações, dada a ausência de bens e serviços ambientais transacionáveis, a livre atuação dos mercados revela-se incapaz de lhes atribuir um valor que garanta o equilíbrio entre a oferta e a procura (Costanza et al., 1997) e que transfira (internalize) para os utilizadores, os custos da sua manutenção e preservação. Cada individuo, isento de restrições, vai procurar maximizar a sua função de bem-estar (um comportamento racional) utilizando os recursos de forma excessiva e originando resultados de bem-estar aquém do ponto social ótimo.

Na literatura são encontradas várias referências sobre impactos ambientais negativos associados ao turismo costeiro. A contribuição para a poluição da atmosfera, dos oceanos e da água doce surge referenciada em Gossling et al. (2011) e UNEP-WCMC (2011). Durham e Driscoll (2010) mencionam que o aumento de turistas tem frequentemente repercussões negativas nos ecossistemas, com as áreas costeiras especialmente em risco. Estudos sobre impactos nos ecossistemas de regiões menos desenvolvidas como a América Central e o Indo-Pacífico (Buckley, 2002a; Buckley 2002b; Mach, 2009; Ponting et al., 2005), alertam

¹⁹ Capital Natural é constituído por definição, pelo conjunto de ecossistemas naturais e seus produtos e serviços, que não requerem atividade humana para serem criados ou mantidos (Costanza et al., 2011). Os serviços, de acordo com Millenium Ecosystem Assessement Board (2005), vão desde os de provisão (fornecimento de alimentos, matérias-primas) e regulação (regulação climática, controlo de cheias), até aos culturais (benefícios estéticos, atividades recreativas) e de suporte (habitats para animais, fixação de carbono).



para as consequências ambientais e sociais negativas provocadas pela combinação de mercados não regulados com o aumento do número de turistas de *Surf*.

Em oposição ao mencionado, há correntes de pensamento a defender que o turismo, desde que corretamente implementado e de forma não massificada, pode representar um agente de desenvolvimento sustentável, com o próprio Butler (1999) a ser um dos autores a fazê-lo. Em países como a Irlanda, a dinamização de desportos aquáticos é apontada como uma forma de assegurar a proteção dos benefícios ecológicos costeiros (Galway City Council, 2008, in Barry et al., 2011), sendo esta a ideia que serve de base para este trabalho. Nesse sentido, o *Surf* constitui uma forma de turismo com baixo impacto, baseada na Natureza e uma fonte de desenvolvimento sustentável e de preservação ambiental (Dolnicar e Flucker, 2003; Durham e Driscoll, 2010). Na mesma linha de raciocínio, o Plano Estratégico do Turismo Português (Turismo de Portugal, 2006) insere-o nas tipologias de Turismo de Natureza – em que a prática de desportos de aventura na Natureza é a principal motivação - e de Turismo Náutico - entendido como desfrutar de uma viagem ativa em contacto com a água, com a possibilidade de realizar todo o tipo de atividades náuticas, em lazer ou em competição.

A necessidade do mercado em adequar a oferta às expectativas dos turistas de *Surf*, tem incentivado o surgimento de estudos recentes²⁰ sobre os fatores mais valorizados por este público-alvo, sumarizados na tabela 4. Entre outros, surgem como determinantes a qualidade e variedade das ondas, a par das características ambientais dos locais de prática recreativa. Dolnicar e Flucker (2003) evidenciam que os surfistas estão dispostos a percorrer grandes distâncias para encontrar ambientes preservados com poucos praticantes na água, constituindo a “Qualidade do Ambiente Natural”, uma das características mais desejáveis de um destino turístico de *Surf*.

Referências à temática estão também presentes em Lazarow et al. (2009) que, a partir do conceito de *Surfing Capital*²¹ identifica os fatores relevantes para o ato de surfar.

²⁰ Aproximadamente dois terços da literatura foi produzida entre 2007 e 2011 (Martin e Assenov, 2012).

²¹ O conceito de *Surfing Capital* é entendido como o conjunto de fatores que podem afetar o ato de surfar, como sejam a qualidade e frequência das ondas, a qualidade da água, as políticas existentes de gestão do recurso recreativo e a ligação emocional ao local.

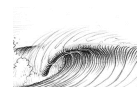


Tabela 4: Atributos Altamente Valorizados pela Comunidade Surfista

Atributos Altamente Valorizados	Fonte
Qualidade e Frequência das Ondas	Dolnicar e Fluker (2003); Lazarow et al. (2009); Barbieri e Sottomayor (2013)
Meio Ambiente Saudável	Dolnicar e Fluker (2003); Lazarow et al. (2009); Barbieri e Sottomayor (2013); Onofri e Nunes (2013)
Existência de Locais Preservados	Dolnicar e Fluker (2003); Barbieri e Sottomayor (2013)
Segurança / Pouco Crowd	Dolnicar e Fluker (2003); Lazarow (2008); Barbieri e Sottomayor (2013)
Vivência (1)	Lazarow et al. (2009)

Legenda:

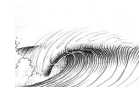
(1) Condições sociais existentes, nomeadamente o acesso às praias ser público ou privado, o tipo de regras vigentes na comunidade surfista, a presença de espírito comunitário ou de “localismo” e ainda fatores associados ao bem-estar e realização pessoal, como efetuar atividade física, entre outros.

Fonte: Elaboração própria com base nos autores mencionados.

Até ao momento, foi abordada a dimensão e relevância da Economia do Mar ao nível mundial, europeu e nacional, com especial enfoque num dos componentes com potencial de desenvolvimento em Portugal, o turismo de *Surf*. De acordo com os atributos valorizados pelos seus praticantes, é desejável uma gestão dos recursos naturais costeiros que conduza à sua preservação, sem a qual o país pode ver desperdiçada uma oportunidade de dinamização económica sustentável das comunidades litorais. Contudo, para que a preservação do património natural costeiro seja colocada na equação dos órgãos governativos, é necessário que percecionem corretamente o valor dos ecossistemas, aspeto que a seguir passa a ser retratado.

2.2. Valoração de Recursos Naturais Costeiros

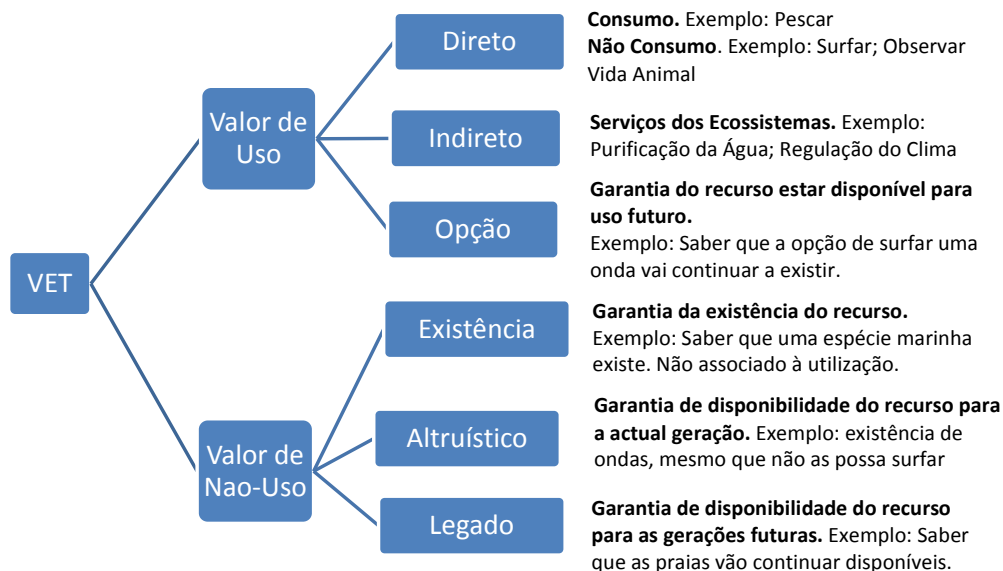
A definição de modelos capazes de traduzir em unidades monetárias, os bens e serviços prestados pelos ecossistemas costeiros e de lidar com a alocação de recursos escassos, surge como um importante auxiliar no processo de decisão político (Turner et al., 2003, Lourenço-Gomes et al., 2013a). O objetivo não consiste em colocar um preço no ambiente mas antes expressar o efeito provocado por uma alteração marginal na provisão dos serviços, comparativamente a outras coisas que as pessoas valorizam (Hanley e Shogren, 2002, Randall, 2002, in Turner et al., 2003; Coffman e Burnett, 2009).



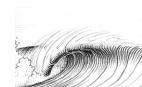
Para o efeito, a economia recorre a Metodologias de Preferências Reveladas, baseadas na análise do comportamento revelado pelos consumidores na economia real, e a Metodologias de Preferências Expressas, assentes em cenários hipotéticos que imitam as transações e escolhas efetuadas no mercado, através dos quais os inquiridos expressam as suas preferências (Costanza et al., 2011; Lourenço-Gomes et al., 2013a). Ambas procuram estimar o Valor Económico Total do recurso (VET), conceito que não se restringe aos benefícios proporcionados pelo uso direto (utilização física, como pescar ou visitar um parque natural), indireto (purificação da água, prevenção da erosão do solo) ou possível uso futuro (valor de opção) do bem. Ao incorporar valores de uso e valores de não-uso, constitui uma expressão do valor agregado do recurso ambiental (no gráfico 3 é apresentada uma das suas possíveis decomposições).

Segundo UNEP-WCMC (2011), a Metodologia de Valoração Contingente (um dos métodos de Preferências Expressas), pela capacidade que tem em determinar valores de uso e de não-uso, é a opção mais utilizada na estimação da Disponibilidade a Pagar (DaP) por alterações hipotéticas na provisão dos serviços prestados pelos ecossistemas marinhos e costeiros. Hanemann et al. (1991) e Lourenço-Gomes et al. (2014) acrescentam ser frequentemente utilizada na medição de valor de bens não disponíveis no mercado, com características de bens públicos, como é o caso dos recursos recreativos.

Gráfico 3: Valor Económico Total (VET) de um Recurso Ambiental



Fonte: Elaboração própria com base nas diferentes perspetivas de Robinson (2001), Ledoux e Turner (2002), Pendleton et al. (2007), Costanza et al. (2011) e UNEP-WCMC (2011).



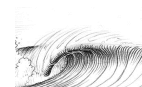
O *Surf* está inserido no conjunto de atividades cujo valor para a sociedade não é adequadamente traduzido em bens negociados pelo mercado, com as ondas a proporcionarem benefícios aos surfistas e observadores como sejam a felicidade, a boa forma física, a paz de espírito e a concentração (Coffman e Burnett, 2009; Butt, 2010). Por esse motivo, os exercícios de valoração efetuados ao longo do presente trabalho recorrem a técnicas provenientes da Metodologia de Valoração Contingente. Por agora, são apresentados os principais estudos encontrados na literatura, sobre a valoração do *Surf* enquanto atividade recreativa costeira.

Apesar do valor socioeconómico do *Surf* para muitas comunidades ser significativo (Lazarow, et al. 2009), a maioria dos autores tem-se limitado a estimar o seu impacto económico com recurso às transações de bens e serviços²², incluindo apenas os valores de uso direto relacionados com o consumo. Para colmatar essa lacuna, autores como Murphy e Bernal (2008) defendem a inclusão de medições sobre o valor atribuído pelos surfistas às modalidades. Para o efeito, a metodologia do custo de transporte (MCT), segundo Coffman e Burnett (2009) amplamente utilizada na determinação do valor recreativo de amenidades ambientais, tem sido a escolhida com maior regularidade pela capacidade em incorporar valores de uso sem expressão monetária nos mercados. Contudo, e tendo por base o levantamento efetuado por Lazarow et al. (2009), descrito na tabela 5, os valores de não uso raramente são estimados, apesar de representarem entre 35% a 77% do valor económico total de um recurso (Ledoux e Turner, 2002).

Em suma, não obstante os estudos mencionados serem reveladores do impacto significativo que o *Surf* tem nas economias costeiras, o facto da maioria não incorporar valores de não-uso, resulta em estimativas que poderão não expressar a real dimensão da modalidade nas economias litorais.

Estimações sobre o valor atribuído a recursos naturais recreativos e à qualidade ambiental a eles associada, são encontradas com maior abundância fora do universo do *Surf*. Mesmo considerando que a diversidade de pressupostos em que se baseiam poderá não aconselhar a

²² Método mais rápido e eficaz ao nível dos custos para analisar os efeitos de uma atividade recreativa no mercado (Murphy e Bernal, 2008). Corresponde aos fluxos monetários que ocorrem numa economia, associados à criação de empregos, pagamento de salários e impostos, gastos relacionados com alimentação e parqueamento, entre outros (Ponting, 2008).



que sejam efetuadas comparações, de imediato se constata que a Metodologia de Valoração Contingente é regularmente aplicada a ambientes costeiros, e que os inquiridos estão dispostos a pagar montantes expressivos para usufruírem de litorais preservados (tabela 6).

Adicionalmente, referências aos fatores ambientais enquanto maximizadores de utilidade, estão regularmente presentes em estudos que, seguindo as recomendações de Priskin (2003) e impulsionados pelo facto da satisfação individual que cada um retira das atividades recreativas ao ar-livre, estar fortemente relacionada com as suas preferências e com os atributos específicos do recurso (Mill et al., 2007, in Halkos e Matsiori, 2012), contemplam nos processos de valoração, desejos e perceções sobre a qualidade ambiental (tabela 7). Um dos estudos mais recentes (Ghermandi e Nunes, 2013), identifica a qualidade da água e a riqueza da biodiversidade marinha como atributos altamente valorizados em atividades recreativas costeiras, como a pesca ou o simples ato de tomar banho. Os mesmos autores fazem ainda referência a literatura que menciona correlações positivas entre o valor atribuído aos recursos naturais costeiros e a presença de habitats saudáveis ou a riqueza e variedade de organismos vivos.

Efetuada que está o enquadramento sobre o potencial do Turismo de *Surf* em território nacional e percorrida a literatura sobre os principais estudos económicos da modalidade, na segunda parte do presente trabalho são apresentados os resultados de um caso de estudo aplicado aos surfistas portugueses, com o intuito de determinar o valor por eles atribuído aos recursos naturais costeiros e identificar combinações de atividades recreativas que correspondam às suas expectativas e necessidades.

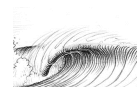


Tabela 5: Estimações do Valor do Surf em Locais Específicos

Autores	Local e Período Temporal	Tipo de Estudo	Valor	Contexto
Kelly, 1973, in Lazarow et al., 2009	Oahu, Havai, EUA, 1973	Mercado	13 milhões USD	Gastos em material técnico
Tilley, 2001	Pleasure Point, Califórnia, EUA, 2001	Custo de Transporte	8,3 milhões USD	Custo de transporte associado a deslocações para locais de Surf
Madrigal Calvo, 2006, in Lazarow et al., 2009	Costa Rica, 2006	Mercado	400 milhões USD	Total de gastos efetuados pelos surfistas que visitam o país
Lazarow, 2007	Ilha de South Stradbroke, Queensland, Australia, 2006-2007	Mercado	20 milhões AUD	Gastos anuais dos surfistas, incluindo equipamento
Nelsen et al., 2007	Trestles, Califórnia, EUA, 2006-2007	Mercado	8 a 13 milhões USD	Retorno económico anual para a cidade de San Clemente, proveniente dos surfistas que visitam a região de Trestles
Murphy e Bernal, 2008	Mundaka, País Basco, Espanha, 2008	Mercado	1,1 a 4,5 milhões USD	Impacto económico anual dos surfistas que visitam a onda de Mundaka (valores para 10 mil e 40 mil visitantes/ano)
Coffman e Burnett, 2009	Mavericks, Califórnia, EUA, 2009	Custo de Transporte	23,8 milhões USD	Impacto económico anual, associado à visita de 421.431 visitantes (efeitos diretos, indiretos e induzidos)
Nelsen, 1996, in Lazarow et al., 2009	El Segundo Reef, Califórnia, EUA, 1984-1998	Mercado	300 mil USD	Fundo angariado para a construção de um recife artificial de Surf
Lazarow et al., 2009	Los Angeles & Orange County, Califórnia, EUA, 1990-1999	Custo de Transporte	16 milhões USD	Valor associado à perda de todas as atividades recreativas por um período de 34 dias, devido a derrame de petróleo
Gough, 1999, in Lazarow et al., 2009	Mount Maunganui, Nova Zelândia, 1999	Disponibilidade a Pagar	500 mil NZD	Valor a pagar para a construção de um recife artificial de Surf, com capacidade de atrair 50 pessoas/dia
Lazarow et al., 2009	Oeste da Australia, 2004	Mercado	1,3 milhões AUD	Retorno estimado associado à construção de recife artificial de Surf
Ron Jon Surfparks, 2007, in Lazarow et al., 2009	Flórida, EUA, 2008	Custo de Construção	12 milhões USD	Custo de construção de um Parque de Surf (não inclui terreno e licenças)
Ove Arup and Partners International Ltd., 2001, in Lazarow et al., 2009	Cornwall, Reino Unido, 2001	Mercado	21 milhões GBP	Inquérito para estimar o valor do Surf na região da Cornwall

Fonte: Elaboração própria com base nos autores mencionados

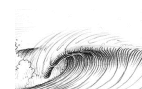


Tabela 6: Estudos sobre Valoração de Recursos Naturais Costeiros

Autores	Local e Período Temporal	Recurso Natural	Contexto	Metodologia	Valor
Kaoru, 1993, in Halkos e Matsiori, 2012	Ilha de Martha's Vineyard, EUA, 1993	Lago Costeiro (Qualidade Água)	DaP anual por pessoa, para melhoria da qualidade de água de lagos costeiros	Valoração Contingente	131 USD
Le Goffe, 1995, in Halkos e Matsiori, 2012	Porto de Brest, França, 1995	Porto de Mar (Qualidade Água)	DaP anual por agregado familiar, para manutenção da qualidade da água do porto de mar	Valoração Contingente	25 a 34 EUR
Machado e Mourato, 1998, in Remoundou et al., 2009	Lisboa, Portugal, 1998	Praia (Qualidade Ambiental)	DaP total dos habitantes de Lisboa, para passarem de praias com má qualidade para praias com boa qualidade ambiental	Valoração Contingente	16 114 EUR
Goksen et al., 2002, in Remoundou et al., 2009	Istambul, Turquia, 2002	Ecosistemas Costeiros (Qualidade Água)	DaP individual dos turistas, para combater a poluição marítima em Istambul	Valoração Contingente	28,64 EUR
Ledoux e Turner, 2002	Vários, 2002	Ecosistemas Costeiros (Qualidade Água)	DaP anual por agregado familiar, para benefícios associados à melhoria da qualidade da água de ecossistemas costeiros	Várias	66,8 a 263,5 USD
Chen et al., 2004, in Barry et al., 2011	Costa Leste da Ilha de Xiamen, China, 2004	Praia (Valor Recreativo)	Excedente do consumidor por visitante, associado aos benefícios decorrentes da utilização de uma praia Benefícios recreativos totais associados à utilização de uma praia	Custo de Transporte Zonal	16,90 USD 53,5 milhões USD
Alberini e Zanatta, 2005, in Remoundou et al., 2009	Lagoa de Veneza, Itália, 2005	Ecosistemas Costeiros (Qualidade Água)	Melhoria de bem-estar anual de todos os pescadores recreativos, provocada pelo aumento de 50% na taxa de captura de peixe devido à redução de poluição	Valoração Contingente	3,42 milhões EUR
Alberini et al., 2005	Ilha de S. Erasmo, Itália, 2005	Ecosistemas Costeiros (Qualidade Ambiental)	DaP média anual, por pessoa, para a melhoria da qualidade ambiental da ilha de S. Erasmo	Valoração Contingente	35 a 56 EUR
Brau e Cao, 2006, in Remoundou et al., 2009	Ilha de Sardenha, Itália, 2006	Ecosistemas Costeiros (Qualidade Ambiental)	DaP adicional diária, por pessoa, para alojamentos próximos de áreas protegidas	Escolha Contingente	50,13 EUR
Saengsupavanich et al., 2008	Tailândia, 2008	Praia (Valor Recreativo)	DaP individual por visita, dos utilizadores recreativos da praia de Nam Rin	Valoração Contingente	24,79 USD
Halkos e Matsiori, 2012	Costa de Volos, Grécia, 2012	Praia (Qualidade Ambiental)	DaP para melhoria da qualidade ambiental das praias	Valoração Contingente	5 a 50 EUR
Ledoux e Turner, 2002	Vários, 2002	Praia (Valor Recreativo)	DaP individual por visita, dos utilizadores recreativos de uma praia	Várias	1,75 a 56 USD

Fonte: Elaboração própria com base nos autores mencionados

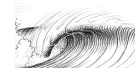
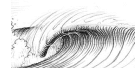


Tabela 7: Fatores Maximizadores de Utilidade em Atividades Recreativas ao Ar-Livre

Autores	Enquadramento	Maximizador de Utilidade
Anderson e Edwards, 1986, in Ghermandi e Nunes, 2013	Atividades Recreativas Costeiras (Pesca e Tomar Banho)	Qualidade da Água
Kaoru, 1993, in Halkos e Matsiori, 2012	Utilização Recreativa das Praias	Qualidade da Água
Goffe, 1995, in Halkos e Matsiori, 2012	Utilização Recreativa das Praias	Qualidade da Água
Hausman et al., 1995, in Ghermandi e Nunes, 2013	Valor dos Recursos Naturais Costeiros	Habitats Saudáveis
King, 1995, in Ghermandi e Nunes, 2013	Atividades Recreativas Costeiras (Pesca e Tomar Banho)	Qualidade da Água
Lew e Larson, 1995, in Halkos e Matsiori, 2012	Utilização Recreativa das Praias	Infraestruturas
Choe et al., 1996, Kawabe e Oka, 1996, Huang et al., 1997, in Ghermandi e Nunes, 2013	Atividades Recreativas Costeiras (Pesca e Tomar Banho)	Qualidade da Água
Tunstall e Penning-Rowsell, 1998, in Barry et al., 2011	Utilização Recreativa de Praias (Natação e Caminhadas)	Características Naturais
Whitehead et al., 2000, in Ghermandi e Nunes, 2013	Atividades Recreativas Costeiras (Pesca e Tomar Banho)	Qualidade da Água
Macleod et al., 2002, in Barry et al., 2011	Utilização Recreativa das Praias	Características Naturais
Park et al., 2002, Bhat, 2003, Carr e Mendelsohn, 2003, in Ghermandi e Nunes, 2013	Valor dos Recursos Naturais Costeiros	Riqueza e variedade de organismos vivos
Hanley et al., 2003, in Ghermandi e Nunes, 2013	Atividades Recreativas Costeiras (Pesca e Tomar Banho)	Qualidade da Água
McConagle e Swallow, 2005, in Halkos e Matsiori, 2012	Utilização Recreativa das Praias	Acessibilidades
Roca et al., 2009, in Halkos e Matsiori, 2012	Utilização Recreativa das Praias	Qualidade Ambiental
Sugiyama et al., 2010, in Barry et al., 2011	Utilização Recreativa de Praias (Caminhadas)	Espaços abertos
Burger, 2003, in Barry et al., 2011	Utilização Recreativa de Estuários Costeiros	Qualidade Ambiental
Nunes e van den Bergh, 2004, in Ghermandi e Nunes, 2013	Valor dos Recursos Naturais Costeiros	Habitats Saudáveis
McConagle e Swallow, 2005, in Halkos e Matsiori, 2012	Utilização Recreativa da Costa	Trilhos próprios para caminhadas
Rees et al., 2010, in Barry et al., 2011	Utilização Recreativa da Costa e do Oceano	Biodiversidade Marinha
Ghermandi e Nunes, 2013	Atividades Recreativas Costeiras	Qualidade da Água; Riqueza da Biodiversidade Marinha
Ghermandi e Nunes, 2013	Utilização Recreativa da Costa e do Oceano	Qualidade da Água e Riqueza da Biodiversidade Marinha
Daugstad, 2008, in Barry et al., 2011	Turismo Rural	Qualidade da Paisagem
Paudel et al., 2011, in Halkos e Matsiori, 2012	Utilização Recreativa Zonas Costeiras e Parque de Campismo	Qualidade Ambiental

Fonte: Elaboração própria com base nos autores mencionados



CAPITULO 3 – SURF COMO PROMOTOR DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO DO LITORAL PORTUGUÊS

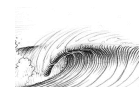
3.1. Metodologia

A investigação económica em torno do *Surf* revela-se uma tarefa árdua, com técnicas como os inquéritos telefónicos aleatórios (Shaw e Jakus, 1996; Hanemann et al., 2004) ou a realização de entrevistas diretamente na praia (Nelsen et al., 2007) a não serem eficazes. A frequente ausência de informação faz com que, por diversas vezes, a população surfista não seja distinguida dos restantes frequentadores da costa. No entanto, o seu estudo individualizado justifica-se por apresentarem necessidades, interesses, padrões de visita e características próprias, bem como pela crescente importância que as modalidades de desportos de ondas e o turismo a elas associado assumem nas economias costeiras.

Apesar das limitações dos inquéritos eletrónicos impedirem a generalização das conclusões obtidas a toda a população surfista (Couper, 2000; Lazarow, 2008), a facilidade de implementação (aplicação por períodos de tempo alargados e em múltiplas localizações) e o baixo custo justificam a sua utilização (Dolnicar e Fluker, 2003; Lazarow et al., 2007; Nelsen et al., 2007; Lazarow, 2008; Murphy e Bernal, 2008; Coffman e Burnett, 2009; Wagner et al., 2011), sendo a opção adotada neste estudo como meio de obtenção de dados primários.²³

A estimação do valor atribuído à qualidade ambiental dos ecossistemas costeiros, foi efetuada com recurso a elementos provenientes da Metodologia de Valoração Contingente (MVC), utilizada na medição do valor económico de bens e serviços não transacionados nos mercados (Hanemann et al., 1991; Saengsupavanich et al., 2008; UNEP-WCMC, 2011; Lourenço-Gomes et al., 2014), como são os recursos marinhos e costeiros. A escolha da MVC, capaz de capturar as preferências expressas com recurso a valores monetários (Lourenço-Gomes et al., 2013b), justifica-se ainda por estar demonstrado que a utilização de cenários hipotéticos possibilita a obtenção de informação útil sobre a real DaP dos inquiridos, desde que devidamente calibrados (Botelho e Pinto, 2002).

²³ Com recurso ao *Software Qualtrics*® (<http://www.qualtrics.com>), foi elaborado um questionário dirigido a praticantes de desportos de ondas, como veículo de obtenção de informação. Uma versão do mesmo pode ser consultada no Anexo 3.



Geralmente, a utilização da MVC inclui pré-testes aplicados a pequenos grupos escolhidos aleatoriamente (grupos focais), para detetar dificuldades de interpretação, verificar a eficácia das perguntas de valoração, tempos de resposta e, de um modo geral, ajustar a versão final do questionário, de modo a garantir a sua clareza e compreensão (Saengsupavanich et al., 2008). Nesse sentido, foi aplicada uma versão preliminar a um grupo de cerca de trinta estudantes da Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

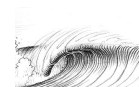
A minimização de comportamentos estratégicos e o incentivo à obtenção de respostas verdadeiras (*incentive compatible*), foram potenciados pela aplicação de perguntas de escolha dicotómica simples (resposta “sim” ou “não”) seguindo as recomendações da literatura (Carson et al., 2001; Amigues et al., 2002; Venkatachalam, 2004; Saengsupavanich et al., 2008).

Procurou-se limitar o enviesamento hipotético provocado por pagamentos declarados superiores aos reais (Venkatachalam, 2004; Botelho e Pinto, 2002), com a calibração das perguntas de valoração, através de escalas de certeza (Vossler e McKee, 2006). Como medida adicional, foram aplicadas questões de acompanhamento para determinar as razões por detrás das respostas (Hackett, 1998, in Saengsupavanich et al., 2008). O enviesamento resultante do preenchimento do questionário por não praticantes de desportos de ondas, foi prevenido pela introdução de um texto suporte de enquadramento, com indicação dos objetivos e destinatários pretendidos. Propositadamente, na primeira questão foi pedido aos inquiridos para mencionarem a modalidade de desportos de ondas praticada.

Apesar das medidas adotadas, pode verificar-se alguma deturpação nos resultados provocada pelos efeitos de *free-riding*, potenciado na presença de contribuições voluntárias (Venkatachalam, 2004).

Tendo em vista a otimização da análise de dados e o respetivo tratamento estatístico, foram aplicadas perguntas de resposta fechada e utilizadas escalas de *Likert* de 5 pontos (Barbieri e Sotomayor, 2013).

Num total de 46 perguntas, a composição do questionário foi parcialmente inspirada nos estudos de Cole e Scott (1999, in Barbieri e Sotomayor, 2013), Dolnicar e Fluker (2003),



Saengsupavanich et al. (2008) e Wagner et al. (2011)²⁴. Dividido em 5 secções, incorpora nas duas primeiras a caracterização dos praticantes de desportos de ondas, seus hábitos e preferências. A secção 3 destina-se à avaliação da vertente turística do conceito “*Surf & Natureza*”²⁵, definição dos padrões de viagem e opções recreativas mais valorizadas. Na seguinte, especialmente relevante para o estudo, são aplicadas questões tendo em vista a avaliação dos recursos naturais costeiros. Finalmente, é efetuada a caracterização sociodemográfica dos inquiridos, com a intenção de detetar a influência de fatores como a idade, género, nível de educação, rendimento e ocupação profissional (Hacket, 1998, in Saengsupavanich, 2008).

Amostra

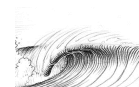
Devido à baixa representatividade dos surfistas na população geral, a utilização de uma amostra aleatória só seria viável sendo de grande dimensão (Wagner et al., 2011). Para ultrapassar esse constrangimento, o estudo incidiu sobre uma amostra de conveniência. Enquanto método não probabilístico, não permite que sejam feitas extrapolações para uma população de maiores dimensões (Dolnicar e Fluker, 2003; Wagner et al., 2011; Barbieri e Sotomayor, 2013; Reynolds e Hritz, 2012).

Divulgação

Inicialmente, a divulgação foi efetuada com recurso a endereços de correio eletrónico de empresários ligados ao meio do *Surf*, com os quais foram efetuados contactos prévios (presenciais ou telefónicos) explicando as motivações e objetivos pretendidos. A receptividade com que a proposta foi recebida permitiu, através da técnica *Snow-Ball* (Barbieri e Sotomayor, 2013), o acesso aos associados da Federação Portuguesa de *Surf* e Associação Nacional de Surfistas, clientes de escolas e de lojas de *Surf*, entre outros.

²⁴ Para além dos autores mencionados, foi consultado o questionário desenvolvido no âmbito de um estudo em curso, denominado “VOW – Value of Waves”, liderado pela Universidade Nova de Lisboa. O mesmo está disponível em <http://www.valueofwaves.org/>

²⁵ Para o efeito foram utilizados alguns atributos mencionados na literatura académica (Dolnicar e Fluker, 2003; Cole e Scott, 1999, in Barbieri e Sotomayor, 2013) sobre a atratividade do destino (tipo de ondas e locais preferidos), infraestruturas disponíveis (alimentação, alojamento), riqueza cultural e histórica, entre outros.



Numa fase posterior, a rede social *FaceBook* e a base de dados de endereços eletrónicos da Universidade do Porto, foram utilizados como veículos de “pulverização” do questionário.

Como medida de maximização da dimensão da amostra, foi expressamente pedido a todos os intervenientes para reenviarem o questionário para outros praticantes de desportos de ondas.

A recolha de informação decorreu entre os dias 14 de Abril e 2 de Agosto de 2013, tendo sido respondidos 263 questionários, 141 na totalidade e 122 de forma incompleta. Apenas os questionários totalmente respondidos foram utilizados nas análises de correlação estatística. Nas restantes, foi utilizada a máxima informação disponível.

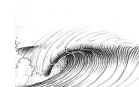
Objectivos e Motivações

Partindo da exploração dos recursos costeiros de forma sustentável e da aposta em áreas diferenciadoras relacionadas com a Economia do Mar, como pressupostos base, o presente trabalho tem como principal objetivo contribuir para responder à seguinte questão:

Em que medida pode o *Surf* em Portugal, ser um motor de dinamização económica e preservação ambiental das regiões costeiras, capaz de proporcionar vantagens competitivas diferenciadoras face aos demais países?

Através de um questionário especificamente desenvolvido para a recolha de dados primários sobre a população surfista, pretende-se testar a viabilidade do conceito “*Surf & Natureza*”, enquanto modelo de desenvolvimento turístico de regiões costeiras, capaz de garantir preservação ambiental e retorno económico. Divide-se em três etapas complementares entre si, nomeadamente:

- A. Caracterização sócio demográfica da comunidade surfista;
- B. Valoração da componente ambiental associada à prática recreativa:
 - a. Identificação das variáveis ambientais e não ambientais mais valorizadas;
 - b. Determinação da “Disponibilidade a Pagar” (DaP) para a preservação e recuperação ambiental dos Recursos Naturais Costeiros.



C. Identificação das atividades “*Surf & Natureza*” mais valorizadas:

- a. Caracterização das preferências e hábitos dos turistas de *Surf*;
- b. Determinação da Disponibilidade a Pagar (DaP) para as ofertas “*Surf* com Qualidade Ambiental” (SQA), “*Surf* com Atividades de Contacto com a Natureza” (SAN) e “*Surf* com Outras Atividades” (SOA).

3.2. Resultados

A estrutura do questionário e respetivas respostas obtidas, estão disponíveis para consulta no Anexo 1.

As análises de correlação e de componentes principais e cálculos auxiliares, estão disponíveis para consulta no Anexo 2.

3.2.1. Caracterização Sociodemográfica

O perfil sociodemográfico da população inquirida não diverge de outros estudos da literatura, estando sumarizadas na tabela 8 as respostas mais representativas.

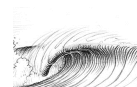


Tabela 8: Perfil Sociodemográfico dos Praticantes de Desportos de Ondas

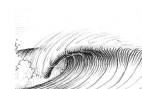
	Hábitos e Preferências	Moda	n	Peso Relativo	Anexo1 (n.º pergunta)
Hábitos e Preferências	Modalidade Praticada	Surf	140	63%	1.1
	Anos de Prática	Menos de 2 Anos	56	25%	1.2
	Estações do Ano	Todo o Ano	165	74%	1.3
	Média Semanal	1 a 3 Vezes	126	57%	1.4
	Tamanho de Ondas	1 a 2 Metros	121	55%	1.5
	Tipo de Ondas	Fundos de Areia Divertidos	143	65%	1.6
	Aulas	Sim	104	47%	1.7
	Número de Aulas	Mais de 10	50	49%	1.8
	Nível de Experiência	Intermédio	96	43%	1.9
	Região de Prática	Matosinhos - Porto	99	55%	2.1
	Distância Percorrida	6 a 20 Km	73	41%	2.5
	Meio de Transporte	Automóvel	150	84%	2.6
	Gastos Médios Diários	Deslocações	144	80%	2.7
	Sexo	Masculino	109	77%	5.1
	Grau de Escolaridade	Licenciatura	57	40%	5.2
Características Sociodemográficas	Idade	34 (média 32)	8	8%	5.3
	O.N.G.A.	Não	120	85%	5.4
	Situação Profissional	Por Conta de Outrém	74	52%	5.5
	Rendimento Mensal	€ 1 001 a € 2 000	62	44%	5.6
	N.º de Pessoas Agregado	2	59	58%	5.7
	Local de Residência	Litoral	130	92%	5.9
	Concelho de Residência	Grande Porto	56	55%	5.11
	País de Residência	Portugal	139	98%	5.10

Fonte: Elaboração Própria

Hábitos e Preferências

O *Surf* surge sem surpresa, pelo facto de ter sido utilizada uma amostra de conveniência, como a modalidade de desportos de ondas mais representada na população inquirida, com um peso relativo de 63%.

A sua juventude e potencial de crescimento reflete-se em 66% dos praticantes a surfarem há menos de 10 anos (menos que o mencionado por Dolnicar e Fluker, 2003; Wagner et al, 2011; Barbieri e Sotomayor, 2013), situando-se a maioria (43%) num nível de experiência intermédio, em concordância com Lazarow (2008). Desse modo, a tipologia de ondas preferida corresponde às que quebram em fundos de areia divertidos, com alturas entre 1 e 2 metros, em linha com Dolnicar e Fluker (2003).



Como seria de esperar, 92% dos inquiridos vive no litoral, com predominância para a região do Grande Porto.

A presença de respostas oriundas de residentes na Grande Lisboa (20%), Minho Litoral (16%), Centro Litoral (4%) e outras regiões (5%), é indicativa da dispersão geográfica conseguida em território nacional via divulgação eletrónica. Dada a baixa representatividade de residentes noutros países (2%), está excluída a extensão das conclusões a estrangeiros.

Tal como identificado em Lazarow (2008) e Barbieri e Sotomayor (2013), a ausência de sazonalidade associada aos desportos de ondas, reflete-se em 74% de surfistas a irem para a água todo o ano, com mais de metade (57%) uma a três vezes por semana. Outro aspeto importante a reter é a deslocação para vários locais de prática, concordante com Dolnicar e Fluker (2003), com a maioria (41%) a percorrer, em média, entre 6 a 20 Kms. 80% elege com regularidade a região do Grande Porto, 46% o Minho Litoral, 20% o Centro Litoral e 42% outras regiões incluindo o estrangeiro (7%).²⁶ Como meio de transporte, o automóvel é utilizado por 84% dos inquiridos, tendência igualmente evidenciada em Lazarow (2008).

Os resultados sobre gastos médios diários (tabela 9) são consistentes com Slotkin et al. (2009), estando em grande parte associados a deslocações (viagem de ida, incluindo combustível e portagens) e alimentação, com 80,4% e 59,8% dos inquiridos respetivamente, a despenderem entre €1 e € 20 com cada uma dessas atividades. No entanto, considerando as respostas mais representativas, o valor diário fica aquém dos 50 USD mencionados em Dolnicar e Fluker (2003) e 60 USD (Lazarow et al., 2007; Nelsen et al., 2007; Slokin et al., 2009). Apesar de 16,2% apresentarem gastos diários com alojamento, a maioria (83,8%) retorna ao seu local de residência após a prática da modalidade.

A crescente participação das escolas no ensino dos desportos de ondas, traduz-se em 47% dos inquiridos a já terem frequentado aulas. No entanto, menos de um quarto (23,5%) indica ter gastos anuais com lições, o que pode constituir um indício de elevada rotatividade de alunos e a presença de índices de fidelização com margem de progressão futura. Todavia, perto de 40% dos que o fazem, gastam anualmente montantes superiores a 100 euros (tabela 9).

²⁶ O somatório das percentagens é superior a 100%, porque era permitida mais do que uma resposta.

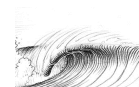


Tabela 9: Gastos Associados à Prática da Modalidade
(número de respostas em valor absoluto)

Gastos	1 € 0	2 €1-20	3 €20-50	4 €50-100	5 € 100	n	Média
Transportes / Deslocações (incluindo combustível e portagens) - €/dia (apenas viagem de ida)	24	144	9	1	1	179	1,94
Alimentação - €/dia	70	107	2	0	0	179	1,62
Alojamento no Local - €/dia	150	15	10	3	1	179	1,27
Aulas da Modalidade - €/ano	137	7	9	10	16	179	1,66
Material Técnico Comprado no Local (pranchas, fatos, acessórios) - €/ano	46	8	12	25	88	179	3,56

Legenda: 1=€0, 2=€1-20, 3=€20-50, 4=€50-100, 5=+100

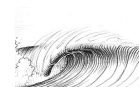
Fonte: Elaboração própria.

Características Sociodemográficas

Os resultados obtidos são consistentes com a literatura, com a amostra constituída maioritariamente por indivíduos do sexo masculino (Dolnicar e Fluker, 2003; Lazarow, 2008; Murphy e Bernal, 2008; Coffman e Burnett, 2009; Slotkin et al., 2009; Wagner et al., 2011; Reynolds e Hritz, 2012; Barbieri e Sotomayor, 2013), com uma idade média de 32 anos, próxima do mencionado em Dolnicar e Fluker (2003), Nelsen et al. (2007), Lazarow (2008), Murphy e Bernal (2008), Wagner et al. (2011), Barbieri e Sotomayor (2013). A maioria (79%) tem um grau de estudos elevado, tal como evidenciado por Dolnicar e Fluker (2003), Nelsen et al. (2007), Murphy e Bernal (2008), Slotkin et al. (2009), Wagner et al. (2011), Reynolds e Hritz (2012), Barbieri e Sotomayor (2013), acima da proporção de população residente em Portugal com ensino superior completo, 15% (INE, 2012). A situação profissional estabilizada, identificada em Nelsen et al. (2007), Lazarow (2008), Wagner et al. (2011), reflete-se em 5% de desempregados, nível inferior à taxa de desemprego nacional, situada em 13,9% (INE, 2014).

O agregado familiar de 74% dos praticantes dispõe de um nível de rendimento mensal líquido superior a €1000, com o valor médio a situar-se entre €1001 a €2000, em linha com a média nacional de €1984²⁷ (INE, 2012), para o qual contribuem maioritariamente 2 pessoas (58%).

²⁷ Valor correspondente ao Rendimento Líquido Anual Médio, da região NUTS II, para o ano de 2009, dividido por 12 meses.



Níveis de rendimento superiores são reportados por Dolnicar e Fluker (2003), Nelsen et al. (2007), Murphy e Bernal (2008), Coffman e Burnett, (2009), Wagner et al. (2011) e Barbieri e Sotomayor (2013).

Os resultados aqui obtidos contradizem o estereótipo de surfista sem estudos, sem emprego e sem dinheiro, tal como já evidenciado em Wagner et al. (2011), o que não surpreende tendo em conta que o material técnico de *Surf* não é barato e o custo de vida no litoral tende a ser mais elevado que noutras regiões do país.

3.2.2. Valoração de Atributos

Análise Descritiva

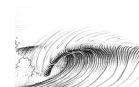
Identificado o perfil sócio demográfico da comunidade surfista, importa perceber que fatores valoriza na prática recreativa e de que modo afetam as suas opções de recreação. Para o efeito foi solicitada aos inquiridos, a classificação por grau de importância, de variáveis de carácter ambiental (agrupadas na categoria Ambiente) e não ambiental (categorias *Surf* e Infraestruturas).

Os resultados obtidos, apontam para que as características ambientais dos locais de prática, bem como alguns fatores diretamente relacionados com a capacidade recreativa dos espaços, são preferidos relativamente à presença de infraestruturas, que não deixam no entanto de apresentar níveis de valorização a ter em conta (tabela 10).

As variáveis ambientais QAG (Qualidade da Água) e LAENV (Limpeza do Areal e Espaço Envolvente), apenas são ultrapassadas por QO (Qualidade das Ondas) na atribuição de um grau de importância elevado ou muito elevado²⁸ (QO: 94,4%; QAG: 92,2%; LAENV: 89,4%), às quais se segue o *Crowd* (CRWD: 88,8%) e o Espaço Envolvente Preservado (EEP: 82,7%), outra variável ambiental.

De facto, todas as variáveis da categoria Ambiente e *Surf* têm médias de resposta superiores ao nível 4, correspondentes a valorizações nos patamares “Importante” ou “Muito

²⁸ Os graus de importância elevado ou muito elevado, correspondem ao somatório dos níveis 4 (“Importante”) e 5 (“Muito Importante”) da escala de *Likert* de 5 pontos utilizada (coluna d+e).



Importante”. Destacam-se QO e LAENV como sendo consideradas pela maioria como muito importantes.

Estes dados reforçam as conclusões de Dolnicar e Fluker (2003), Wagner et al. (2011) e Barbieri e Sotomayor (2013), que já haviam realçado a importância da presença de ambientes naturais saudáveis e de ondas com qualidade. Adicionalmente vão ao encontro de Slotkin et al. (2009), que aponta a qualidade das ondas e a ausência de *crowd* como fatores motivacionais.

As infraestruturas não despertaram tanto interesse quanto as restantes categorias, confirmando as conclusões de Barbieri e Sotomayor (2013). A maior divergência nas respostas traduz-se em variâncias e desvios-padrão mais elevados e valores médios de resposta mais baixos. Como exemplo, 30,2% dos inquiridos são indiferentes à presença de nadadores – salvadores (SEG1), apesar de 29,1% lhes atribuir importância. Nesta categoria, apenas os apoios de praia (AP1) e as acessibilidades (ACESS) são valorizados pela maioria.

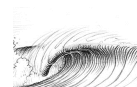
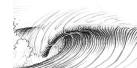


Tabela 10: Valorização de Variáveis por Grau de Importância

Fatores Grau de Importância											Nada Importante (a)					Pouco Importante (b)					Indiferente (c)					Importante (d)					Muito Importante (e)					Média					Variância					Desvio-padrão																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
QO	Qualidade das Ondas										1	5	4	54	115	179	4.55	0.53	0.73	6	169	3.4%	94.4%																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																									

Fonte: Elaboração própria.



Um segundo conjunto de questões, introduzido para testar a consistência das respostas obtidas, permitiu confirmar as conclusões acima descritas, com as variáveis ambientais a destacarem-se novamente (tabela 11).

A maioria dos inquiridos (96,6%) fica incomodada com a presença de lixo nas praias, com a variável LIX a obter a mais alta média de concordância (4,69)²⁹. Adicionalmente, as praias fora dos meios urbanos (PNURB), funcionam como um fator de atratividade para 74,3% dos praticantes.

Um aspeto importante a reter, é o facto da maioria concordar que a Qualidade Ambiental é preferível à Qualidade das Ondas (coluna d+e: QA_QO = 44,1%), sendo no entanto de realçar o importante peso relativo de respostas neutras (30,7%) ou discordantes (coluna a+b: QA_QO = 25,1%), revelador de dispersão de opiniões sobre esta matéria.

As infraestruturas de apoio voltam a apresentar médias de valorização mais baixas e maior divergência nas respostas, sendo disso exemplo o alojamento local (AL0J2) ou a presença de nadadores salvadores e escolas (SEG2-ESCOL2). Novamente os apoios de praia surgem como a exceção, com a maioria a considerar que deveriam existir balneários e chuveiros (AP2) durante todo o ano.

Importa ainda referir, que uma elevada proporção de inquiridos decide entrar na água na presença de ondas com qualidade, mesmo estando muitos surfistas na água (QO_CRWD com valor médio de 3,70 e um grau de concordância de 64,8%), o que demonstra a importância deste recurso recreativo.

²⁹ Valor médio das respostas obtidas, calculado para efeitos deste trabalho segundo uma escala de *Likert* de 5 pontos, com o nível 1 a corresponder a “Discordo Totalmente” e o nível 5 a “Concordo Totalmente”.

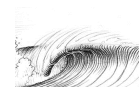


Tabela 11: Valorização de Fatores Ambientais e Não Ambientais por Grau de Concordância

Fatores Grau de Concordância	Discordo Totalmente (a)	Discordo (b)	Indiferente (c)	Concordo (d)	Concordo Totalmente (e)	Total	Média	Variação	Desvio- padrão	(a) + (b)	(d) + (e)
QO_CRWD Mesmo com muito "crowd", se as condições estiverem boas nem hesito em entrar para a água	5 2,8%	23 12,8%	35 19,6%	74 41,3%	42 23,5%	179 100,0%	3,70	1,11	1,05	28 15,6%	116 64,8%
QA_QO Prefiro praias com boa qualidade ambiental, mesmo que a qualidade das ondas / vento não sejam as melhores	6 3,4%	39 21,8%	55 30,7%	67 37,4%	12 6,7%	179 100,0%	3,22	0,95	0,97	45 25,1%	79 44,1%
LIX Fico incomodado ao ver lixo nas praias	1 0,6%	1 0,6%	4 2,2%	41 22,9%	132 73,7%	179 100,0%	4,69	0,36	0,6	2 1,1%	173 96,6%
PNURB Quando posso, procuro praias fora dos ambientes urbanos	2 1,1%	6 3,4%	38 21,2%	65 36,3%	68 38,0%	179 100,0%	4,07	0,83	0,91	8 4,5%	133 74,3%
AP2 As praias deviam ter balneários com chuveiros, durante todo o ano	6 3,4%	11 6,1%	36 20,1%	59 33,0%	67 37,4%	179 100,0%	3,95	1,13	1,06	17 9,5%	126 70,4%
SEG2-ESCOL2 Sinto-me mais seguro nas praias com escolas e nadador salvador	19 10,6%	22 12,3%	54 30,2%	55 30,7%	29 16,2%	179 100,0%	3,30	1,42	1,19	41 22,9%	84 46,9%
ALOJ2 Gosto de dormir perto da praia, para ser o primeiro a entrar no mar	9 5,0%	22 12,3%	55 30,7%	59 33,0%	34 19,0%	179 100,0%	3,49	1,18	1,09	31 17,3%	93 52,0%

Fonte: Elaboração própria.

A importância de serem mantidos ecossistemas em bom estado, é demonstrada ainda pela maioria (88%) visitar áreas protegidas costeiras ou próximas da costa, pelo menos uma a duas vezes por ano, com destaque para o Parque Nacional da Peneda Gerês, não havendo quem não pretenda visitar este tipo de recursos ambientais (Anexo 1, Tabelas e Gráficos 2.8 e 2.9).

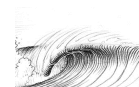
Análise de Correlação e de Componentes Principais

Com o objetivo de aprofundar as conclusões da análise descritiva efetuada, as variáveis ambientais e não ambientais foram tratadas estatisticamente através do *Software Statistica 11.0*, tendo sido calculados e analisados os valores da correlação linear simples de *Pearson*. Nos próximos parágrafos são referidos os resultados mais relevantes.

Em primeiro lugar, é possível constatar que à medida que aumenta o nível de experiência dos surfistas (NE), mais a qualidade das ondas (QO) é o fator que maximiza a utilidade da prática recreativa, preferida em relação à qualidade ambiental (QA_QO) e à quantidade de surfistas presentes na água (QO_CRWD), com os coeficientes de correlação a revelarem-se estatisticamente significativos para um nível de significância de 5%. Por outro lado, aumentam as deslocações para praias não urbanas (PNURB), o que pode ser um indício de valorização da componente ambiental (tabela 12).

Também em função de incrementos na variável AP (Anos de Prática), que apresentou um comportamento semelhante a NE, com ambas situadas no mesmo quadrante do círculo de correlação obtido através da análise de componentes principais (anexo 2, gráfico 2.1), evidenciado ainda por valores do coeficiente de correlação positivos e estatisticamente significativos (tabela 12), é possível observar a procura por praias não urbanas (anexo 2, tabela 1.2).

Da análise das motivações por detrás das deslocações para esta tipologia de praias, para além da fuga ao *crowd* (CRWD), são encontrados fatores ambientais como a procura de espaços envolventes preservados, com dunas e arribas (EEP) e de limpeza dos areais e áreas circundantes (LAENV) (tabela 13). É possível ainda verificar que a ausência de lixo (LIX), bem como a qualidade da água (QAG) e das ondas (QO) funcionam igualmente como fatores de atratividade, no entanto com menores graus de certeza visto que a significância



obtida para estes coeficientes de correlação é superior a 5%. Adicionalmente, a análise do círculo de correlação entre as variáveis ambientais utilizadas na análise de componentes principais (características dos praticantes de ondas e suas preferências e hábitos) parece indicar um comportamento semelhante (anexo 2, gráfico 2.2).

Outra aparente evidência da importância atribuída ao estado dos recursos naturais, é o facto das visitas a áreas protegidas (VIS AP) também aumentarem em função dos anos de prática e nível de experiência, com destaque para as que detêm ondas surfáveis nas proximidades, como o Parque Natural do Litoral Norte (PNLN) e a Reserva Natural das Dunas de São Jacinto – SJAC (tabela 14).

Os valores obtidos para o coeficiente de correlação linear de Pearson, revelaram ainda que os mais experientes tendem a valorizar menos as infraestruturas, com praticamente todas as variáveis desta categoria correlacionadas negativamente com NE, para graus de confiança superiores a 99% (anexo 2, tabela 1.3).

Em oposição, os que praticam há menos tempo atribuem importância à presença de nadadores salvadores e escolas, sendo dos que mais gastam com aulas da modalidade (anexo 2, tabela 1.4).

Tabela 12: Correlação entre Fatores Valorizados e Anos de Prática, com Nível de Experiência

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	SURF				AMBIENTE					
	QO		QO_CRWD		QA_QO		PNURB		AP	
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
NE	0,2312	0,0060	0,1740	0,0390	-0,2227	0,0080	0,1238	0,1440	0,5963	0,0000

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 13: Correlação entre Deslocação para Praias Não Urbanas e Variáveis Surf e Ambiente

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	SURF				AMBIENTE									
	QO		CRWD		EEP		LAENV		QAG		QA_QO		LIX	
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
PNURB	0,1171	0,1670	0,2620	0,0020	0,2516	0,0030	0,2111	0,0120	0,1423	0,0920	0,2301	0,0060	0,1527	0,0710

Fonte: Elaboração Própria

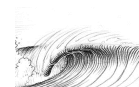


Tabela 14: Correlação entre Visitas a Áreas Protegidas com Anos de Prática e Nível de Experiência

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	VIS AP		PNLN		MIND		ESTDOU		SJAC	
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
AP	0,1907	0,0230	0,2626	0,0020	0,1456	0,0850	0,1690	0,0450	0,3142	0,0000
NE	0,1320	0,1190	0,0980	0,2480	0,0910	0,2830	0,0052	0,9510	0,1230	0,1460

Legenda:

VIS AP: Visitas Anuais a Áreas Protegidas; PNLN: Parque Natural do Litoral Norte; MIND: Paisagem Protegida Litoral de Vila do Conde e Reserva Ornitológica do Mindelo; ESTDOU: Estuário do Douro; SJAC: Reserva Natural das Dunas de São Jacinto.

AP: Anos de Prática; NE: Nível de Experiência

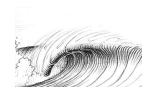
Fonte: Elaboração Própria

Discussão

Os resultados obtidos e as análises efetuadas, realçam a importância atribuída pela comunidade surfista às condições ambientais dos locais de prática, com as praias não urbanas a funcionar como polos de atratividade. No entanto, à medida que as aptidões técnicas melhoram, a qualidade das ondas passa a ser mais valorizada em detrimento dos restantes fatores em análise. Por esse motivo, no âmbito deste trabalho, é desejável segmentar os surfistas em duas tipologias distintas consoante o seu grau de experiência, nomeadamente:

Os “Experientes”, com grande enfoque na qualidade das ondas, valorizam-na acima de todos os outros fatores em análise. A procura por boas ondas com poucos surfistas na água, leva-os a deslocarem-se para praias não urbanas, muitas das quais incluídas em áreas protegidas. Podendo haver motivações ambientais, não é possível concluir com total certeza que sejam o principal fator responsável pelas viagens efetuadas.

Em oposição, os “Novatos” constituem uma nova vaga de surfistas com menor nível de experiência, que atribui maior importância à qualidade ambiental. Valorizam a presença de infraestruturas de apoio à prática recreativa, especialmente as relacionadas com o ensino e a segurança, sendo dos que mais gastam com aulas. Apesar de efetuarem menos deslocações a praias não urbanas e visitarem menos vezes áreas protegidas, demonstram interesse em fazê-lo, constituindo um nicho de mercado a explorar.



O perfil sócio demográfico dos surfistas identificado, é compatível com os segmentos de maior volume e potencial de crescimento no Turismo Costeiro, mais concretamente as Famílias Jovens³⁰ e os Adeptos *Soft*.³¹

O facto das variáveis *Surf* apresentarem níveis de valorização elevados, é consistente com a literatura que identifica a modalidade como um recurso diferenciador, de difícil imitação, integrador de valor económico e social e com efeito em vários setores, capaz de atrair visitantes às regiões (Nunes, 2011a).

O enriquecimento da proposta de valor através do cruzamento com outras atividades de Turismo de Natureza e Turismo Náutico, procuradas pelos mercados da Alemanha, Reino Unido e Escandinávia, emissores de 50% dos turistas para território nacional (Turismo de Portugal, 2013), é um tema que irá ser tratado oportunamente no presente trabalho. Até ao momento, os dados analisados abrem boas perspetivas para que o *Surf*, pelas condições ímpares de que o território nacional dispõe para a sua prática, com importantes vantagens competitivas ao nível do clima e geografia, represente uma oportunidade de diferenciação face a outros países de vocação marítima.

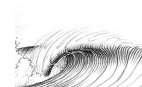
3.2.3. Valoração Ambiental dos Recursos Naturais Costeiros

Os detalhes dos resultados apresentados estão disponíveis na Secção 4 do Anexo 1, apresentando-se de seguida os dados mais relevantes.

Até ao momento, os exercícios efetuados permitiram identificar que o bom estado ambiental dos recursos naturais costeiros (RNC) é valorizado pela comunidade de ondas, podendo contribuir para a maximização da satisfação associada ao ato de surfar, principalmente nos surfistas menos experientes. Contudo, para que os órgãos decisores optem por políticas de preservação do litoral, é necessário que percecionem o seu valor monetário e quanto se perde com a sua destruição (Nunes, 2011b).

³⁰ Famílias Jovens são constituídas por pais com idade não superior a 40 anos, com filhos pequenos e/ou adolescentes e elevado interesse em férias ativas (THR, 2006).

³¹ Adeptos *Soft* correspondem a indivíduos do sexo masculino, entre 26 e 35 anos, com um perfil sócio-cultural elevado, praticantes de outras actividades náuticas para além da principal e que procuram aprender ou aperfeiçoar um desporto náutico, num cenário com infraestruturas e serviços (THR, 2006).



Partindo desse pressuposto, com recurso a técnicas provenientes da Metodologia de Valoração Contingente, em particular do método de Preferências Expressas (segundo o qual os inquiridos “expressam” os seus comportamentos com base em cenários hipotéticos), a população abrangida pelo estudo foi questionada sobre a Disponibilidade a Pagar (DaP) para a preservação ou recuperação de RNC, como forma indireta de estimar o seu valor. Para o efeito foram utilizados dois veículos de pagamento distintos, nomeadamente³²:

- Taxa de Utilização de Recursos Naturais Costeiros (TU), definida como uma taxa de utilização a suportar por cada vez que se pratica a modalidade;
- Taxas de Recuperação de Praia Urbana (TRU) e Não Urbana (TRNU), definidas como um pagamento único destinado à recuperação de locais afetados por acidentes ambientais.³³

Taxa de Utilização (TU)

Apenas 25% da população inquirida está disposta a suportar uma taxa ambiental por cada vez que vai fazer *Surf*³⁴ (anexo 1, tabela e gráfico 4.1), principalmente porque considera já contribuir via pagamento de impostos (anexo 1, tabela e gráfico 4.3). Valores inferiores a 1 euro são escolhidos por 71% dos que concordam com o pagamento, como sendo os montantes mais justos, não havendo quem esteja disposto a desembolsar mais de 5 euros (anexo 1, tabela e gráfico 4.2).³⁵

Com apenas 6% dos surfistas a considerar justo o pagamento de TU, a contribuição voluntária para O.N.G.A.’s³⁶ do meio do *Surf* é a opção que reúne maior consenso. No entanto, importa realçar que 48% dos surfistas discorda com qualquer tipo de pagamento associado à utilização de RNC (anexo 1, tabela e gráfico 4.4).

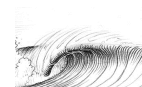
³² A utilização de diferentes veículos de pagamento, surge mencionada na literatura como uma técnica para determinar a influência nas DaP, de fatores como a obrigatoriedade e frequência das contribuições.

³³ A divisão entre praias urbanas e não urbanas, foi introduzida para aferir a influência da qualidade ambiental dos ecossistemas afetados nas contribuições expressas.

³⁴ A maioria das respostas (76%) apresentam um grau de certeza elevado com um valor médio de 4,20, segundo uma escala de *Likert* de 5 pontos, na qual o nível 1 corresponde a “Sem Certeza” e 5 a “Certeza Absoluta” (anexo 1, tabela e gráfico 4.1.1).

³⁵ Apesar da maioria estar certa da resposta dada (média de 3,77, com 65% nos níveis 4 e 5 de uma escala de certeza de 5 pontos), 23% apresenta dúvidas sobre o montante (anexo 1, tabela e gráfico 4.2.1).

³⁶ Organizações Não Governamentais de Ambiente.

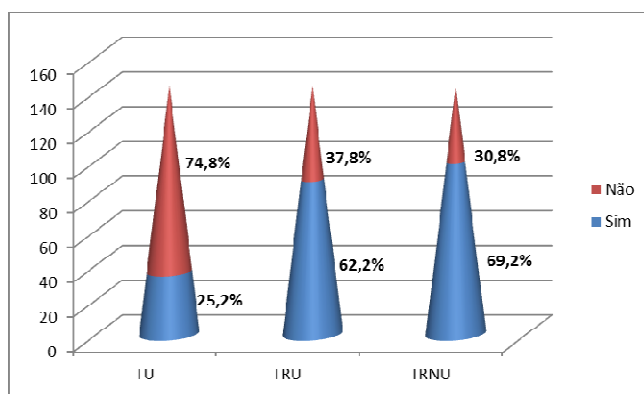


Taxas de Recuperação (TRU e TRNU)

Perante a possibilidade de pagamentos não regulares ocorre uma inversão dos resultados, com o peso das respostas negativas a diminuir para 37,8% (TRU) e 30,8% (TRNU) (gráfico 4).

Com a maioria disposta a pagar entre €1 e €20 em ambas as taxas (41,3% praia urbana, 32,2% praia não urbana), é de realçar a influência positiva que a hipótese praia não urbana tem nos montantes das contribuições, com o peso relativo dos que mencionam valores superiores a €20 a aumentar, como demonstrado pela subida do valor médio das respostas, de 1,93 para 2,22³⁷ (tabela 15).

Gráfico 4: Disponibilidade a Pagar para as Taxas Ambientais TU, TRU e TRNU



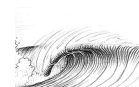
Fonte: Elaboração Própria

Tabela 15: Disponibilidade a Pagar para as Taxas Ambientais TRU e TRNU
(valores absolutos e média respetiva)

	1	2	3	4	5		
	€ 0	€1-20	€21-50	€51-100	+€100	Total	Média
Praia Urbana	54	59	19	8	3	143	1,93
Praia Não Urbana	44	46	36	12	5	143	2,22

Fonte: Elaboração Própria.

³⁷ Valor definido em função de uma escala de Likert de 5 pontos, com 1=€0, 2=€1-20, 3=€21-50, 4=€51-100 e 5=+€100



Valoração dos Recursos Naturais Costeiros

Um dos elementos centrais deste estudo, consiste em estimar o valor monetário atribuído pela comunidade de desportos de ondas ao bom estado ambiental dos ecossistemas costeiros, de modo a demonstrar a importância da sua preservação. Através do cálculo das contribuições médias ponderadas associadas a cada veículo de pagamento, foi determinado um valor *per capita* que, multiplicado pelo número de surfistas existentes em Portugal, resultou nos seguintes montantes:

Sem surpresa, TU é a hipótese que possui menor capacidade de gerar recursos monetários *per capita*, €0,40, bastante inferior ao montante de €15,05 associado a TRNU, maximizadora do valor unitário de contribuição por praticante de desportos de ondas (tabela 16). A este resultado não será alheio o facto de TU ser uma taxa associada à utilização do recurso e como tal com pagamentos regulares.

Em função destes montantes e sabendo que existiam em Portugal, em 2013, cerca de 122 mil surfistas³⁸, é possível aferir que os Recursos Naturais Costeiros têm um valor para a comunidade surfista nacional compreendido entre 1,14 e 5,13 milhões de euros, consoante a taxa ambiental utilizada como referência para o cálculo (tabela 17).

³⁸ O número de surfistas para o ano de 2013, foi calculado com base no número de surfistas que em 2009 praticava pelo menos uma vez por semana (50 a 70 mil) e numa taxa de crescimento anual desse indicador de 25% a 30% (Bicudo e Horta, 2009). A estimativa poderá pecar por defeito, devido à escassez de dados disponíveis e ao facto de terem sido utilizados, por precaução, os valores mais baixos do intervalo.

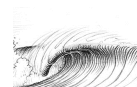


Tabela 16: Disponibilidade a Pagar por Surfista e por Veículo de Pagamento

Taxa de Utilização - TU				
Escalão	u (€)	n	Proporção	û (€)
<€1	1	36	70,59%	0,71
€1 a €5	3	15	29,41%	0,88
>€5	5	0	0,00%	0,00
		51	100%	
		Total (€)		1,59
		Sim		25%
		DaP TU por Surfista (€)		0,40

Taxa de Recuperação Praia Urbana - TRU				
Escalão	u (€)	n	Proporção	û (€)
€0	0	54	37,76%	0,00
€1 a €20	10	59	41,26%	4,13
€21 a €50	35	19	13,29%	4,65
€51 a €100	75	8	5,59%	4,20
> €100	100	3	2,10%	2,10
		143	100%	
		Total (€)		15,07
		Sim		62%
		DaP TRU por Surfista (€)		9,34

Taxa de Recuperação Praia Não Urbana - TRNU				
Escalão	u (€)	n	Proporção	û (€)
€0	0	44	30,77%	0,00
€1 a €20	10	46	32,17%	3,22
€21 a €50	35	36	25,17%	8,81
€51 a €100	75	12	8,39%	6,29
> €100	100	5	3,50%	3,50
		143	100%	
		Total (€)		21,82
		Sim		69%
		DaP TRNU por Surfista (€)		15,05

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 17: Valor dos Recursos Naturais Costeiros

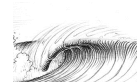
	n	DaP (€)	DaP Anual (€)	Total Anual (€)
TU	105,04	0,40	42,02	5128906
TRU	1	9,34	9,34	1140137
TRNU	1	15,05	15,05	1837158

Pressupostos:

N.º de vezes de prática semanal (7 dias)			
n	u	Proporção	û
1 a 3	2	57,00%	1,14
4 a 5	4	15,00%	0,60
FDS (1 a 2)	1	28,00%	0,28
Total Semanal			2,02
N.º Semanas			52
Total Anual			105,04

N.º de Surfistas em Portugal		
Ano	n	Tx. Cresc.
2009	50000	25%
2010	62500	25%
2011	78125	25%
2012	97656	25%
2013	122070	

Fonte: Elaboração Própria.



Deste exercício, resulta também que futuras políticas ambientais que venham a ser implementadas para a preservação de RNC e projeção do país enquanto destino turístico, possuidor de boas ondas e de um património natural costeiro preservado, deverão ter em conta a aceitação social das medidas a adotar. Pela menor aceitação que reúne, o recurso a pagamentos obrigatórios, diretamente associados à utilização dos recursos naturais costeiros, aparenta ser menos recomendável.

Segmentação Demográfica

O estudo das características sócio demográficas surge evidenciado em autores como Dolnicar e Fluker (2003), Nelsen et al. (2007), Lazarow (2008), Murphy e Bernal (2008), Coffman e Burnett (2009), Slotkin (2009), Wagner et al. (2011), Reynolds e Hritz (2012) e Barbieri e Sotomayor (2013).

Neste exercício, foi analisada a influência das variáveis grau de escolaridade (ESCOL), situação profissional (PROF) e rendimento (REND), nas disponibilidades expressas pelos inquiridos para suportar os diferentes meios de pagamento (tabela 18).

Tabela 18: Segmentação Demográfica das DaP Expressas para as Taxas Ambientais

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TRU		TRNU	
	r	p	r	p	r	p
ESCOL	0,1730	0,0400	-0,0701	0,4090	-0,0718	0,3980
PROF	0,0596	0,4830	-0,0608	0,4740	-0,1186	0,1610
REND	-0,0002	0,9980	0,1886	0,0250	0,1595	0,0590

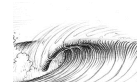
Legenda:

DaP TU: 1=Sim; 2=Não

DaP TRU/TRNU: 1 = €0; 5 = €+100

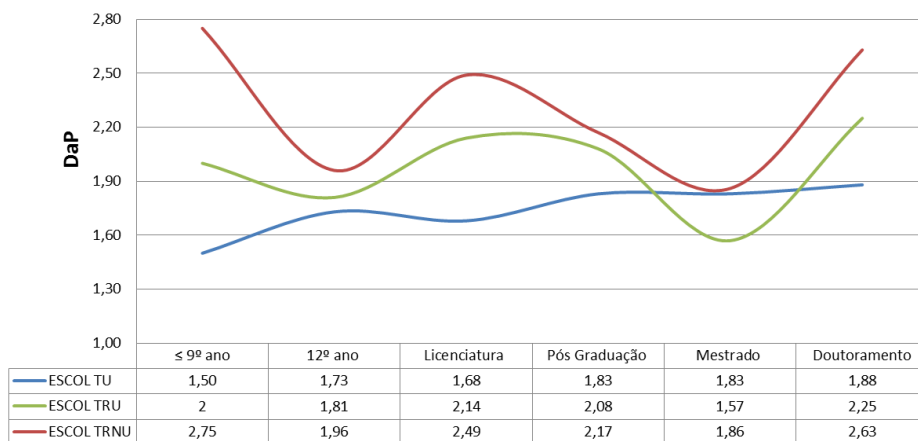
Fonte: Elaboração Própria

O coeficiente de correlação entre ESCOL e as disponibilidades expressas para TU, evidenciam que os mais letrados apresentam menor disponibilidade para suportar esta taxa, igualmente evidenciada pela representação gráfica dos valores médios (gráfico 5). Com o rendimento do agregado e a situação profissional a não explicarem o comportamento dos inquiridos (ausência de significância dos coeficientes associados a REND e PROF), poderão haver outros fatores a condicionar os resultados como a discordância sobre o veículo ou meio de pagamento escolhidos.



Nas Taxas de Recuperação, não foram encontradas correlações estatisticamente significativas com ESCOL (tabela 18), verificando-se inclusive oscilações nos valores médios (gráfico 5), em parte explicadas pela baixa representatividade na amostra dos escalões 9.º ano de escolaridade (2,8%), Pós Graduação (8,5%) e Doutoramento (5,6%) (anexo 2, tabela 3.1). Nesta tipologia de taxas, o nível de rendimento dos agregados influencia positivamente as disponibilidades e níveis de contribuição, conforme demonstrado pela correlação positiva estatisticamente significativa (embora em TRNU o nível de significância seja ligeiramente superior a 5%) e pela representação gráfica dos valores médios obtidos (gráfico 6). Apesar de não ser possível comprovar que a situação profissional influencia as DaP observadas, a representação gráfica das médias ponderadas (gráfico 7) sugere que os desempregados apresentam, como expectável, menores contribuições (todavia o seu peso na população inquirida é de apenas 4,9%) (anexo 2, tabela 3.1). Em oposição, os estudantes e trabalhadores por conta própria são os mais dispostos a suportar as taxas ambientais. Também aqui se faz notar a maior capacidade de angariação de receitas de TRNU, verificando-se valores médios mais elevados. A alteração de comportamento em função dos meios de pagamento, é igualmente evidenciada pelo círculo de correlação entre as disponibilidades expressas e variáveis demográficas, com as DaP TU (codificada como P4.1) e as DaP TR (P4.5_1 e P4.5_2) situadas em quadrantes opostos (anexo 2, gráfico 2.5).

Gráfico 5: Influência do Grau de Escolaridade nas DaP Expressas para as Taxas Ambientais
(valores médios)



Legenda: ESCOL TU: 1=Sim; 2=Não. ESCOL TRU; ESCOL TRNU: 1 = € 0; 2 = €1-20; 3 = €21-50

Fonte: Elaboração Própria.

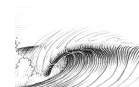
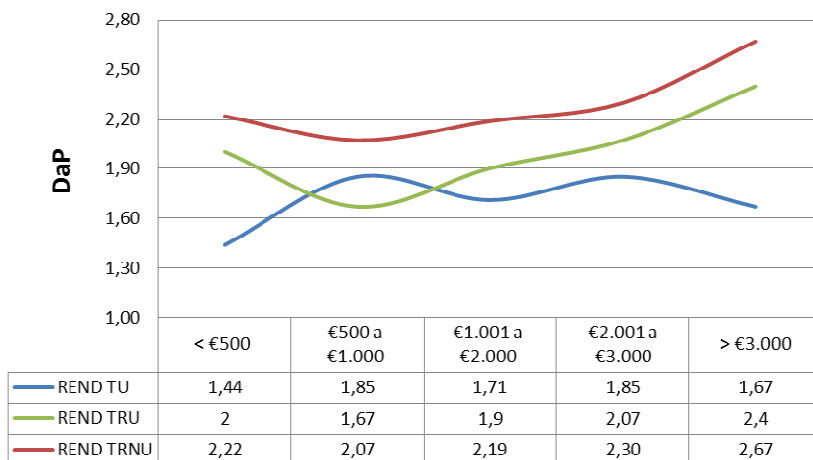


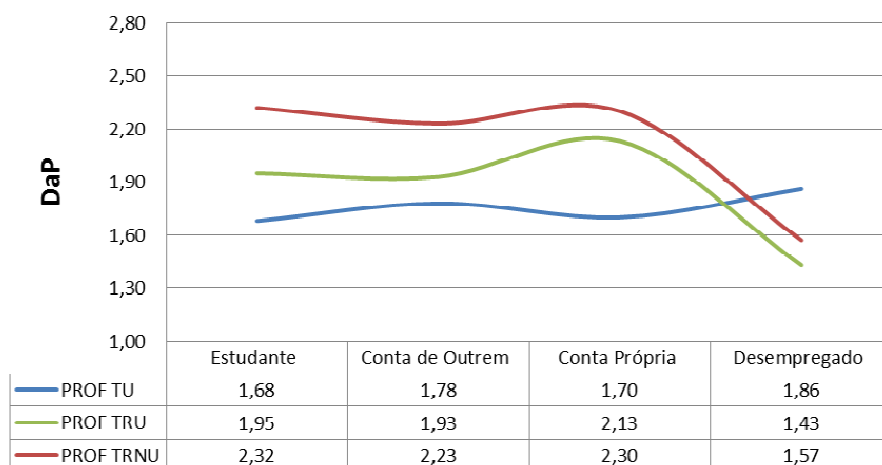
Gráfico 6: Influência do Rendimento nas DaP Expressas para as Taxas Ambientais
(valores médios)



Legenda: ESCOL TU: 1=Sim; 2=Não. ESCOL TRU; ESCOL TRNU: 1 = € 0; 2 = €1-20; 3 = €21-50

Fonte: Elaboração Própria.

Gráfico 7: Influência da Profissão nas DaP Expressas para as Taxas Ambientais
(valores médios)

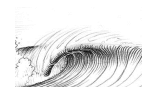


Legenda: ESCOL TU: 1=Sim; 2=Não. ESCOL TRU; ESCOL TRNU: 1 = € 0; 2 = €1-20; 3 = €21-50

Fonte: Elaboração Própria.

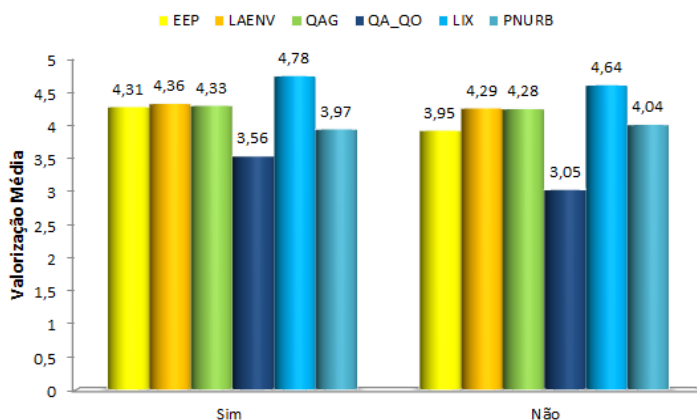
Segmentação por Grau de Importância Atribuído às Variáveis

Outros fatores para além dos sociodemográficos, poderão ajudar a explicar as respostas obtidas. Por exemplo, é expectável que quem atribui maior importância ao ambiente, esteja mais disposto a contribuir financeiramente para a preservação dos recursos naturais costeiros. Da análise estatística sobre a valorização atribuída às variáveis em estudo, resultaram as conclusões a seguir descritas.



Valorizar o ambiente, poderá não ser condição suficiente para que haja disponibilidade financeira para a sua preservação. Apesar de se registar uma tendência nesse sentido, com maiores valorizações médias por parte dos que indicaram estar disponíveis para suportar as taxas ambientais TU, TRU, TRNU (gráficos 8, 9 e 10 e anexo 2, tabela 3.6)³⁹ e coeficientes de correlação negativos para TU e positivos para as TR (anexo 2, tabela 1.6), em apenas duas variáveis se verificam correlações estatisticamente significativas para graus de confiança superiores a 95% (tabela 19). De qualquer modo, pela análise do círculo de correlações obtido com a análise de componentes principais sobre preferências e hábitos dos surfistas, observa-se que as variáveis ambientais estão todas no mesmo quadrante, tendo comportamentos semelhantes (anexo 2, gráfico 2.2).

Gráfico 8: DaP Taxa Utilização em Função da Valorização de Variáveis Ambientais
(valores médios)



Legenda: 1 = Nada Importante / Discordo Totalmente; 5 = Muito Importante / Concordo Totalmente

Fonte: Elaboração Própria

³⁹ Nas variáveis QAG e LIX, os valores médios associados ao patamar “Pouco Importante/Discordo” são elevados devido ao reduzido número de respostas.

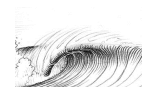
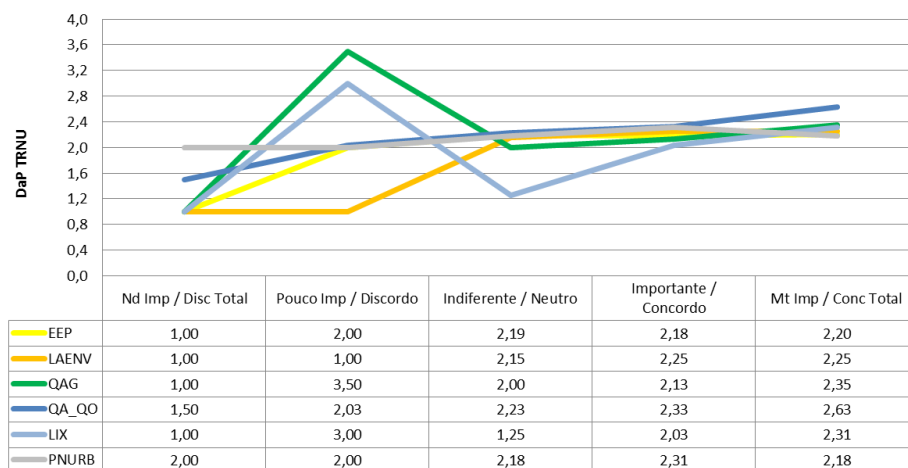
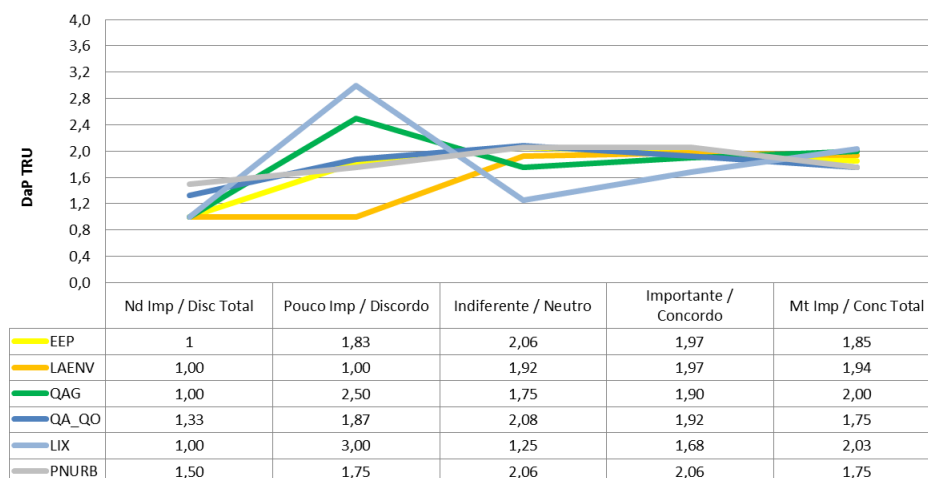


Gráfico 9: DaP Tx. Recuperação (Praia Urbana) em Função da Valorização de Variáveis Ambientais
(valores médios)



Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 10: DaP Tx. Recuperação (Praia Não Urbana) em Função da Valorização Variáveis Ambientais
(valores médios)



Fonte: Elaboração Própria

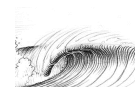
Tabela 19: DaP TU e TRNU em Função da Valorização de Variáveis Ambientais

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TRNU	
EEP	-0,1817	0,0310	0,0494	0,5610
QA_QO	-0,2169	0,0100	0,1665	0,0480

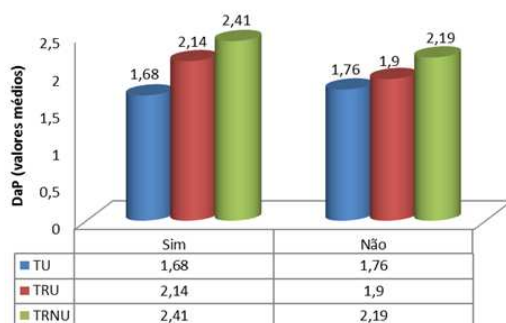
Fonte: Elaboração Própria



O potencial enviesamento resultante de ligações passadas ou presentes a O.N.G.A.'s, foi testado de modo a verificar a influência deste grupo nas respostas obtidas. Como seria de esperar, esta tipologia de inquiridos está mais disponível para contributos financeiros em qualquer uma das taxas e em maiores montantes (gráfico 11).

No entanto, pelo facto dos coeficientes de correlação não se terem revelado significativos (anexo 2, tabela 1.9 e gráfico 2.4), e pelo baixo peso deste grupo na amostra, 15% (anexo1, tabela e gráfico 5.4), considera-se que a sua presença não é suficiente para deturpar os resultados.

Gráfico 11: DaP Taxas Ambientais em Função da Ligação a O.N.G.A.'s
(valores médios)



Legenda: DaP TU: 1=Sim; 2=Não. DaP TRU; DaP TRNU: 1 = € 0; 2 = €1-20; 3 = €21-50

Fonte: Elaboração Própria

O cruzamento das disponibilidades expressas com a valorização atribuída às infraestruturas, foi introduzido no estudo para verificar (se bem que de forma indireta) se os surfistas menos experientes estão mais dispostos a contribuir para a preservação dos recursos naturais costeiros e, como tal, se são quem mais valor lhes atribui (tabela 20).

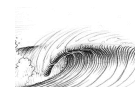
Tabela 20: Correlação entre Valorização de Infraestruturas e DaP Taxas Ambientais

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TRU		TRNU	
	r	p	r	p	r	p
ESCOL1	-0,1939	0,0210	0,2246	0,0070	0,1792	0,0340
SEG1	-0,1862	0,0270	0,0492	0,5620	0,0140	0,8690
SEG2-ESCOL2	-0,3450	0,0000	0,1257	0,1370	0,1261	0,1360

Fonte: Elaboração Própria

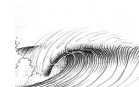


Os resultados obtidos, revelam correlações negativas nos coeficientes associados a ESCOL1, SEG1, SEG2-ESCOL2, indicando maiores disponibilidades para suportar a Taxa de Utilização por aqueles que mais valorizam a presença de escolas e de nadadores salvadores. Nas Taxas de Recuperação, verifica-se a mesma tendência mas com a variável SEG2-ESCOL2 a apresentar níveis de significância ligeiramente superiores a 5%. Parece igualmente existir uma relação entre o número de aulas frequentado e uma maior disponibilidade para suportar as taxas ambientais (anexo 2, tabela 1.7). O facto das variáveis da categoria Infraestruturas estarem no mesmo quadrante do círculo de correlações, obtido através da análise de componentes principais, parece indicar comportamentos semelhantes (anexo 2, gráfico 2.2). Por outro lado, a variável QO (categoria Surf) situa-se no quadrante oposto, assumindo um comportamento inverso, também evidenciado pelo coeficiente de correlação positivo entre QO e TU (anexo 2, tabela 1.5). Por esses motivos, quanto mais a qualidade das ondas é valorizada, menor é a disponibilidade para suportar a taxa de utilização (nas taxas de recuperação essa tendência não é comprovável estatisticamente, dada a ausência de significância dos coeficientes). Este dado, parece reforçar a menor disponibilidade dos surfistas experientes, para suportar taxas diretamente associadas à utilização dos Recursos Naturais Costeiros.

Discussão

Os resultados obtidos indiciam que os surfistas menos experientes, anteriormente intitulados de “Novatos”, podem de facto constituir uma nova vaga de praticantes com maior consciência ecológica, que atribui mais valor ao estado de preservação da costa. Por outro lado, o segmento de praticantes classificado como “Experientes” poderá estar recetivo a suportar taxas, desde que não estejam associadas diretamente à prática da modalidade de ondas, comportamento compreensível porque são mais assíduos na mesma. Não quer isto significar no entanto, que não valorizem a boa qualidade dos ecossistemas costeiros, como já evidenciado.

O aumento do grau de escolaridade aparenta ter uma influência negativa na disponibilidade para suportar taxas ambientais. Este resultado, constituindo uma surpresa, pode ser o resultado da influência exercida por fatores externos como a discordância sobre o veículo ou meio de pagamento, ou outros como a falta de confiança no destino a ser dado às receitas



obtidas ou se considerar que os impostos pagos deveriam ser suficientes para garantir o bom estado do litoral. O nível de rendimento do agregado apenas tem influência nas disponibilidades expressas para as taxas de recuperação, novamente reforçando a ideia que outros fatores influenciam as disponibilidades para a taxa de utilização. Como seria de esperar, os desempregados são os menos disponíveis para gastos com taxas ambientais.

3.2.4. Valoração das Atividades “*Surf* e Natureza”

A avaliação do conceito “*Surf* & Natureza” (S&N), assente na conjugação da prática de desportos de ondas com atividades de Natureza e/ou de outras impulsionadas pelo *Surf*, assume-se como o segundo grande objetivo deste estudo.

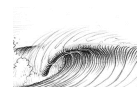
A literatura apresenta diferentes posições sobre este tema. Se por um lado, Dolnicar e Fluker (2003) mencionam que o leque de atividades disponíveis não é relevante para o surfista, por outro Barbieri e Sotomayor (2013) evidenciam nos surfistas a forte predisposição para turismo de *Surf*, com interesse em mais do que um tipo de atividade de aventura, não tendo necessariamente a água o elemento central (Reynolds e Hritz, 2012).

O primeiro passo para esclarecer esta questão, consistiu em conhecer as necessidades, preferências e hábitos dos surfistas em período de férias, seguindo a tendência de estudos recentes (Reynolds e Hritz, 2012; Barbieri e Sotomayor, 2013).

Preferências e Hábitos do Turista de *Surf*

Os dados detalhados sobre as preferências e hábitos dos surfistas em período de férias, estão disponíveis para consulta na Secção 3 do Anexo 1. Destacam-se os mais relevantes na tabela 21:

A maioria dos inquiridos (54%) goza períodos de férias de 1 a 2 semanas, consistente com o mencionado em Dolnicar e Fluker (2003) e Barbieri e Sotomayor (2013). No destino, deslocam-se para mais do que um local, contudo não de forma tão marcada como evidenciado em Murphy e Bernal (2008). Tal como noutros autores (Dolnicar e Fluker, 2003; Murphy e Bernal, 2008; Reynolds e Hritz, 2012), preferem viajar na companhia de 2 a 5 amigos, com apenas uma minoria a decidir viajar sozinha.



A procura de destinos para a prática de *Surf* é efetuada, sempre ou regularmente, pela maioria dos inquiridos (Murphy e Bernal, 2008; Barbieri e Sotomayor, 2013), sendo a qualidade ambiental da água, areal e espaço envolvente e o contacto com a Natureza, apontados como fatores preferenciais na escolha do destino, em concordância com Dolnicar e Fluker (2002), Ponting (2009, in Barbieri e Sotomayor, 2013), Barbieri e Sotomayor (2013) e, inclusivamente, de prolongamento da estadia (tabela 22). Importa ainda referir que o mesmo efeito de prolongamento, foi mencionado perante a possibilidade de conjugação da prática náutica com outras atividades do conceito S&N.

Tabela 21: Hábitos e Preferências dos Surfistas em Período de Férias

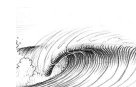
	Hábitos e Preferências em Férias	Moda	n	N.º de Respostas	Peso Relativo	Anexo1 (n.º pergunta)
Hábitos	Duração da Estadia	1 a 2 Semanas	164	88	54%	3.1
	Locais Visitados	Vários	164	92	56%	3.8
	Número de Pessoas	2 a 3 / 4 a 5	155	134	86%	3.10
	Tipo de Acompanhantes	Amigos	289	109	66%	3.9
Preferências	Destinos para <i>Surf</i>	Regularmente	164	59	36%	3.2
	Qualidade Ambiental	Sempre	164	75	46%	3.3
	Contacto com Natureza	Sempre	164	70	43%	3.4

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 22: Efeito das Atividades S&N no Prolongamento da Estadia

	Prolongamento de estadia se:	Moda	n	N.º de Respostas	Peso Relativo	Anexo1 (n.º pergunta)
Surf e Natureza	SQA					
	<i>Surf</i> com Qualidade Ambiental	Sim	164	103	63%	3.5
	<i>Surf</i> em Praias com Envolveinte Preservada	Sim	164	96	59%	3.5
	SAN					
	<i>Surf</i> com Actividades de Contacto com a Natureza	Sim	164	94	57%	3.5
	SOA					
	<i>Surf</i> com Outras Actividades	Sim	164	93	57%	3.5

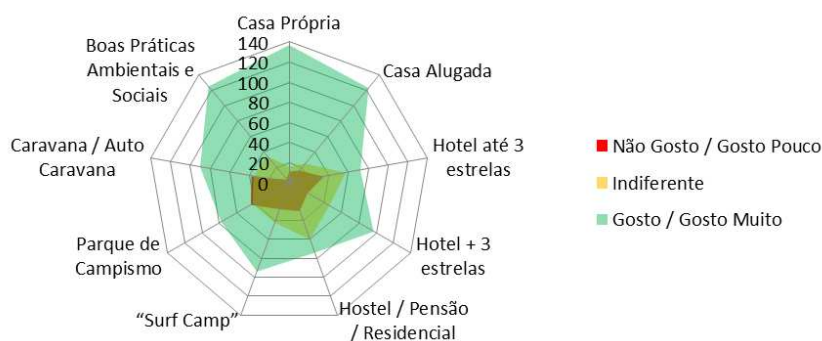
Fonte: Elaboração Própria



No alojamento, para além de casa própria (83,5% dá prioridade a esta opção), os surfistas preferem o aluguer de casas, seguindo-se os hotéis com mais de 3 estrelas.

O facto das opções *hostel* / residencial e hotéis com menos estrelas não surgirem no topo das escolhas, enquadra-se no perfil turístico evidenciado em Barbieri e Sotomayor (2013), distante da imagem de viajante mochileiro. O facto dos *Surf camps* e das autocaravanas serem preferidos aos parques de campismo, pode revelar apetência por ofertas especificamente vocacionadas para surfistas, e por soluções que possibilitem deslocações para vários locais, de preferência em meios próprios (gráfico 12).

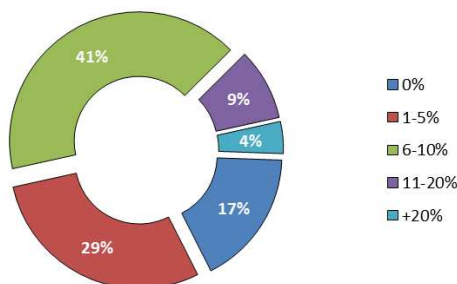
Gráfico 12: Preferências sobre Opções de Alojamento
(valores absolutos)



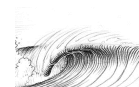
Fonte: Elaboração Própria

A preferência por ofertas com boas práticas ambientais, evidenciada por 60% a já terem dormido neste tipo de unidades e 22% a pretenderem-no fazer no futuro, constitui mais um indício da importância atribuída à componente ambiental, estando a maioria disposta a suportar um acréscimo no preço entre 6 a 10%, por tipologias que tenham em conta o desenvolvimento sustentável das regiões em que se inserem (gráfico13).

Gráfico 13: Acréscimo no Preço para Alojamento com Boas Práticas Ambientais e Sociais



Fonte: Elaboração Própria

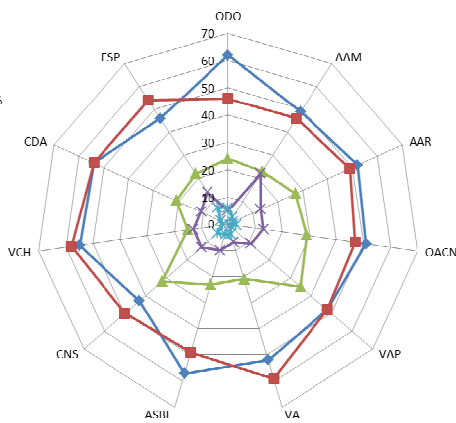


Valoração das Atividades “Surf & Natureza”

Identificada a apetência para destinos de *Surf* com Qualidade Ambiental e para a conjugação de atividades, interessa perceber que combinações têm maior potencial. Para o efeito, os surfistas foram questionados sobre o acréscimo nos gastos que estariam dispostos a suportar, para “*Surf* com Atividades de Natureza” (SAN) e “*Surf* com Outras Atividades” (SOA), tendo sido construídas 11 ofertas distintas, agrupadas em quatro categorias, duas de cariz ambiental (Atividades Aquáticas e Ambiente) e duas de cariz social (Bem-Estar e Cultura). Os dados detalhados sobre a valorização das diferentes atividades, estão disponíveis para consulta na tabela 23 e na Secção 4 do Anexo 1. O Anexo 2 contém a análise de correlação e de componentes principais e demais cálculos auxiliares.

Através da representação gráfica do número de respostas obtidas, verifica-se de imediato que, em média, os surfistas estão dispostos a suportar acréscimos próximos do patamar 1% a 5% para qualquer uma das diferentes combinações, não havendo nenhuma que se destaque (gráfico 14). Esta tendência é também visível no círculo de correlações obtido com a ACP, onde as diferentes conjugações de atividades estão situadas no mesmo quadrante (anexo 2, gráfico 2.3). No entanto, apesar do peso dos que responderam não estar interessados em pagar, variar entre 30,1% (CNS, Comida Natural Saudável) e 43,4% (Outros Desportos de Ondas), este nunca é superior ao somatório dos que pretendem fazê-lo (tabela 23). A realçar, há ainda a redução nas DaP expressas à medida que aumenta o patamar de esforço financeiro, com um máximo de 4,9% dos inquiridos disponíveis para acréscimos superiores a 20%, resultado expectável (tabela 23).

Gráfico 14: DaP para SAN e SOA
(número de respostas em valores absolutos)



Fonte: Elaboração própria.

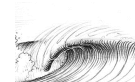
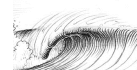


Tabela 23: Valorização de SAN e SOA

Atividades Acréscimo nos Gastos		0%	1-5%	6-10%	11-20%	+20%	Total	Média	Variancia	Desvio-padrão	b+c	d+e
		(a)	(b)	(c)	(d)	(e)						
Mais de 10%												
AA - Atividades Aquáticas	"ODO" - Outros Desportos de Ondas	62	46	24	5	6	143	1,93	1,12	1,06	70	11
		43,4%	32,2%	16,8%	3,5%	4,2%	100,0%				49,0%	7,7%
	"AAM" - Atividades Aquáticas de Mar (Vela, Mergulho, ...)	49	46	23	22	3	143	2,19	1,28	1,13	69	25
		34,3%	32,2%	16,1%	15,4%	2,1%	100,0%				48,3%	17,5%
	"AAR" - Atividades Aquáticas de Rio (Canoagem, Rafting, "Canyoning", ...)	52	49	27	13	2	143	2,05	1,05	1,02	76	15
		36,4%	34,3%	18,9%	9,1%	1,4%	100,0%				53,1%	10,5%
A - Ambiente	"OACN" - Outras Atividades de Contacto com a Natureza (BTT, "Rappel/Slide", "Trekking", "Bird Watching", ...)	51	47	29	13	3	143	2,09	1,11	1,05	76	16
		35,7%	32,9%	20,3%	9,1%	2,1%	100,0%				53,1%	11,2%
	"VAP" - Visita a Áreas Protegidas	48	48	35	11	1	143	2,08	0,95	0,98	83	12
		33,6%	33,6%	24,5%	7,7%	0,7%	100,0%				58,0%	8,4%
	"VA" - Voluntariado Ambiental	52	59	21	7	4	143	1,97	0,96	0,98	80	11
		36,4%	41,3%	14,7%	4,9%	2,8%	100,0%				55,9%	7,7%
BF - Bem-Estar	"ASBE" - Atividades de Saúde e Bem-estar (Yoga / Pilates, ...)	57	49	23	10	4	143	1,99	1,10	1,05	72	14
		39,9%	34,3%	16,1%	7,0%	2,8%	100,0%				50,3%	9,8%
	"CNS" - Comida Natural Saudável / "Slow Food"	43	50	32	13	5	143	2,21	1,17	1,08	82	18
		30,1%	35,0%	22,4%	9,1%	3,5%	100,0%				57,3%	12,6%
	"VCH" - Visita a Centros Históricos, Monumentos, Museus	55	58	15	13	2	143	1,94	0,98	0,99	73	15
		38,5%	40,6%	10,5%	9,1%	1,4%	100,0%				51,0%	10,5%
C - Cultura	"CDA" - Contato Directo com Artesãos e Ofícios Locais (Pesca Artesanal,...)	54	54	21	11	3	143	1,99	1,03	1,01	75	14
		37,8%	37,8%	14,7%	7,7%	2,1%	100,0%				52,4%	9,8%
	"ESP" - Espetáculos (Música, Teatro,...) / Diversão nocturna	46	54	22	14	7	143	2,17	1,29	1,13	76	21
		32,2%	37,8%	15,4%	9,8%	4,9%	100,0%				53,1%	14,7%

Legenda: Escala de Valorização: 1= 0%; 2 = 1-5%; 3 = 6-10%; 4 = 11-20%; 5 = +20%
Fonte: Elaboração própria.



Sem criar surpresa, grande parte dos inquiridos valoriza a conjugação de *Surf* com atividades aquáticas, tendo preferência pela vertente mar (AAM com média de 2,19, a 2.^a maior e a mais representada no nível “Mais de 10%” correspondente à coluna d+e). Pelo contrário, o interesse por outros desportos de ondas (ODO) é reduzido (média 1,93, a mais baixa), com 43,4% de respostas no patamar 0%, como já mencionado.

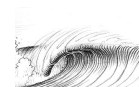
Na componente ambiental, destaca-se a conjugação de *Surf* com visita a áreas protegidas (VAP), como sendo a mais escolhida para acréscimos de gastos entre 6% e 10%, e no somatório deste com o anterior patamar (coluna b+c). Também a realçar, é o facto desta esta opção, bem como a conjugação com outras atividades de contacto com a Natureza (OACN), despertarem mais interesse que as atividades aquáticas de rio (AAR).

A opção mais valorizada de todas é a conjugação de *Surf* com comida natural saudável (CNS), com o maior valor médio observado (2,21), o menor número de respostas no patamar de não valorização (43) e um bom desempenho para acréscimos entre 1% e 10% (coluna b+c) e mais de 10% (coluna d+e). Em contraste, as atividades de saúde e bem-estar (ASBE) são a 2.^a opção menos valorizada (57 respostas no patamar 0% e um valor médio de 1,99), resultado que cria alguma surpresa. Apesar disso não são uma possibilidade a descartar, uma vez que cerca de metade dos inquiridos (50,3%) está disposta a suportar acréscimos entre 1% e 10% (coluna b+c).

Finalmente, merecem destaque as atividades culturais associadas a espetáculos e diversão noturna (ESP), terceira opção com a média mais elevada (2,17), a segunda no patamar “Mais de 10%” e a primeira acima de 20%. Ainda no campo cultural, o interesse pelo contacto direto com artesãos (CDA), apesar de menos relevante é preferível às visitas a centros históricos, monumentos e museus (VCH).

Segmentação Demográfica

Os dados detalhados sobre a estimação das médias ponderadas, bem como os resultados obtidos para o coeficiente de correlação linear de Pearson e para a análise de componentes principais, estão disponíveis para consulta no Anexo 2.



Tal como no estudo sobre taxas ambientais, foi efetuado o cruzamento das variáveis demográficas “Grau de Escolaridade” (ESCOL), “Situação Profissional” (PROF) e “Rendimento do Agregado Familiar” (REND), com as DaP das diferentes combinações de atividades SAN e SOA. Apesar da quantidade de correlações significativas do ponto de vista estatístico ter ficado aquém do desejado, algumas deverão ser realçadas mesmo considerando que apresentam níveis de significância superiores a 5%.

ESCOL correlacionado negativamente com a variável ESP, constitui um indício de que os mais letrados estão menos interessados em atividades de diversão noturna (ESCOL,ESP: $r = -0,1227$, $p = 0,1470$). Em sentido inverso, as variáveis AAR (Atividades Aquáticas de Rio), CNS (Comida Natural Saudável) e Contacto Direto com Artesão (CDA) estão positivamente correlacionadas com ESCOL. Contudo, dada a ausência de significância estatística dos coeficientes, nada se pode concluir (anexo 2, tabela 1.11). A análise do círculo de correlações obtido com a ACP, também não evidenciou ligações entre este grupo de variáveis e o grau de escolaridade (anexo 2, gráfico 2.5).

Relativamente à ocupação profissional (PROF) (tabela 24), verifica-se que a variável exerce influência nas DaP expressas para AAR e OACN (atividades de contacto com a Natureza, como o *BTT*, *Rappel*, *Trekking* e *Bird Watching*), com os estudantes e os trabalhadores por conta de outrem mais interessados nestas combinações, como é evidenciado pelos valores médios ponderados (anexo 2, tabela 3.1). No círculo de correlações obtido com a ACP, para além de ser visível a ligação entre as variáveis, é possível perceber que a influência de PROF nas DaP das variáveis mencionadas é moderada (anexo 2, gráfico 2.5).

Em nenhuma hipótese, foi possível concluir que o nível de rendimento do agregado (REND) explica o comportamento das variáveis em estudo, com ausência de significância estatística nos diversos coeficientes de correlação, visível no círculo de correlações obtido pela ACP (anexo 2, gráfico 2.5). A conjugação de *Surf* com outros desportos de ondas (ODO) é a exceção, verificando-se uma redução de interesse em função da subida de REND (anexo 2, tabela 1.11.).

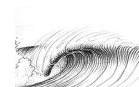


Tabela 24: Correlação entre Situação Profissional e Atividades Ambientais

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,1$

N=141 (apenas dados completos)

	AAR		OACN		VAP	
	r	p	r	p	r	p
PROF	-0,1532	0,0700	-0,1501	0,0760	-0,1357	0,1090

Fonte: Elaboração Própria

Embora menos precisa do ponto de vista estatístico, a ponderação das valorizações médias em função do peso dos diferentes escalões no peso da amostra, revela tendências que acrescentam informação.

No que respeita à escolaridade, os indivíduos licenciados e os que possuem grau de mestre, estão entre os que mais valorizam as diferentes conjugações de atividades (gráfico 15 e anexo 2, tabela 3.2).

Sobre a profissão, os estudantes e os trabalhadores por conta de outrem destacam-se como os segmentos mais apelativos (gráfico 16 e anexo 2, tabela 3.3). Como esperado, os desempregados estão menos disponíveis para gastos adicionais em todas as opções.

O cruzamento das valorizações médias ponderadas com o nível de rendimento do agregado familiar (gráfico 17 e anexo 2, tabela 3.4), revela subidas nas DaP à medida que aumenta REND, até um patamar a partir do qual se verifica a inversão dessa tendência. Este comportamento poderá indicar que as razões económicas não são as únicas a condicionar as escolhas dos inquiridos.

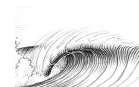
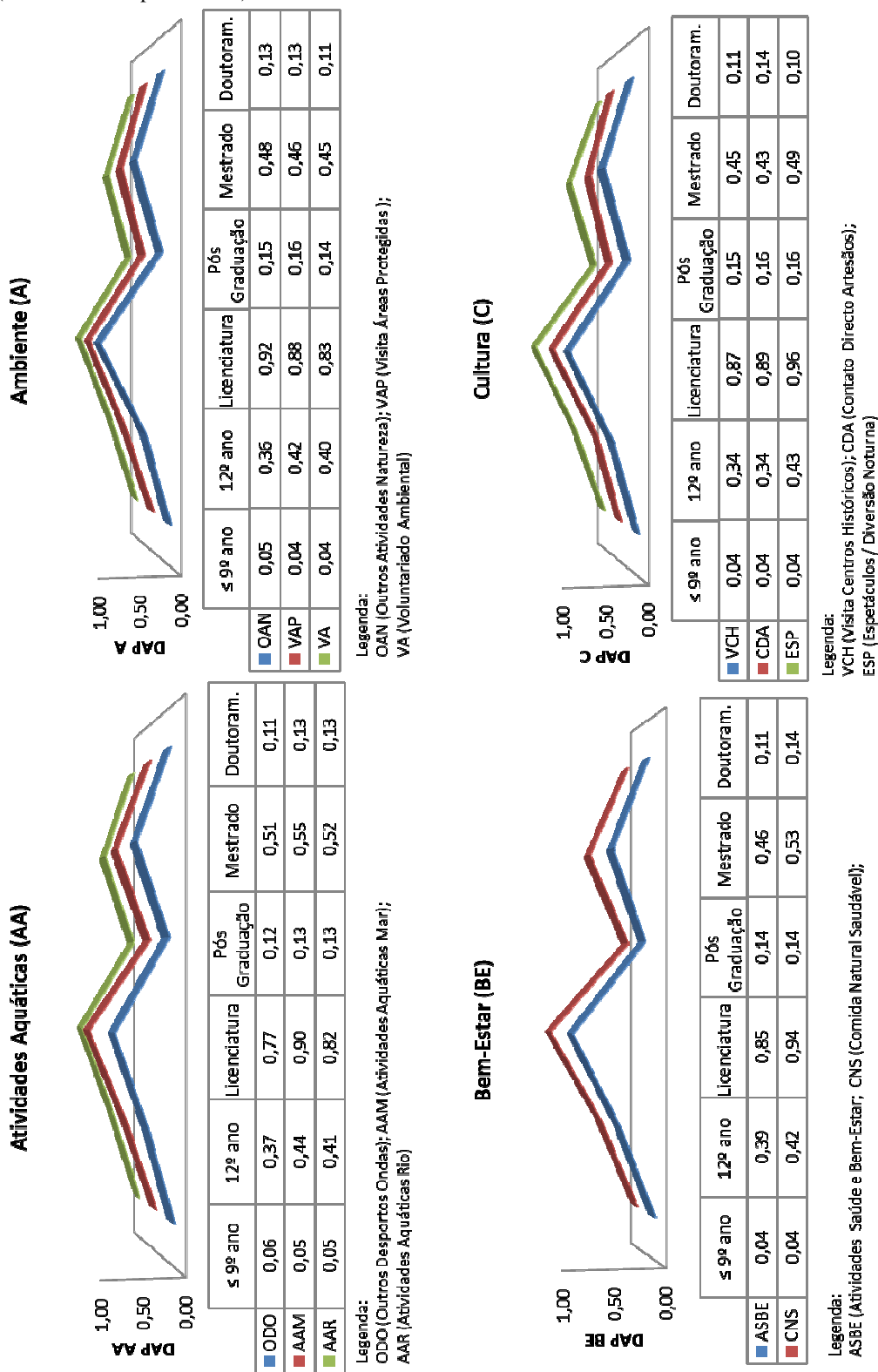


Gráfico 15: Influência do Grau de Escolaridade em DaP SAN e DaP SOA
(valores médios ponderados)



Fonte: Elaboração Própria

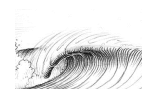
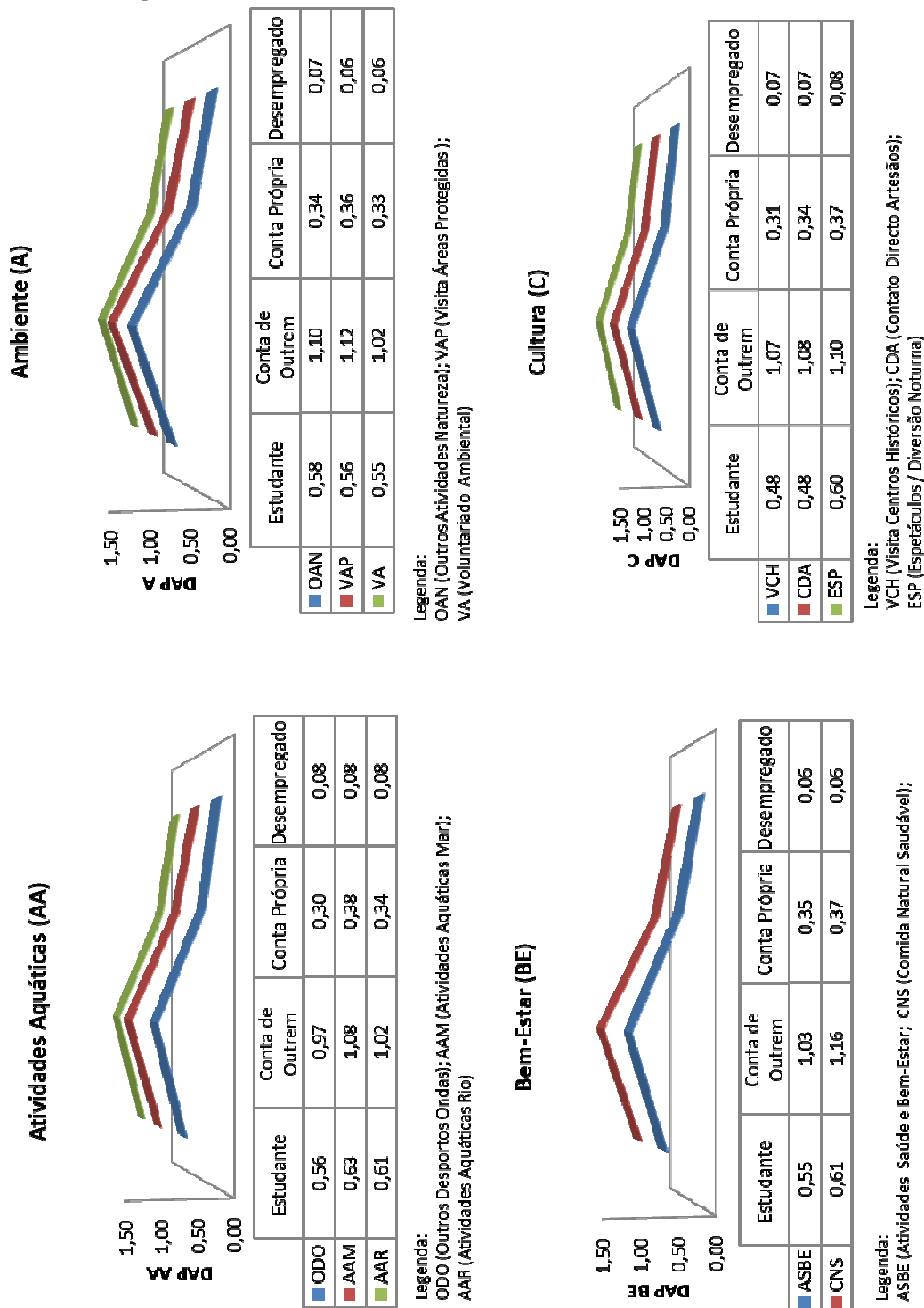


Gráfico 16: Influência da Situação Profissional em DaP SAN e DaP SOA
(valores médios ponderados)



Fonte: Elaboração Própria

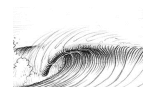
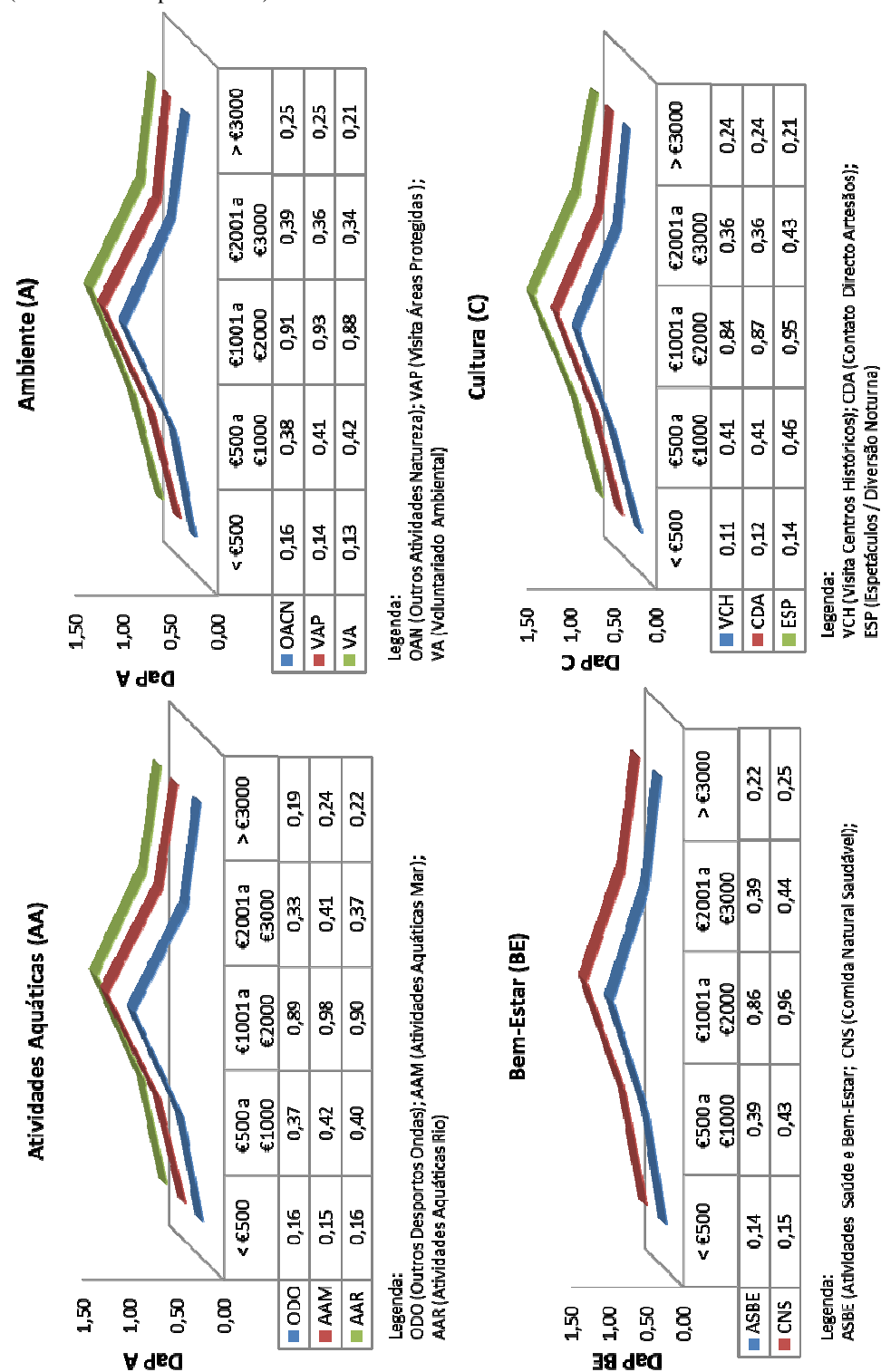
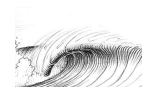


Gráfico 17: Influência do Rendimento do Agregado em DaP SAN e DaP SOA
(valores médios ponderados)



Fonte: Elaboração Própria



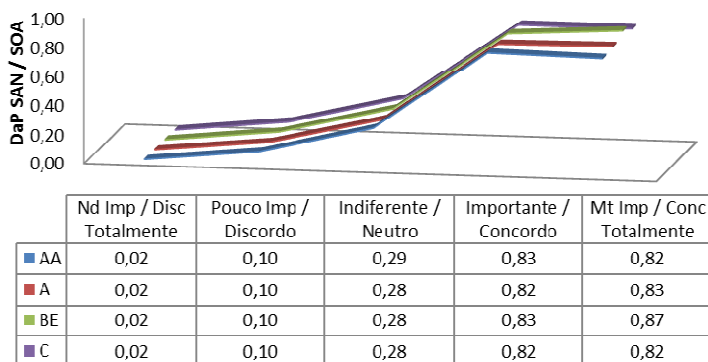
Segmentação por Grau de Importância Atribuído às Variáveis

Os dados detalhados sobre a estimação das médias ponderadas, os valores obtidos para o coeficiente de correlação de Pearson e os círculos de correlação obtidos pela análise de componentes principais, estão disponíveis para consulta no Anexo 2.

A segmentação da população surfista em função do seu interesse em conjugar a prática recreativa com as atividades “*Surf & Natureza*”, não ficaria completa sem o cruzamento desses dados com a valorização atribuída às variáveis das categorias Surf, Ambiente e Infraestruturas. Com esse exercício pretende-se, por exemplo, verificar se são os que mais valorizam o ambiente, que estão mais disponíveis para conjugar a prática de *Surf* com atividades de Natureza (SAN).

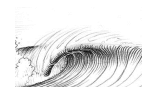
Para minimizar distorções, os valores médios de cada um dos patamares de valorização foram, como anteriormente, ponderados em função do seu peso no universo total de respostas dadas. Com base nesse procedimento, é visível o aumento das disponibilidades para atividades aquáticas (AA), ambientais (A), de bem-estar (BE) e culturais (C), à medida que aumenta o grau de importância/concordância atribuído às variáveis ambientais (gráfico 18 e anexo 2, tabela 3.5).

Gráfico 18: DaP SAN e SOA em função da Valorização de Variáveis Ambientais
(valores médios ponderados)



Legenda: AA = Atividades Aquáticas; A = Ambiente; BE = Bem-Estar; C = Cultura

Fonte: Elaboração própria



Complementarmente à análise dos valores médios ponderados, a interpretação das tabelas de correlação (tabela 25) permite destacar as tendências a seguir descritas.

Imediatamente, constata-se que o segmento de inquiridos que valoriza a qualidade ambiental acima da qualidade das ondas (QA_QO), é o que tem mais apetência para combinar *Surf* com as atividades do *cluster* S&N, sejam aquáticas, ambientais, de bem-estar ou culturais. A comprová-lo, 83% dos coeficientes entre a variável e o grupo “Surf & Natureza”, estão correlacionados positivamente com significância estatística para níveis inferiores a 5%. O mesmo acontece com a totalidade dos coeficientes do grupo “Surf e Outras Atividades” (SOA). A possibilidade de praticar outros desportos de ondas (ODO) constitui a única exceção, sendo como já mencionado ao longo do trabalho, uma das opções menos apelativas. O grupo de atividades de Bem-Estar é o que mais interesse desperta nos que valorizam o ambiente, sendo aqui que expressaram maior disponibilidade para gastos adicionais, resultando em aproximadamente 42% de coeficientes de correlação positivos, com significância estatística. Analisando individualmente cada uma das hipóteses em estudo, destaca-se a comida natural saudável (CNS) como a mais apelativa, com metade dos coeficientes de correlação com sinal positivo e estatisticamente significativos para graus de confiança superiores a 95%. Em todas as restantes opções há a salientar correlações positivas mas com graus de confiança mais reduzidos, destacando-se a visita a áreas protegidas (VAP), o Voluntariado Ambiental (VA) e as atividades de saúde e bem-estar (ASBE).

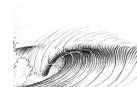


Tabela 25: DaP SAN / SOA em função da Valoração de Variáveis Ambientais

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

Surf e Atividades de Natureza (SAN)																
Atividades Aquáticas (AA)							Ambiente (A)									
ODO		AAM		AAR			OACN		VAP		VA		%POS SAN			
r	p	r	p	r	p		r	p	r	p	r	p				
EEP	0,0893	0,2920	0,0888	0,2950	0,0743	0,3810		0,1539	0,0690	0,1946	0,0210	0,1574	0,0620	EEP	16,7%	
LAENV	0,0668	0,4310	0,0954	0,2610	0,0923	0,2760		0,1088	0,1990	0,1419	0,0930	0,2095	0,0130	LAENV	16,7%	
QAG	0,0740	0,3830	0,1533	0,0700	0,2112	0,0120		0,1585	0,0600	0,1335	0,1150	0,0742	0,3820	QAG	16,7%	
QA_QO	0,0258	0,7620	0,1705	0,0430	0,1863	0,0270		0,1943	0,0210	0,2652	0,0010	0,2186	0,0090	QA_QO	83,3%	
LIX	0,1015	0,2310	0,1264	0,1350	0,0543	0,5230		0,0739	0,3840	0,0234	0,7830	0,0763	0,3690	LIX	0,0%	
PNURB	-0,0433	0,6100	0,0429	0,6140	-0,0733	0,3880	%POS AA	-0,0881	0,2990	0,0459	0,5890	0,1574	0,0620	%POS A	PNURB	0,0%
%POS	0,0%		16,7%		33,3%	16,7%		16,7%		33,3%		33,3%	27,8%			

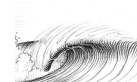
Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

Surf e Outras Atividades (SOA)														
Bem-Estar (BE)					Cultura (C)									
ASBE		CNS			VCH		CDA		ESP			%POS SOA		
	r	p	r	p		r	p	r	p	r	p			
EEP	0,3166	0,0000	0,2492	0,0030		0,1576	0,0620	0,1419	0,0930	0,1054	0,2140	EEP	40,0%	
LAENV	0,1479	0,0800	0,1937	0,0210		0,0850	0,3160	0,0532	0,5310	0,1011	0,2330	LAENV	20,0%	
QAG	0,1276	0,1320	0,1520	0,0720		0,0525	0,5360	0,0328	0,6990	0,0699	0,4100	QAG	0,0%	
QA_QO	0,1865	0,0270	0,2303	0,0060		0,1678	0,0470	0,2002	0,0170	0,2187	0,0090	QA_QO	100,0%	
LIX	0,1188	0,1610	0,1191	0,1600		0,1160	0,1710	0,0216	0,7990	-0,0050	0,9530	LIX	0,0%	
PNURB	-0,0151	0,8590	0,0217	0,7980	%POS BE	0,1323	0,1180	0,1197	0,1570	-0,1917	0,0230	%POS C	PNURB	20,0%
%POS	33,3%		50,0%	41,7%		16,7%		16,7%		33,3%	16,7%			

Fonte: Elaboração Própria

O tratamento estatístico das variáveis da categoria *Surf* (tabela 26), demonstrou que quem atribui maior importância à qualidade das ondas (QO) e quantidade de surfistas na água (CRWD), está menos disposto a gastar com atividades aquáticas de rio (AAR) e atividades de diversão noturna (ESP). Este último aspeto não é de estranhar, uma vez que os surfistas são mencionados na literatura como frequentadores matinais das praias (Nelsen et al., 2007; Wagner et al., 2011). Foram detetadas correlações negativas com a maioria das atividades (mas nem todas estatisticamente significativas), havendo no entanto exceções que importa realçar. Aqueles para quem QO é mais importante que CRWD (QO_CRWD) e que não hesitam em surfar mesmo com muitas pessoas na água desde que estejam boas ondas, classificados anteriormente como os “Experientes”, demonstram interesse em atividades de bem-estar, como *Yôga* ou *Pilates* (ASBE), alimentação natural saudável (CNS) e participação em ações de voluntariado ambiental (VA).



Este último aspeto constitui uma surpresa e traz novos dados sobre esta categoria de surfistas. Pode ser um indício de que a menor disponibilidade para o pagamento de taxas ambientais anteriormente evidenciado, não deve ser interpretada como resultante de menor valorização dos recursos naturais costeiros mas antes de fatores externos, como a discordância sobre o veículo ou meio de pagamento. No entanto, dada a ausência de significância de alguns dos coeficientes, deverão ser desenvolvidos estudos posteriores sobre esta matéria.

Tabela 26: DaP SAN / SOA em função da Valoração de Variáveis Surf

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$
N=141 (apenas dados completos)

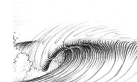
Surf e Atividades de Natureza (SAN)												
	Atividades Aquáticas (AA)						Ambiente (A)					
	ODO		AAM		AAR		OACN		VAP		VA	
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
QO	-0,0554	0,5140	-0,1557	0,0650	-0,1958	0,0200	-0,2237	0,0080	-0,1105	0,1920	-0,0485	0,5680
CRWD	-0,1399	0,0980	-0,1327	0,1170	-0,1668	0,0480	-0,1284	0,1290	-0,1879	0,0260	-0,0308	0,7170
QO_CRWD	0,0474	0,5760	0,0281	0,7410	0,0341	0,6880	-0,0643	0,4480	0,0453	0,5930	0,1561	0,0640
%NEG	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	66,7%	22,2%	33,3%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	22,2%

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$
N=141 (apenas dados completos)

Surf e Outras Atividades (SOA)												
	Bem-Estar (BE)				Cultura (C)							
	ASBE		CNS		VCH		CDA		ESP			
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
QO	-0,0235	0,7820	-0,0758	0,3720	-0,0712	0,4010	-0,0645	0,4470	-0,2438	0,0040	QO	20,0%
CRWD	-0,1030	0,2240	-0,1833	0,0300	-0,1546	0,0670	-0,1560	0,0650	-0,2432	0,0040	CRWD	40,0%
QO_CRWD	0,1451	0,0860	0,1152	0,1740	0,0544	0,5210	0,0576	0,4980	0,0838	0,3230	QO_CRWD	0,0%
%NEG	0,0%	0,0%	33,3%	16,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	66,7%	22,2%		

Fonte: Elaboração Própria

Do cruzamento com a valorização das variáveis “Infraestruturas” (tabela 27), resultou que os surfistas que mais valorizam a presença de escolas e de nadadores salvadores, os denominados “Novatos”, de um modo geral estão interessados em gastar parte do seu rendimento com atividades aquáticas, sejam outros desportos de ondas (ODO) ou outras atividades de mar e de rio (AAM e AAR). Estão igualmente disponíveis para gastos adicionais com atividades ambientais (exceto voluntariado), bem como com a prática de Yoga e Pilates (ASBE), restauração saudável (CNS) e ainda com espetáculos (ESP).



São por este motivo, um segmento com grande potencial para o desenvolvimento do cruzamento de ofertas inseridas no conceito “*Surf & Natureza*”, devendo ser desenvolvidos estudos futuros para melhor conhecer as suas necessidades e interesses.

Tabela 27: DaP SAN / SOA em função da Valoração de Variáveis Infraestruturas

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

Surf e Atividades de Natureza (SAN)														
Atividades Aquáticas (AA)						Ambiente (A)								
ODO		AAM		AAR		OACN		VAP		VA		%POS SAN		
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p		
ESCOL1	0,1837	0,0290	0,1145	0,1760	0,1912	0,0230	0,2040	0,0150	0,2374	0,0050	0,1159	0,1710	ESCOL1	50,0%
SEG2-ESCOL2	0,1601	0,0580	0,1580	0,0610	0,2658	0,0010	0,2822	0,0010	0,2338	0,0050	0,0190	0,8230	2-ESCOL2	50,0%
Correlações assinaladas significativas para $p<0,05$														
N=141 (apenas dados completos)														

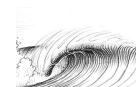
Surf e Outras Atividades (SOA)													
Bem-Estar (BE)						Cultura (C)							
ASBE		CNS		VCH		CDA		ESP		%POS SOA			
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p			
ESCOL1	0,2670	0,0010	0,1206	0,1540	0,1019	0,2290	0,0583	0,4920	0,1699	0,0440	ESCOL1	40,0%	
SEG2-ESCOL2	0,2228	0,0080	0,1113	0,1890	0,0479	0,5730	0,0603	0,4780	0,2235	0,0080	2-ESCOL2	40,0%	

Fonte: Elaboração Própria

Discussão

O *Surf* enquanto atividade recreativa, apresenta o potencial de captação de receitas para as regiões costeiras que disponham de ondas surfáveis em regiões com qualidade ambiental, atraindo surfistas com poder económico, que viajam acompanhados e que não restringem a sua estadia a uma única região.

Em média, os surfistas têm apetência por atividades complementares que podem incrementar de forma moderada o nível médio de gastos nas regiões e prolongar os períodos de estadia, com destaque para a comida natural saudável (CNS) e atividades aquáticas de mar (AAM), como a vela e o mergulho. Igualmente valorizada, é a conjugação de *Surf* com atividades que permitam o contacto com a Natureza (SAN), seja na vertente mais ativa (*BTT*, *Rappel*, *Slide*) ou na de simples contemplação (visitas a áreas protegidas, observação de aves). Apesar de atividades como *Yôga* e *Pilates* (ASBE) despertarem menos interesse que o esperado, há uma considerável proporção de surfistas que se demonstrou disposta a



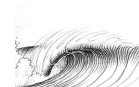
aumentar os seus gastos para as praticar. Na vertente cultural, destacam-se os espetáculos e diversão noturna (ESP) como a opção com maior capacidade de gerar volumes adicionais de receitas.

Apesar de existirem poucas correlações estatisticamente significativas, as valorizações médias apontam tendências que indicam serem os estudantes e os trabalhadores por conta de outrem, os mais dispostos a gastar parte do seu rendimento com outras atividades para além do *Surf*. Constituiu uma surpresa, o facto das atividades de mar (AAM) não estarem no topo das preferências, sendo preteridas em relação às de rio (AAR) e a outras que permitam o contacto com a Natureza (OACN), o que abre perspectivas interessantes para o cruzamento de ofertas.

A vertente cultural associada à visita a centros históricos (VCH) e ao conhecimento de artes e ofícios (CDA) não desperta um interesse elevado na população surfista, mais disponível para espetáculos e diversão noturna (ESP). Contudo, o mesmo parece não acontecer com quem possui graus de escolaridade (ESCOL) mais elevados, principalmente a partir do nível de licenciatura. Podendo haver um nicho de mercado a explorar, deverão ser desenvolvidos estudos posteriores para ser obtida informação adicional. Poderemos estar na presença de surfistas mais velhos, mais experientes, com filhos.

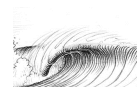
Igualmente sem surpresa, os surfistas em situação de desemprego, bem como os que têm menor escolaridade, são os menos disponíveis para atividades complementares à prática de *Surf*. Uma das explicações poderá residir no nível de rendimento dos agregados familiares (REND), não tendo sido no entanto possível comprová-lo estatisticamente. Por outro lado, o rendimento só revela ter influência até ao patamar de 2000 euros mensais, havendo a partir daí outros fatores a influenciar as escolhas mas que não foram identificados.

Um segmento de surfistas com potencial para atividades que complementem a prática de *Surf*, é composto pelos que mais valorizam o bom estado dos ecossistemas costeiros, principalmente quando o colocam acima da qualidade das ondas (QA_QO). Recetivos para quase todas as hipóteses testadas, estão especialmente interessados em visitas a áreas protegidas (VAP), comida natural saudável (CNS) e atividades de saúde e bem-estar (ASBE). Constituindo os que anteriormente foram classificados como “Novatos”, são igualmente estes que mais importância atribuem a infraestruturas de ensino e segurança.



Quanto mais essa tendência se verifica, maior é o interesse em outras atividades aquáticas, de mar (AAM) ou rio (AAR), atividades ambientais (AA), prática de Yôga e Pilates (ASBE) e espetáculos e diversão noturna (ESP). Contudo é desaconselhável direcionar outras ofertas de índole cultural para estes surfistas, bem como ações de voluntariado. Este último resultado não era esperado, podendo demonstrar que há um longo caminho a percorrer para que os surfistas, apesar de preocupados com o estado ambiental dos ecossistemas e estando inclusive dispostos a pagar para deles usufruir, se envolvam na sua preservação.

Os surfistas “Experientes”, aqueles que mesmo com *crowd* não hesitam em ir para o mar na presença de ondas com qualidade (QO_CRWD) são, tal como os anteriores, atraídos pela possibilidade de conjugar *Surf* com CNS e ASBE. Convém recordar que como afirmado anteriormente, esta última opção apesar de ter apresentado níveis de valorização menos promissores, não deve ser descartada. Um aspeto interessante, resulta do facto desta tipologia de praticantes, contrariamente aos “Novatos”, demonstrar interesse em atividades de voluntariado ambiental. Este pode ser um indício de valorização do bom estado dos ecossistemas costeiros, como já colocado por hipótese. No entanto, as respostas obtidas podem ter sido condicionadas por pressões sociais, devendo por isso ser implementados estudos posteriores para aprofundar esta “suspeita”.



CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

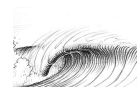
4.1. Conclusões

Em Portugal, país historicamente de vocação marítima, os sectores tradicionais associados à economia do mar têm vindo, ao longo das últimas décadas, a ver reduzida a sua capacidade de atrair riqueza e gerar emprego. Contudo, assiste-se hoje a um “virar de página”, com o surgimento de novas oportunidades ligadas a sectores inovadores como a biotecnologia, a energia ou mesmo as atividades náuticas recreativas.

Para que possam ser devidamente potenciadas, é necessária a definição de modelos de desenvolvimento com enfoque na proteção dos ecossistemas marinhos e costeiros, recursos que por apresentarem características de “bens comuns” (Hardin, 1968, Costanza et al., 2011), têm-se vindo a degradar como resultado de fenómenos de procura excessiva, não regulada pelo mercado, potenciada por fluxos migratórios populacionais e pressões urbanísticas crescentes.

Ao longo do presente trabalho, como objetivo principal procurou-se demonstrar que o *Surf*, uma modalidade com incremento no número de praticantes na ordem de 25% a 30% ao ano, apresenta o potencial de se assumir como um recurso “iceberg” de natureza multidimensional (Nunes, 2011a), capaz de dinamizar economicamente as regiões costeiras, garantindo ao mesmo tempo a valorização e proteção dos seus ecossistemas, constituindo uma alternativa ao tradicional modelo turístico de “Sol e Praia”.

O enfoque não foi colocado na determinação do impacto económico da modalidade, área de estudo já desenvolvida noutros autores (Lazarow, 2009) mas antes na demonstração da importância que uma costa preservada com ondas pode ter na captação de surfistas, contribuindo para a diferenciação do país em termos concorrenciais. Para o efeito, optou-se por obter uma estimativa de valor da qualidade ambiental dos recursos naturais costeiros, concretamente as suas praias e áreas envolventes, através da aplicação de um questionário a uma amostra de conveniência constituída por praticantes de desportos de ondas. Simultaneamente, foi estudada a conjugação da prática da modalidade com atividades de Natureza e outras relacionadas com o conceito “*Surf & Natureza*” (S&N), tendo em vista a maximização da proposta de valor através da definição de ofertas que correspondem às necessidades de turistas ávidos por experiências ricas e diversificadas.

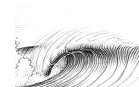


Os resultados obtidos com recurso a técnicas provenientes da Metodologia de Valoração Contingente, estão em linha com estudos que mencionam que as características ambientais dos locais de prática, para além da qualidade das ondas, são determinantes para os praticantes. Neste caso, o valor atribuído ao bom estado de preservação dos recursos, corresponde a um montante compreendido entre 1,14 e 5,13 milhões de euros.

Mesmo considerando haver diferenças nos comportamentos expressos pelos inquiridos, em função das quais foram classificados como “Experientes” ou “Novatos”, fatores como qualidade da água e a limpeza dos areais apresentam sempre graus de valorização importantes. Não foi por isso com surpresa, que foram observadas respostas no sentido das praias situadas fora dos núcleos urbanos funcionarem como polos de atratividade. Importa no entanto referir que para os ditos “Experientes”, a qualidade das ondas é vista como maximizadora da utilidade da prática recreativa, podendo estar acima dos fatores ambientais. Por outro lado, os “Novatos” são um segmento mais focado na qualidade ambiental, valorizando também infraestruturas de ensino e segurança.

No que respeita a contribuições financeiras, são também estes últimos os mais dispostos a afetar parte do seu rendimento à preservação do litoral, não querendo isto significar que os “Experientes” não estejam. Para estes, parece ser determinante o veículo e meio de pagamento escolhido, com as taxas ambientais associadas à utilização a apresentarem um baixo grau de aceitação. Por esse motivo, sugere-se que em políticas de gestão da orla costeira, sejam utilizadas soluções dissociadas da utilização regular dos recursos, sendo as taxas de recuperação também aqui estudadas, ou outros veículos, opções a ter em conta.

Importa ainda referir que, com o nível de rendimento do agregado familiar nem sempre a ter influência nas contribuições expressas, outros fatores externos parecem explicar os comportamentos dos inquiridos, como a discordância sobre o veículo e meio de pagamento ou a não confiança no destino a ser dado ao dinheiro. A demonstrá-lo, os mais letrados estão menos recetivos para a taxa de utilização. Ainda sobre esta matéria, sugere-se a aposta em políticas de sensibilização ambiental junto da população, uma vez que foram obtidos resultados que indiciam uma ligação entre a valoração dos recursos ambientais e maior disponibilidade para financiar a sua preservação.



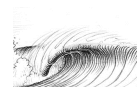
Recorde-se que na génese deste trabalho, esteve também a maximização da proposta de valor associada ao *Surf* e à utilização dos recursos naturais costeiros, aqui incorporada pelo estudo da conjugação de *Surf* com atividades de Natureza ou outras relacionadas com o conceito S&N. Esta foi também uma forma encontrada, para avaliar a relevância que uma costa litoral preservada pode ter na promoção do país junto da comunidade surfista.

Em função dos resultados obtidos, pode-se prever que os surfistas, indivíduos com poder económico que viajam acompanhados e que não se restringem a uma única região, para além de serem atraídos por ondas situadas em praias com qualidade ambiental, têm apetência para atividades complementares, que podem incrementar moderadamente os gastos durante a estadia nos locais e prolongar o período de permanência.

Numa primeira análise, de entre as diferentes combinações estudadas o destaque vai para a restauração, desde que identificada com o conceito natural saudável, para atividades aquáticas de mar, como a vela e o mergulho e para atividades de contacto com a Natureza, seja na vertente mais ativa ou na de simples contemplação. No extremo oposto situam-se outros desportos de ondas, o que parece identificar um elevado grau de fidelização dos praticantes à modalidade praticada, pouco disponíveis para gastos adicionais com outras modalidades de ondas.

Do estudo complementar efetuado com base nas variáveis sócio demográficas rendimento, grau de escolaridade e profissão, saiu reforçado o interesse nas atividades de contacto com a Natureza por parte dos estudantes, o que abre interessantes perspetivas para o cruzamento de ofertas. Estes e quem possui maiores níveis de escolaridade, aparentam ser os segmentos com maior apetência para a generalidade das atividades S&N, não tendo sido constatado na amostra que os mais letrados tenham apetência para ofertas culturais relacionadas com espetáculos de diversão noturna. Todavia, estão interessados em visitas a centros históricos e no contacto com artes e ofícios. O menor interesse em diversão noturna foi igualmente identificado nos surfistas “Experientes”, frequentadores matinais das praias, estando no campo oposto os “Novatos”.

Acima do potencial inicialmente identificado, atividades de bem-estar como o Yôga e Pilates, aparentam despertar o interesse tanto nos surfistas “Experientes”, como nos “Novatos”, sendo por isso uma vertente a explorar desde que de forma direcionada.



Um resultado importante, foi o interesse em ações de voluntariado ambiental detetado nos surfistas “Experientes”, o que pode indiciar um grau de consciência e preocupação ambiental não identificado à partida. Uma surpresa, resultou do facto dos “Novatos” não partilharem a mesma vontade, o que reforça a necessidade de se investir em ações de consciencialização e mobilização ambiental.

Do mesmo cruzamento com as variáveis sócio demográficas, resultou uma perda de relevância por parte das atividades de mar, o que em si também constitui uma surpresa.

Finalmente, ao não terem sido encontradas evidências que demonstrem a influência do nível de rendimento do agregado nas opções dos inquiridos, novamente se constata a possível presença de fatores externos a influenciar as respostas.

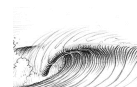
Com este estudo, foram lançadas pistas sobre o potencial subjacente às modalidades de ondas e sua capacidade de atrair praticantes às regiões costeiras, para quem a presença de ecossistemas preservados aparenta ser uma mais-valia. Os resultados obtidos indicam que a população surfista atribui um valor significativo ao bom estado dos recursos naturais, que funcionam como fatores de atratividade e prolongamento de estadia, tal como a conjugação da modalidade praticada com outras atividades de Natureza e do conceito S&N.

Respondendo à pergunta que serviu de base ao presente trabalho, “Sim”, o *Surf* pode constituir em Portugal um motor de dinamização económica e preservação ambiental das regiões costeiras, capaz de proporcionar vantagens competitivas diferenciadoras face aos demais países.

4.2. Limitações e Recomendações para Futura Investigação

Muitas das conclusões mencionadas deverão ser alvo de investigações futuras, não se encontrando aprofundadas por estarem fora do âmbito deste trabalho. Abaixo, são apresentadas pistas para futuros desenvolvimentos, bem como reconhecidas algumas limitações que não foi possível ultrapassar.

A principal limitação reside na utilização de uma amostra de conveniência, não podendo por isso ser efetuadas extrapolações para a generalidade da população. Por outro lado, apesar do esforço empreendido e da divulgação em território nacional ter ultrapassado as expectativas,



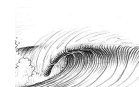
apenas uma pequena fatia de residentes no estrangeiro responderam ao questionário, havendo poucos dados sobre surfistas interessados em visitar o nosso país para a prática de desportos de ondas.

Apesar destes constrangimentos, os resultados obtidos lançam pistas que parecem ser relevantes, podendo servir de base para desenvolvimentos posteriores. Desde logo, importa clarificar se as boas condições ambientais são suficientes para atrair os surfistas mais experientes ou, se pelo contrário, visitam as regiões simplesmente porque têm ondas com qualidade. Zonas costeiras com ondas “razoáveis”, desde que em praias com ecossistemas preservados, têm a capacidade para atrair esta tipologia de surfistas, em número suficiente para dinamizar as economias locais? A conjugação com outras atividades de Natureza ou relacionadas com um estilo de vida saudável, pode compensar a menor qualidade das ondas?

Outra área passível de evolução futura, igualmente relevante, prende-se com o conhecimento das razões pelas quais, parece persistir um fosso entre ter consciência ambiental e participação ativa na preservação dos recursos costeiros.

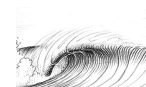
Para além destas, o estudo dos mecanismos associados à aplicação de políticas de gestão ambiental costeira, concretamente dos diferentes veículos de pagamento a utilizar e razões que justificam a sua maior ou menor aceitação, aspeto aqui inicialmente abordado, é outra matéria que pode vir a ser desenvolvida.

Não menos importante, é desejável aprofundar o estudo das características dos segmentos-alvo a que deverão ser dirigidos os pacotes turísticos de maior potencial, partindo da diferenciação aqui apresentada entre surfistas “Experientes” e “Novatos”. Para além da restauração saudável e das atividades de contacto com a Natureza, os segmentos de saúde e bem-estar e o cultural, podem constituir oportunidades promissoras se direcionadas de forma seletiva.

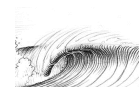


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

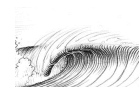
- Alberini, A. , Rosato, P., Longo, A., Zanatta, V., 2005, “Information and Willingness to Pay in a Contingent Valuation Study: The Value of S. Erasmo in the Lagoon of Venice”, *Journal of Environmental Planning and Management*, 48 (2), 155-175
- Amigues, J-P., Boulatoff, C., Desaignes, B., Gauthier, C., Keith, J., 2002, “The benefits and costs of riparian analysis habitat preservation: a willingness to accept/willingness to pay contingent valuation approach”, *Ecological Economics*, 43 (June), 17-31
- Barbieri, C., Sotomayor, S., 2013, “Surf travel behavior and destination preferences: An application of the Serious Leisure Inventory and Measure”, *Tourism Management* 35 (June), 111-121
- Barry, L., van Rensburg, T. M., Hynes, S., 2011, “Improving the recreational value of Ireland’s coastal resources: A contingent behavioural application”, *Marine Policy*, 35 (February), 764-771
- Bicudo, P., Horta, A., 2009, “Integrating Surfing in the Socio-economic and Morphology and Coastal Dynamic Impacts of the Environmental Evaluation of Coastal Projects”, *Journal of Coastal Research*, SI 56 (Proceedings of the 10th International Coastal Symposium)
- Botelho, A., Pinto, L. C., 2002, “Hypothetical, real, and predicted real willingness to pay in open-ended surveys: experimental results”, *Applied Economics Letters*, 9 (15), 993-996
- Buckley, R., 2002a, “Surf Tourism and Sustainable Development in Indo-Pacific Islands. I. The Industry and the Islands”, *Journal of Sustainable Tourism*, 10 (5), 405-424
- Buckley, R., 2002b, “Surf Tourism and Sustainable Development in Indo-Pacific Islands. II. Recreational capacity management and case study. *Journal of Sustainable Tourism*, 10 (5), 425–442
- Buckley, R., 2012, “Sustainable Tourism: Research and Reality”, *Annals of Tourism Research*, 39 (2), 528–546



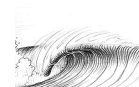
- Butler, R., 1980, “The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources”, *Canadian Geographer*, 24 (1), 5–12
- Butler, R., 1999, “Sustainable tourism: A state-of-the-art review, *Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*, 1 (1), 7-25
- Butt, T., 2010, “The WAR Report – Waves Are Resources”, *Surfers Against Sewage*, Cornwall, Reino Unido
- Carson, R., Flores, N., Meade, N., 2001, “Contingent Valuation: Controversies and Evidence”, *Environmental and Resource Economics*, 19 (2001), 173–210
- CCE – Comissão das Comunidades Europeias, 2006, “Livro Verde – Para uma política marítima da União: Uma visão europeia para os oceanos e os mares”, COM, 275 final, Volume II – Anexo, Bruxelas
- CE – Comissão Europeia, 2012, “Crescimento Azul: Oportunidades para um crescimento marinho e marítimo sustentável”, COM, 494 final, Bruxelas
- CEO - Comissão Estratégica dos Oceanos, 2004, “O Oceano – Um desígnio Nacional para o Século XXI”, Relatório da Comissão Estratégica dos Oceanos – Parte II (Análise e Propostas), Lisboa
- Coffman, M., Burnett, K., 2009, “The Value of a Wave - An Analysis of the Mavericks Region, Half Moon Bay, California, Saves the Wave Coalition
- Costanza, R., d’Arge, R., de Groot, R., Farber, S., Grasso, M., Hannon, B., Limburg, K., Naeem, S., O’Neill, R.V., Paruelo, J., Raskin, R.G., Sutton, P., van den Belt, M., 1997, “The value of the world’s ecosystem services and natural capital”, *Nature*, 387 (May), 253-60
- Costanza, R., Kubiszewski, I., Ervin, D., Bluffstone, R., Boyd, J., Brown, D., Chang, H., Dujon, V., Granek, E., Polasky, S., Shandas, V., Yeakley, A., 2011, “Valuing ecological systems and services”, *F1000 Biology Reports* 2011, 3:14
- COTEC, 2012, “Blue Growth for Portugal – Uma visão empresarial da economia do mar”, COTEC Portugal
- Couper, M. P., 2000, “Web Surveys: A Review of Issues and Approaches”, *Public Opinion Quarterly*, 64 (2000), 464-494



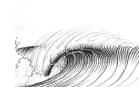
- Dolnicar, S., Flucker, M., 2003, “Who’s Riding the Wave? An Investigation Into Demographic and Psychographic Characteristics of Surf Tourists”, CD Proceedings of the 13th International Research Conference for the Council for Australian University Tourism and Hospitality Education (CAUTHE 2003)
- Douglas – Westwood, 2005, “World Marine Markets–Volume 1”, report nr. 328-05
- Durham, W., Driscoll, M, 2010, “The Value of a Wave - An Analysis of the Mavericks Wave from an Ecotourism Perspective”, CREST – Center for Responsible Travel e Save The Waves Coalition
- Ecorys, 2012, “Blue Growth – Scenarios and drivers for Sustainable Growth from the Oceans, Seas and Coasts. Final Report”, DG MARE, Roterdão/Bruxelas
- Ecorys, 2013, “Study in support of policy measures for maritime and coastal tourism at EU level – Final Report”, DG Maritime Affairs & Fisheries, Roterdão/Bruxelas
- EuroSIMA/Arcane, 2008, “Boardsports Consumers Purchasing Habits”, EuroSima Market Research Cluster & Arcane Institute Agency, August-September Report
- EuroSIMA, 2013, “The Summer Boardsports Market in Europe - 2013 Practical Fact Sheet”, www.eurosima.com, acedido em 23 de Fevereiro de 2014
- Eurostat, 2013, Glossary: Coastal Region, http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Glossary:Coastal_region, acedido em 10 de Fevereiro de 2014
- Gamito, T., 2009, “Desenvolvimento da Economia do Mar: Turismo Marítimo”, Nação e Defesa, 122 (4), 43-60
- Ghermandi, A., Nunes, P., 2013, “A global map of coastal recreation values: Results from a spatially explicit meta-analysis”, Ecological Economics, 86 (2013), 1-15
- Gossling, S., Peeters, P., Hall, C. M., Ceron, J.-P., Dubois, G., Lehman, L. V., & Scott, D., 2011, “Tourism and water use: Supply, demand and security, and international review”, Tourism Management, 33(1), 16–28
- Guimarães, G., Zamith, J., 2008, “A Náutica como Factor de Desenvolvimento da Região Norte”, INTERCÉLTICA – Associação Cultural, Desportiva e Turística



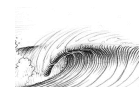
- Halkos, G., Matsiori, S., 2012, “Determinants of willingness to pay for coastal zone quality improvement”, *The Journal of Socio-Economics*, 41 (April), 391-399
- Hanemann, M., Loomis, J., Kanninen, B., 1991, “Statistical Efficiency of Double-Bounded Dichotomous Choice Contingent Valuation”, *American Agricultural Economics Association*, November (1991), 1255-1263
- Hanemann, M., Pendleton, L., Mohn, C., Hilger, J., Kurisawa, K., Layton D., Busch, C., Vasquez, F., 2004, “Southern California Beach Valuation Project”, *National Oceanic and Atmospheric Administration*
- Hardin, G., 1968, “The tragedy of the commons”, *Science* 162 (1968), 1243–1308
- INE, 2012, “Censos 2011, Resultados Definitivos – Portugal”, *Instituto Nacional de Estatística, I.P., Lisboa*
- INE, 2013a, “Anuário Estatístico de Portugal, 2012”, *Instituto Nacional de Estatística, I.P., Lisboa*
- INE, 2013b, “Influência do Mar na atividade económica”, *Instituto Nacional de Estatística, I.P., Lisboa*
- INE, 2014, “Estatísticas de Emprego, 2.º Trimestre de 2014”, disponível em http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes, acedido em 6 de Setembro de 2014
- Lazarow, N., Miller, M., Blackwell, B., 2007, “Dropping in: A case study approach to understanding the socioeconomic impact of recreational surfing and its value to the coastal economy”, *Shore & Beach*, 75 (4), 21-31
- Lazarow, N., 2008, “A socio-economic study of recreational surfing on the Gold Coast, Queensland”, *Griffith Centre for Coastal Management Research Report*, 89, October
- Lazarow, N., Miller, M., Blackwell, B., 2009, “The value of Recreational Surfing to Society”, *Tourism in Marine Environments*, 5 (2–3), 145–158.
- Ledoux, L., Turner, R.K., 2002, “Valuing ocean and coastal resources: a review of practical examples and issues for further action”, *Ocean & Coastal Management*, 45 (2002), 583-616



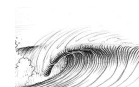
- Lourenço-Gomes, L., Pinto, L. M. C., Rebelo, J. F., 2013a, “Preservation of a rural and cultural landscape. Insights from the multinomial and error components logit model”, *New MEDIT*, 12 (2), 65-72
- Lourenço-Gomes, L., Pinto, L. M. C., Rebelo, J. F., 2013b, “Using choice experiments to value a world cultural heritage site: reflections on the experimental design”, *Journal Applied Economics*, 16 (2), 303–332
- Lourenço-Gomes, L., Pinto, L. M. C., Rebelo, J. F., 2014, “Visitors' preferences for preserving the attributes of a world heritage site”, *Journal of Cultural Heritage*, 15 (2014), 64–67
- Mach, L., 2009, “Finding Another Wave: The Need for Ecotourism Principles in International Surf Culture”, American University, Washington D.C.
- Martin, S. A., Assenov, I., 2012, “The genesis of a new body of sport tourism literature: a systematic review of surf tourism research (1997–2011)”, *Journal of Sport & Tourism*, 17 (4), 257-287
- Millenium Ecosystem Assessement Board, 2005, “Living beyond our means–Natural assets and human well-being”. United Nations,
<http://www.maweb.org/documents/document.429.aspx.pdf>, acedido em 30 de Abril de 2014
- Murphy, M., Bernal, M., 2008, “The Impact of Surfing in Local Economy of Mundaka, Spain, Save The Waves Coalition
- Nelsen, C., Pendleton, L., Vaughn, R., 2007, “ A socioeconomic study of surfers at Trestles Beach”, *Shore & Beach*, 74 (4), 32-38
- Neves, J., Duarte, A., 2013, “A Maritimidade Portuguesa – Do reavivar da consciência à oportunidade de desenvolvimento”, Grupo de Estudos e Reflexão Estratégica, *Cadernos Navais*, 44, Janeiro – Março, Edições Culturais da Marinha, Lisboa
- Nunes, S., 2011a, “A Economia do Mar em Portugal: Problemática e Análise”, *JANUS*, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa
- Nunes, S., 2011b, “O *Surf* na economia do mar: da natureza privada à percepção de valor colectivo”, *JANUS*, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa



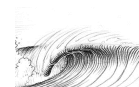
- Onofri, L., Nunes, P., (2013), “Beach ‘lovers’ and ‘greens’: A worldwide empirical analysis of coastal tourism”, *Ecological Economics*, 88 (February), 49-56
- Pendleton, L., Atiyah, P., Moorthy, A., 2007, “Is the non-market literature adequate to support coastal and marine management?”, *Ocean & Coastal Management*, 50 (January), 363-378
- Pordata, 2014, www.pordata.pt/Portugal/PIB+e+rendimentos-2412, acedido em 16 de Fevereiro de 2014
- Pitta e Cunha, T. (2011), “Portugal e o Mar – À Redescoberta da Geografia”, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa
- Ponting, J., McDonald, M., Wearing, S., 2005, “Deconstructing wonderland: surfing tourism in the Mentawai islands, Indonesia”, *Society and Leisure*, 28 (1), 141–162
- Ponting, J., 2008. “Consuming Nirvana: An exploration of surfing tourist space”, Tese de Doutoramento, University of Technology, Sydney
- PRC, 2008, “The Role of Maritime Clusters to enhance the strength and development of European maritime sectors”, Policy Research Corporation, Bruxelas
- Priskin, J., 2003, “Tourist perceptions of degradation caused by coastal nature-based recreation”, *Environmental Management*, 32 (2), 189–204
- Remoundou, K., Koundouri, P., Kontogianni, A., Nunes, P., Skourtos, M., , 2009, “Valuation of natural marine ecosystems: an economic perspective”, *Environmental Science & Policy*, 12 (July), 1040-1051
- Reynolds, Z., Hritz, N. M., 2012 "Surfing as adventure travel: Motivations and lifestyles," *Journal of Tourism Insights*, 3 (1), 1-17
- Ribeiro, A., Silva, F., Palma, J., Monteiro, N., 2010, “Estratégia Naval Portuguesa – O processo, o contexto e o conteúdo”, *Cadernos Navais*, 34, Julho-Setembro, Edições Culturais da Marinha, Lisboa
- Robinson, J., 2001, “A review of techniques to value environmental resources in coastal zones”, CRC for Coastal Zone Estuary and Waterway Management, University of Queensland



- Saengsupavanich, C., Seenprachawong, U., Gallardo, W., Shivakoti, G., 2008, “Port-induced erosion prediction and valuation of local recreational beach”, *Ecological Economics*, 67 (January), 93-103
- SaeR/ACL, Sociedade de Avaliação Estratégica e Risco / Associação Comercial de Lisboa, 2009, “O Hypercluster da Economia do Mar”, Lisboa
- Slotkin, M, Chambliss, K., Vamosi, A., Lindo, C., 2009, “Surf Tourism, Artificial Surfing Reefs, and Environmental Sustainability”, *American Institute of Physics*
- Shaw, W.D., Jakus, P., 1996, “Travel Cost Models of the Demand for Rock Climbing”, *Agricultural and Resource Economics Review*, October (1996), 133-142
- Tilley, C. T., 2001, “A Valuation of the Pleasure Point Surf-Zone in Santa Cruz, CA Using Travel Cost Modelling”, *California State University, Monterey Bay*
- THR (Asesores en Turismo Hotelaría y Recreación, S.A.), 2006, “10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal – Turismo Náutico”, Turismo de Portugal, I.P., Lisboa
- Turismo de Portugal, 2006, “PENT, Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal”, Lisboa
- Turismo de Portugal, 2007, “PENT, Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal”, Lisboa
- Turismo de Portugal, 2013, “PENT, Plano Estratégico Nacional do Turismo – Revisão e Objetivos 2013-2015”, Lisboa
- Turner, R. K, Paavola, J., Cooper, P., Farber, S., Jessamy, V., Georgiou, S., 2003, “Valuing nature: lessons learned and future research directions”, *Ecological Economics*, 46 (June), 493-510
- UNEP-WCMC, 2011, “Marine and coastal ecosystem services: Valuation methods and their application”, *UNEP-WCMC Biodiversity Series*, 33 (March), 1-46
- UNWTO – World Tourism Organization, 2011, “Tourism Towards 2030 - Global Overview”, Madrid



- UNWTO – World Tourism Organization, 2013, “Tourism Highlights - 2013 Edition”, Madrid
- UNWTO – World Tourism Organization, 2014, “World Tourism Barometer”, Vol.12, Janeiro, Madrid
- Venkatachalam, L., 2004, “The contingent valuation method: a review”, Environmental Impact Assessment Review, 24 (June), 89–124
- Vossler, C., McKee, M., 2006, “Induced-value tests of contingent valuation elicitation mechanisms”, Environmental & Resource Economics, 35 (2006), 137-168
- Wagner, G., Nelsen, C., Walker, M., 2011, “A Socioeconomic and Recreational Profile of Surfers in the United States”,
[http://www.surfrider.org/images/uploads/publications/surfrider_report_v13\(1\).pdf](http://www.surfrider.org/images/uploads/publications/surfrider_report_v13(1).pdf),
acedido em 24 de Janeiro de 2014



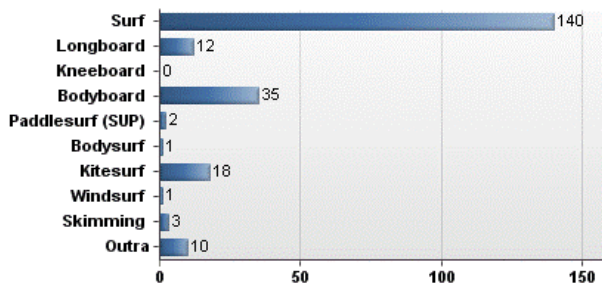
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO SURF & NATUREZA

Secção 1 – Caracterização dos Praticantes de Desportos de Ondas

Pergunta 1.1: Que modalidade de desportos de ondas pratica regularmente?

Tabela e Gráfico 1.1: Respostas obtidas à pergunta 1.1.

Modalidade	Nº de Respostas	%
1 Surf	140	63%
2 Longboard	12	5%
3 Kneeboard	0	0%
4 Bodyboard	35	16%
5 Paddlesurf (SUP)	2	1%
6 Bodysurf	1	0%
7 Kitesurf	18	8%
8 Windsurf	1	0%
9 Skimming	3	1%
10 Outra	10	5%
Total	222	100%
Média	2,62	

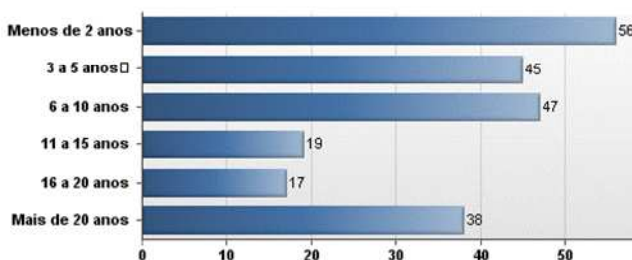


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 1.2: Há quantos anos pratica a modalidade?

Tabela e Gráfico 1.2: Respostas obtidas à pergunta 1.2.

Anos de Experiência	n	%
1 Menos de 2 anos	56	25%
2 3 a 5 anos	45	20%
3 6 a 10 anos	47	21%
4 11 a 15 anos	19	9%
5 16 a 20 anos	17	8%
6 Mais de 20 anos	38	17%
Total	222	100%
Média	3,05	

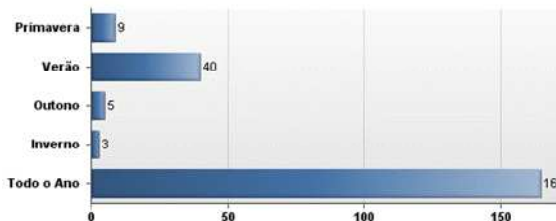


Fonte: Elaboração Própria

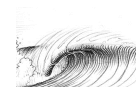
Pergunta 1.3: Em que estações do ano pratica regularmente?

Tabela e Gráfico 1.3: Respostas obtidas à pergunta 1.3.

Estação	n	%
1 Primavera	9	4%
2 Verão	40	18%
3 Outono	5	2%
4 Inverno	3	1%
5 Todo o Ano	165	74%
Total	222	100%
Média	4,24	



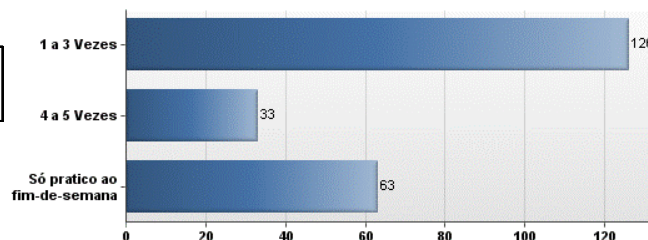
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 1.4: Durante a semana, em média, quantas vezes pratica?

Tabela e Gráfico 1.4: Respostas obtidas à pergunta 1.4.

Frequência de Prática	n	%
1 1 a 3 Vezes	126	57%
2 4 a 5 Vezes	33	15%
3 Só pratico ao fim-de-semana	63	28%
Total	222	100%
Média	1,72	

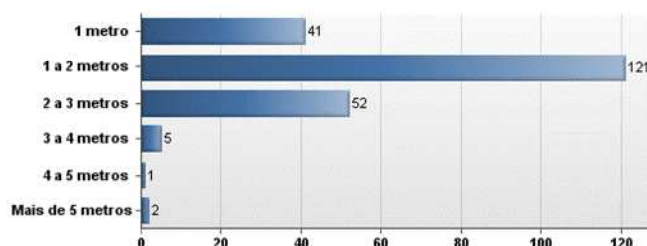


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 1.5: Qual é o seu tamanho preferido de ondas?

Tabela e Gráfico 1.5: Respostas obtidas à pergunta 1.5.

Tamanho de Ondas	n	%
1 1 metro	41	18%
2 1 a 2 metros	121	55%
3 2 a 3 metros	52	23%
4 3 a 4 metros	5	2%
5 4 a 5 metros	1	0%
6 Mais de 5 metros	2	1%
Total	222	100%
Média	2,14	

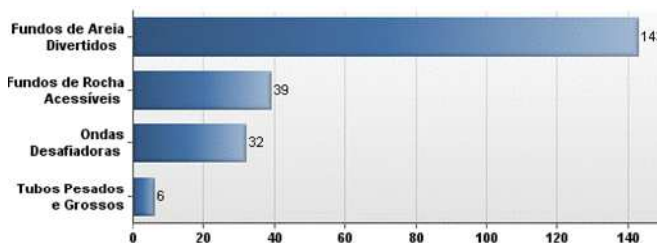


Fonte: Elaboração Própria

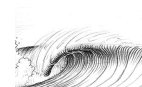
Pergunta 1.6: Qual é o seu tipo de ondas preferido?

Tabela e Gráfico 1.6: Respostas obtidas à pergunta 1.6.

	n	%
1 Fundos de Areia Divertidos	143	65%
2 Fundos de Rocha Acessíveis	39	18%
3 Ondas Desafiadoras	32	15%
4 Tubos Pesados e Grossos	6	3%
Total	222	100%
Média	1,55	



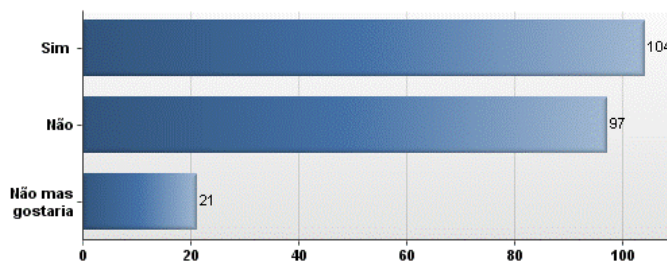
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 1.7: Já alguma vez teve aulas numa escola da modalidade?

Tabela e Gráfico 1.7: Respostas obtidas à pergunta 1.7.

	n	%
1 Sim	104	47%
2 Não	97	44%
3 Não mas gostaria	21	9%
Total	222	100%

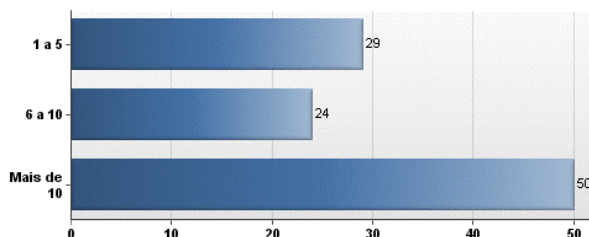


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 1.8: Caso tenha respondido SIM à pergunta anterior, quantas aulas já teve?

Tabela e Gráfico 1.8: Respostas obtidas à pergunta 1.8.

	n	%
1 1 a 5	29	28%
2 6 a 10	24	23%
3 Mais de 10	50	49%
Total	222	100%
Média	2,20	

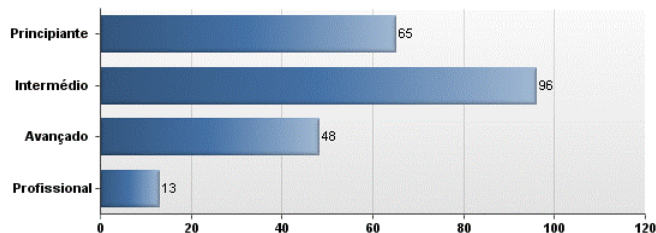


Fonte: Elaboração Própria

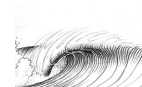
Pergunta 1.9: Relativamente à modalidade que pratica, como classifica o seu nível de experiência?

Tabela e Gráfico 1.9: Respostas obtidas à pergunta 1.9.

	n	%
1 Principiante	65	29%
2 Intermédio	96	43%
3 Avançado	48	22%
4 Profissional	13	6%
Total	222	100%
Média	2,04	



Fonte: Elaboração Própria



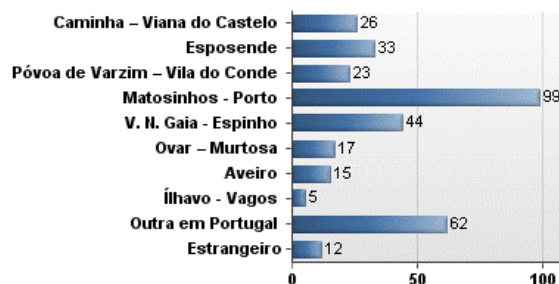
Secção 2 – Preferências e Hábitos do Praticante de Desportos de Ondas

Pergunta 2.1: Em qual (ais) da (s) seguinte (s) regiões pratica desportos de ondas com maior frequência? Pode assinalar várias opções:

Tabela e Gráfico 2.1: Respostas obtidas à pergunta 2.1.

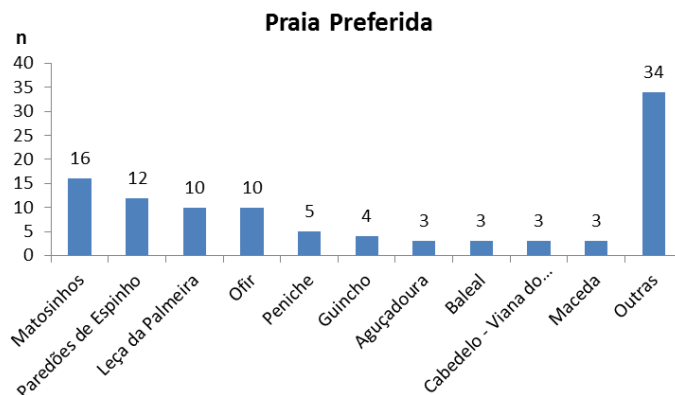
	n	%
Caminha – Viana do Castelo	26	15%
Esposende	33	18%
Póvoa de Varzim – Vila do Conde	23	13%
Matosinhos - Porto	99	55%
V. N. Gaia - Espinho	44	25%
Ovar – Murtosa	17	9%
Aveiro	15	8%
Ílhavo - Vagos	5	3%
Outra em Portugal	62	35%
Estrangeiro	12	7%

Fonte: Elaboração Própria

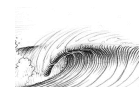


Pergunta 2.2: Na (s) região (ões) assinalada (s), qual é a sua praia preferida (indique apenas uma):

Gráfico 2.2: Respostas obtidas à pergunta 2.2.



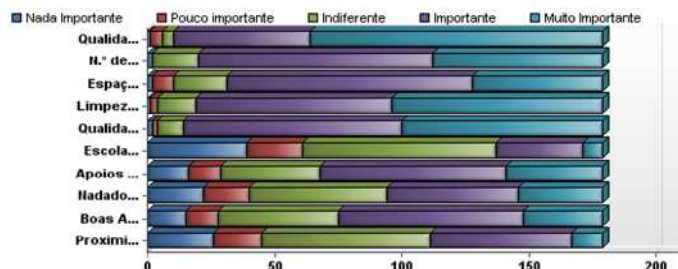
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 2.3: Relativamente ao que valoriza numa praia, classifique os diferentes “itens”:

Tabela e Gráfico 2.3: Respostas obtidas à pergunta 2.3.

	Nada Importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito Importante	TOTAL	Média
Qualidade das Ondas	1	5	4	54	115	179	4.55
N.º de Pessoas na Água (“Crowd”)	2	0	18	92	67	179	4.24
Espaço Envolvente Preservado (com dunas, arribas, ...)	2	8	21	97	51	179	4.04
Limpeza do Areal e Espaço Envolvente	1	3	15	77	83	179	4.33
Qualidade da Água	2	2	10	86	79	179	4.33
Escolas de Desportos de Ondas	39	22	76	34	8	179	2.72
Apoios de Praia (WC; chuveiro; bar/restaurante; ...)	16	13	39	73	38	179	3.58
Nadador – Salvador / Segurança	22	18	54	52	33	179	3.31
Boas Acessibilidades / Estacionamento	15	13	47	73	31	179	3.51
Proximidade ao Local de Dormida / Alojamento	26	19	66	56	12	179	3.05



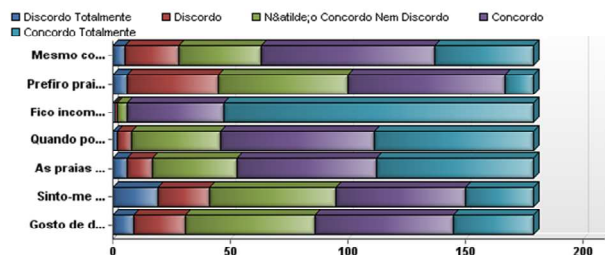
Font

e: Elaboração Própria

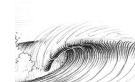
Pergunta 2.4: No que respeita à prática da sua modalidade, assinale o grau de concordância com as seguintes afirmações:

Tabela e Gráfico 2.4: Respostas obtidas à pergunta 2.4.

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	TOTAL	Média
1 Mesmo com muito “crowd”, se as condições estiverem l	5	23	35	74	42	179	3.70
2 Prefiro praias com boa qualidade ambiental, mesmo qu	6	39	55	67	12	179	3.22
3 Fico incomodado ao ver lixo nas praias	1	1	4	41	132	179	4.69
4 Quando posso, procuro praias fora dos ambientes urbar	2	6	38	65	68	179	4.07
5 As praias deviam ter balneários com chuveiros, durante	6	11	36	59	67	179	3.95
6 Sinto-me mais seguro nas praias com escolas e nadador	19	22	54	55	29	179	3.30
7 Gosto de dormir perto da praia, para ser o primeiro a en	9	22	55	59	34	179	3.49



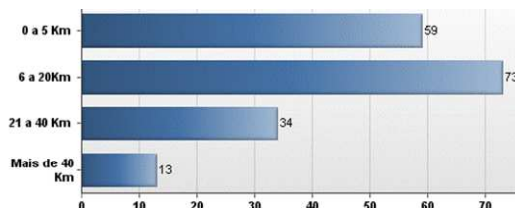
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 2.5: Em média, quantos Kms. percorre para se deslocar até ao local onde pratica desportos de ondas?

Tabela e Gráfico 2.5: Respostas obtidas à pergunta 2.5.

	n	%
1 0 a 5 Km	59	33%
2 6 a 20Km	73	41%
3 21 a 40 Km	34	19%
4 Mais de 40 Km	13	7%
Total	222	100%
Média	2,01	

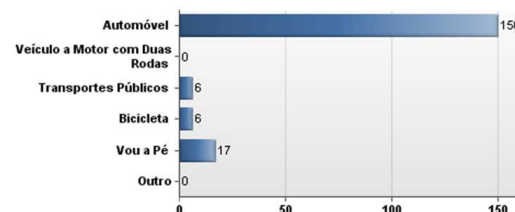


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 2.6: Qual o meio de transporte que habitualmente utiliza, para se deslocar até ao local onde pratica desportos de ondas?

Tabela e Gráfico 2.6: Respostas obtidas à pergunta 2.6.

	n	%
1 Automóvel	150	84%
2 Veículo a Motor com Duas Rodas	0	0%
3 Transportes Públicos	6	3%
4 Bicicleta	6	3%
5 Vou a Pé	17	9%
6 Outro	0	0%
Total	222	100%
Média		

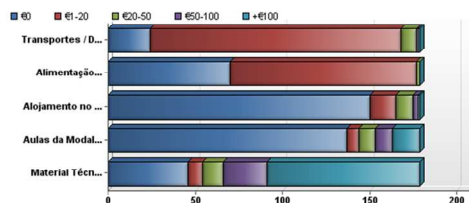


Fonte: Elaboração Própria

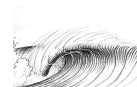
Pergunta 2.7: Associado à prática de desportos de ondas, quanto gasta aproximadamente em:

Tabela e Gráfico 2.7: Respostas obtidas à pergunta 2.7.

	€ 0	€1-20	€20-50	€50-100	€ 100	Total	Média
1 Transportes / Deslocações (incluindo combustível e portagens) - €/dia (apenas viagem de ida)	24	144	9	1	1	179	1.94
2 Alimentação - €/dia	70	107	2	0	0	179	1.62
3 Alojamento no Local - €/dia	150	15	10	3	1	179	1.27
4 Aulas da Modalidade - €/ano	137	7	9	10	16	179	1.66
5 Material Técnico Comprado no Local (pranchas, fatos, acessórios) - €/ano	46	8	12	25	88	179	3.56
Total							



Fonte: Elaboração Própria

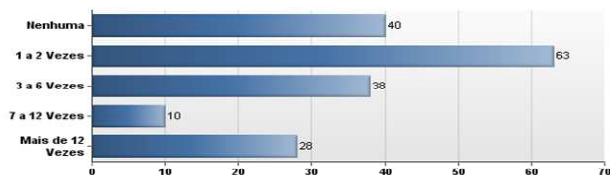


Pergunta 2.8: Por ano, em média, quantas vezes visita uma Área Protegida em Portugal?

Tabela e Gráfico 2.8: Respostas obtidas à pergunta 2.8.

	n	%
1 Nenhuma	40	22%
2 1 a 2 Vezes	63	35%
3 3 a 6 Vezes	38	21%
4 7 a 12 Vezes	10	6%
5 Mais de 12 Vezes	28	16%
Total	179	100%

Fonte: Elaboração Própria

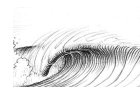
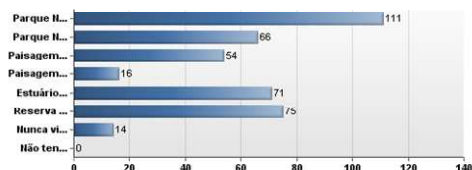


Pergunta 2.9: Indique qual (ais) das seguintes Áreas Protegidas localizadas em Portugal, já visitou?

Tabela e Gráfico 2.9: Respostas obtidas à pergunta 2.9.

	n	%
Parque Nacional da Peneda - Gerês	111	74%
Parque Natural do Litoral Norte	66	44%
Paisagem Protegida Litoral de Vila do Conde e	54	36%
Paisagem Protegida Lagoa de Bertandos e Sã	16	11%
Estuário do Douro	71	48%
Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto	75	50%
Nunca visitei mas gostava de o fazer	14	9%
Não tenho interesse em visitar estas áreas	0	0%

Fonte: Elaboração Própria

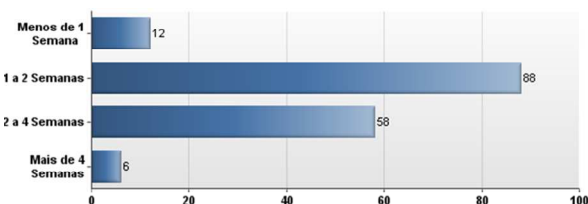


Secção 3 – Preferências e Hábitos do Praticante de Desportos de Ondas em Período de Férias

Pergunta 3.1: Durante um ano, em média, qual é o seu período mais longo de estadia no destino de férias?

Tabela e Gráfico 3.1: Respostas obtidas à pergunta 3.1.

	n	%
1 Menos de 1 Semana	12	7%
2 1 a 2 Semanas	88	54%
3 2 a 4 Semanas	58	35%
4 Mais de 4 Semanas	6	4%
Total	164	100%
Média	2,35	

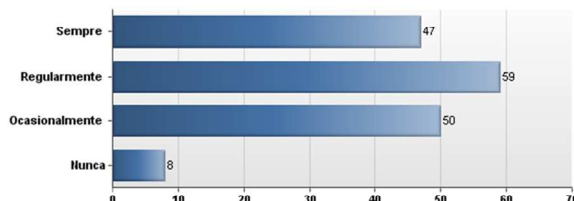


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 3.2: Quando viaja de férias, procura destinos para praticar desportos de ondas?

Tabela e Gráfico 3.2: Respostas obtidas à pergunta 3.2.

	n	%
1 Sempre	47	29%
2 Regularmente	59	36%
3 Ocasionalmente	50	30%
4 Nunca	8	5%
Total	164	100%
Média	2,12	

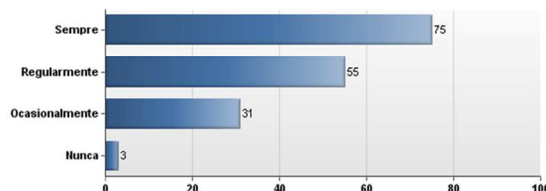


Fonte: Elaboração Própria

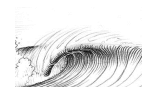
Pergunta 3.3: A qualidade ambiental da água, areal ou espaço envolvente é um importante critério de escolha no destino?

Tabela e Gráfico 3.3: Respostas obtidas à pergunta 3.3.

	n	%
1 Sempre	75	46%
2 Regularmente	55	34%
3 Ocasionalmente	31	19%
4 Nunca	3	2%
Total	164	100%
Média	1,77	



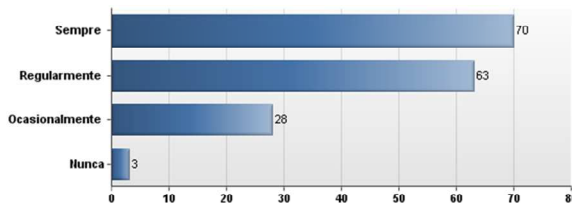
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 3.4: Quando viaja em férias, procura destinos que privilegiem o contacto com a Natureza?

Tabela e Gráfico 3.4: Respostas obtidas à pergunta 3.4.

	n	%
1 Sempre	70	43%
2 Regularmente	63	38%
3 Ocasionalmente	28	17%
4 Nunca	3	2%
Total	164	100%
Média	1,78	

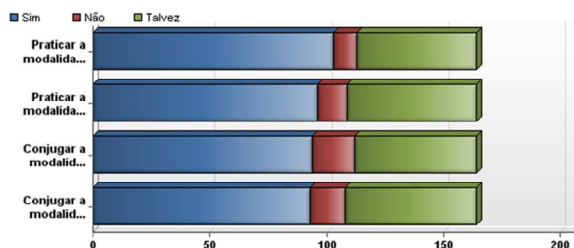


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 3.5: Estaria disposto a prolongar a sua estadia, se tivesse a possibilidade de praticar a modalidade de desportos de ondas:

Tabela e Gráfico 3.5: Respostas obtidas à pergunta 3.5.

	Sim	Não	Talvez	Total	Média
1 Em praias com boa qualidade ambiental?	103	10	51	164	1.68
2 Em praias com a envolvente preservada (com dunas, arribas,...)?	96	13	55	164	1.75
3 Com outras actividades de contacto com a Natureza?	94	18	52	164	1.74
4 Com outras actividades?	93	15	56	164	1.77

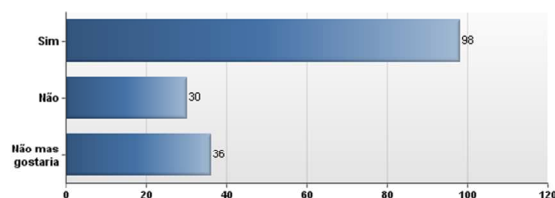


Fonte: Elaboração Própria

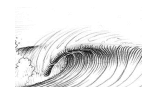
Pergunta 3.6: Já alguma vez ficou alojado num hotel com boas práticas ambientais e sociais?

Tabela e Gráfico 3.6: Respostas obtidas à pergunta 3.6.

	n	%
1 Sim	98	60%
2 Não	30	18%
3 Não mas gostaria	36	22%
Total	164	100%
Média	1,62	



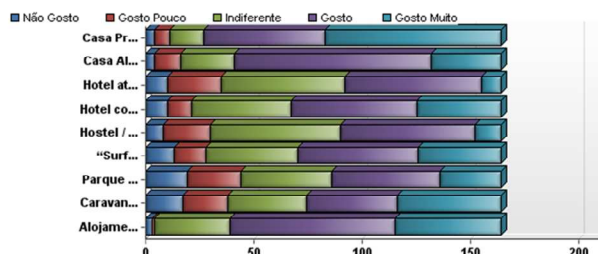
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 3.7: Sem considerar o custo com o alojamento, indique o seu grau de preferência relativamente às seguintes opções:

Tabela e Gráfico 3.7: Respostas obtidas à pergunta 3.7.

	Não Gosto	Gosto Pouco	Indiferente	Gosto	Gosto Muito	Total	Média
1 Casa Própria, de Amigos e/ou Familiares	4	7	16	56	81	164	4.24
2 Casa Alugada	4	12	25	91	32	164	3.82
3 Hotel até 3 estrelas	10	25	57	63	9	164	3.22
4 Hotel com mais de 3 estrelas	10	11	46	58	39	164	3.64
5 Hostel / Pensão / Residencial	8	22	60	62	12	164	3.29
6 "Surf Camp"	13	15	42	56	38	164	3.55
7 Parque de Campismo	19	25	42	50	28	164	3.26
8 Caravana / Auto Caravana	17	21	36	42	48	164	3.51
9 Alojamento com Boas Práticas Ambientais e Sociais	3	1	35	76	49	164	4.02

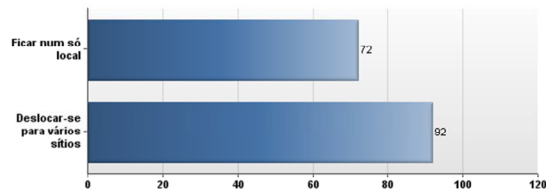


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 3.8: Na sua estadia, normalmente opta por:

Tabela e Gráfico 3.8: Respostas obtidas à pergunta 3.8.

	n	%
1 Ficar num só local	72	44%
2 Deslocar-se para vários sítios	92	56%
Total	164	100%
Média	1,56	

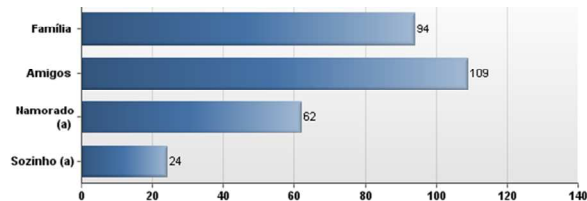


Fonte: Elaboração Própria

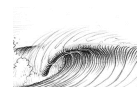
Pergunta 3.9: Com quem costuma viajar quando vai de férias?

Tabela e Gráfico 3.9: Respostas obtidas à pergunta 3.9.

	n	%
1 Família	94	57%
2 Amigos	109	66%
3 Namorado (a)	62	38%
4 Sozinho (a)	24	15%
Total	164	100%



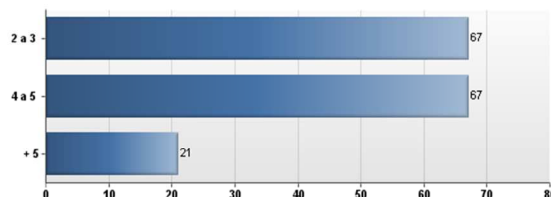
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 3.10: Se viajar com a família e/ou amigos, quantas pessoas vão em média?

Tabela e Gráfico 3.10: Respostas obtidas à pergunta 3.10.

	n	%
1 2 a 3	67	43%
2 4 a 5	67	43%
3 +5	21	14%
Total	155	100%
Média	1,70	



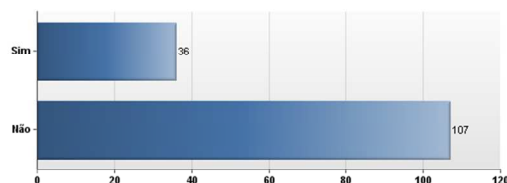
Fonte: Elaboração Própria

Secção 4 – Avaliação Qualitativa e Quantitativa dos Recursos Naturais Costeiros

Pergunta 4.1: Estaria disposto a votar favoravelmente a instituição de uma taxa de utilização dos Recursos Naturais Costeiros (RNC), a aplicar cada vez que pratica a sua modalidade?

Tabela e Gráfico 4.1: Respostas obtidas à pergunta 4.1.

Taxa de Utilização TU	n	%
1 Sim	36	25%
2 Não	107	75%
Total	143	100%
Média	1,75	

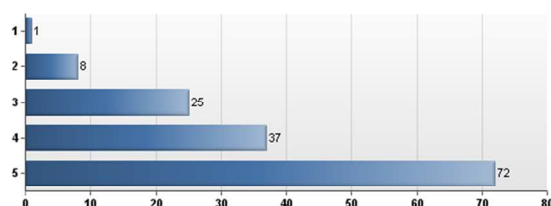


Fonte: Elaboração Própria

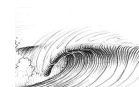
Pergunta 4.1.1: Numa escala de 1 (Sem Certeza) a 5 (Certeza Absoluta), assinala o quão certo está da sua resposta:

Tabela e Gráfico 4.1.1: Respostas obtidas à pergunta 4.1.1.

TU Escala de Certeza	n	%
1 Sem Certeza	1	1%
2	8	6%
3	25	17%
4	37	26%
5 Certeza Absoluta	72	50%
Total	143	100%
Média	4,20	



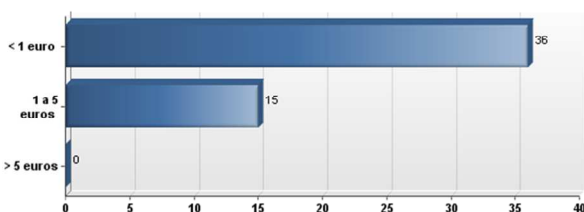
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 4.2: Se respondeu Sim à questão 4.1., assinale o montante que lhe parece mais justo:

Tabela e Gráfico 4.2: Respostas obtidas à pergunta 4.2.

	n	%
1 < 1 euro	36	71%
2 1 a 5 euros	15	29%
3 > 5 euros	0	0%
Total	51	100%
Média	1,29	

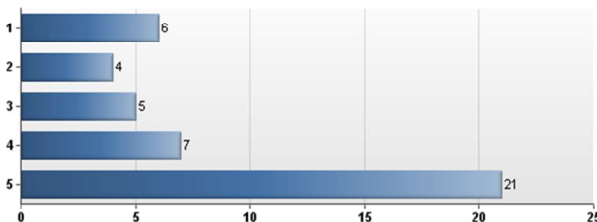


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 4.2.1: Numa escala de 1 (Sem Certeza) a 5 (Certeza Absoluta), assinale o quão certo está sobre o valor a pagar:

Tabela e Gráfico 4.2.1: Respostas obtidas à pergunta 4.2.1.

	n	%
1 Sem Certe:	6	14%
2	4	9%
3	5	12%
4	7	16%
5 Certeza Ab	21	49%
Total	43	100%
Média	3,77	



Fonte: Elaboração Própria

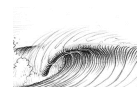
Pergunta 4.3: Se respondeu Não à questão 4.1., assinale a razão que melhor justifica a sua resposta:

Tabela e Gráfico 4.3: Respostas obtidas à pergunta 4.3.

	n	%
1 Não estou disposto a pagar individualmente	2	2%
2 Já contribuo através dos meus impostos	64	57%
3 Não penso que este assunto seja da minha responsat	4	4%
4 Não disponho de rendimento suficiente	3	3%
5 Não estou suficientemente informado sobre o assun	11	10%
6 Não confio no destino a ser dado ao dinheiro	14	13%
7 Outra	14	13%
Total	112	100%
Média	3,49	



Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 4.4: Em alternativa à aplicação da taxa de utilização referida, assinale a opção que considera mais justa:

Tabela e Gráfico 4.4: Respostas obtidas à pergunta 4.4.

	n	%
1 Licença mensal ou anual para prática da modalidade	19	13%
2 Eco-taxa aplicada em produtos e serviços relacionados com desportos de ondas	16	11%
3 Contribuição voluntária para O.N.G.A.'s (Surfrider Foundation; Salvem o Surf; ...)	31	22%
4 A taxa de utilização é a opção mais justa	8	6%
5 Não concordo com qualquer tipo de pagamento	69	48%
Total	143	100%
Média	3,64	

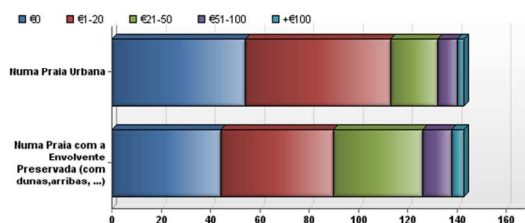


Fonte: Elaboração Própria

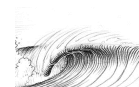
Pergunta 4.5: Imagine agora, que devido a derrame de petróleo, as praias que frequenta ficaram interditas. Que montante estaria disposto a pagar, de modo a garantir a reposição da qualidade dos ecossistemas costeiros (água, areal, área envolvente)?

Tabela e Gráfico 4.5: Respostas obtidas à pergunta 4.5.

	1 € 0	2 €1-20	3 €21-50	4 €51-100	5 €100	Total	Média
Numa Praia Urbana	54	59	19	8	3	143	1.93
Numa Praia com a Envolvente Preservada (com dunas,arribas, ...)	44	46	36	12	5	143	2.22



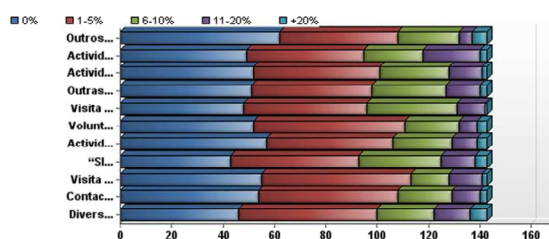
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 4.6: Nas suas deslocações para a prática de desportos de ondas, indique o acréscimo nos gastos que estaria disposto (a) a suportar, para conjugar a prática da modalidade com as seguintes opções:

Tabela e Gráfico 4.6: Respostas obtidas à pergunta 4.6.

	1 0%	2 1-5%	3 6-10%	4 11-20%	5 +20%	Total	Média
Outros Desportos de Ondas	62	46	24	5	6	143	1.93
Actividades Aquáticas de Mar (Vela, Mergulho, ...)	49	46	23	22	3	143	2.19
Actividades Aquáticas de Rio (Canoagem, "Rafting", "Canyoning", ...)	52	49	27	13	2	143	2.05
Outras Actividades de Contacto com a Natureza (BTT, "Rappel/Slide"	51	47	29	13	3	143	2.09
Visita a Áreas Protegidas	48	48	35	11	1	143	2.08
Voluntariado Ambiental	52	59	21	7	4	143	1.97
Actividades de Saúde e Bem-estar (Yôga / Pilates, ...)	57	49	23	10	4	143	1.99
"Slow Food" / Comida Natural Saudável	43	50	32	13	5	143	2.21
Visita a Centros Históricos, Monumentos, Museus	55	58	15	13	2	143	1.94
Contacto Directo com Artesãos e Ofícios Locais (Pesca Artesanal,...)	54	54	21	11	3	143	1.99
Diversão nocturna / Espectáculos (Música, Teatro,...)	46	54	22	14	7	143	2.17



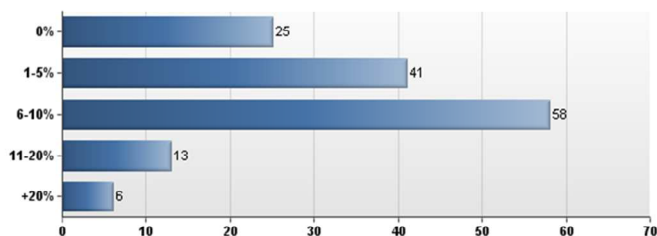
Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 4.7: Assinale o acréscimo no preço que estaria disposto a suportar, por um alojamento com boas práticas ambientais e sociais:

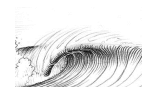
Tabela e Gráfico 4.7: Respostas obtidas à pergunta 4.7.

	n	%
1 0%	25	17%
2 1-5%	41	29%
3 6-10%	58	41%
4 11-20%	13	9%
5 +20%	6	4%
Total	143	100%

Média	2,54
-------	------



Fonte: Elaboração Própria

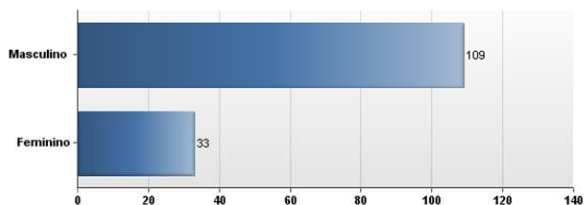


Secção 5 – Caracterização dos Praticantes de Desportos de Ondas

Pergunta 5.1: Qual é o seu sexo?

Tabela e Gráfico 5.1: Respostas obtidas à pergunta 5.1.

	n	%
1 Masculino	109	77%
2 Feminino	33	23%
Total	142	100%
Média	1,23	

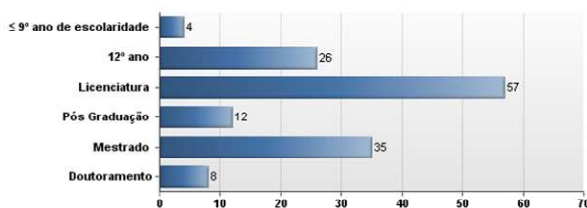


Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 5.2: Qual é o seu grau de escolaridade?

Tabela e Gráfico 5.2: Respostas obtidas à pergunta 5.2.

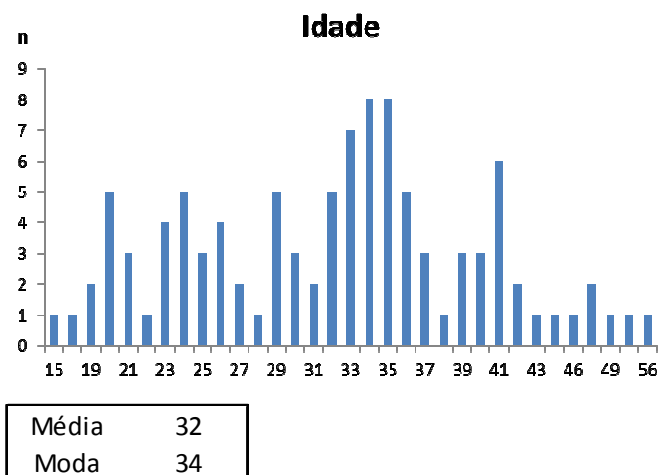
	n	%
1 ≤ 9º ano de escolarid	4	3%
2 12º ano	26	18%
3 Licenciatura	57	40%
4 Pós Graduação	12	8%
5 Mestrado	35	25%
6 Doutoramento	8	6%
Total	142	100%
Média	3,51	



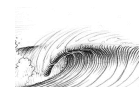
Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 5.3: Qual é a sua idade (escreva o número):

Gráfico 5.3: Respostas obtidas à pergunta 5.3.



Fonte: Elaboração Própria

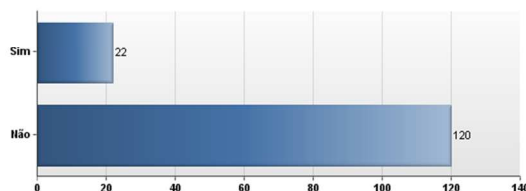


Pergunta 5.4: Pertence ou já pertenceu a alguma Organização Não Governamental de Ambiente (O.N.G.A.)?

Tabela e Gráfico 5.4: Respostas obtidas à pergunta 5.4.

	n	%
1 Sim	22	15%
2 Não	120	85%
Total	142	100%

Média	1,85
-------	------



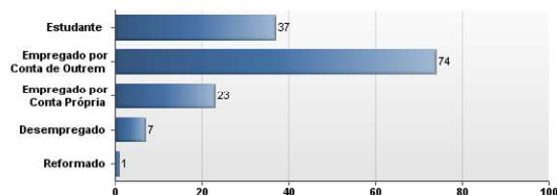
Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 5.5: Assinale a sua situação profissional

Tabela e Gráfico 5.5: Respostas obtidas à pergunta 5.5.

	n	%
1 Estudante	37	26%
2 Empregado por Conta de Outrem	74	52%
3 Empregado por Conta Própria	23	16%
4 Desempregado	7	5%
5 Reformado	1	1%
Total	142	100%

Média	2,02
-------	------



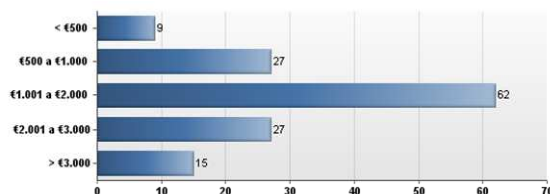
Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 5.6: Assinale o rendimento médio mensal (líquido) do seu agregado familiar:

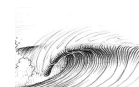
Tabela e Gráfico 5.6: Respostas obtidas à pergunta 5.6.

	n	%
1 < €500	9	6%
2 €500 a €1.000	27	19%
3 €1.001 a €2.000	62	44%
4 €2.001 a €3.000	27	19%
5 > €3.000	15	11%
Total	140	100%

Média	3,09
-------	------



Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 5.7: Quantas pessoas contribuem para o rendimento do agregado familiar? Escreva o número:

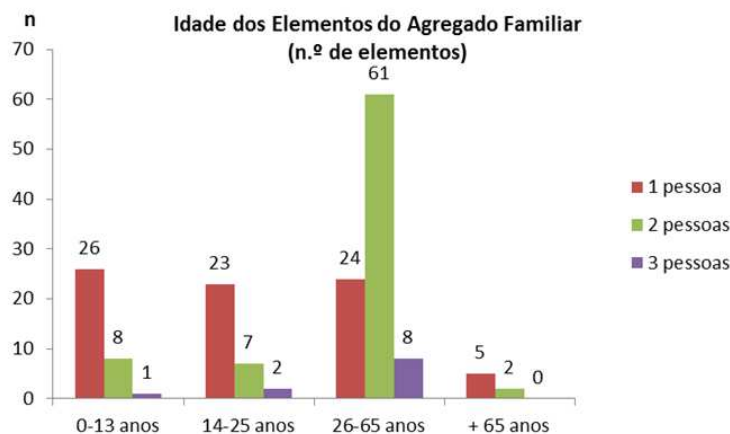
Gráfico 5.7: Respostas obtidas à pergunta 5.7.



Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 5.8: Quantos elementos do seu agregado familiar têm idade entre (escreva o número):

Gráfico 5.8: Respostas obtidas à pergunta 5.8.



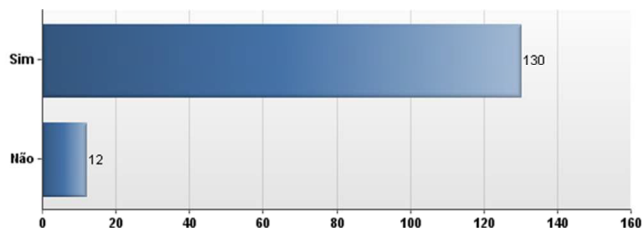
Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 5.9: Vive no litoral?

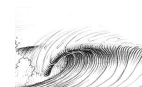
Tabela e Gráfico 5.9: Respostas obtidas à pergunta 5.9.

	n	%
1 Sim	130	92%
2 Não	12	8%
Total	142	100%

Média	1,08
-------	------



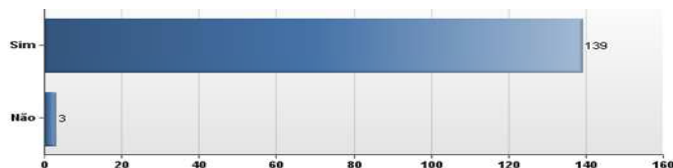
Fonte: Elaboração Própria



Pergunta 5.10: Reside em Portugal?

Tabela e Gráfico 5.10: Respostas obtidas à pergunta 5.10.

	n	%
1 Sim	139	98%
2 Não	3	2%
Total	142	100%

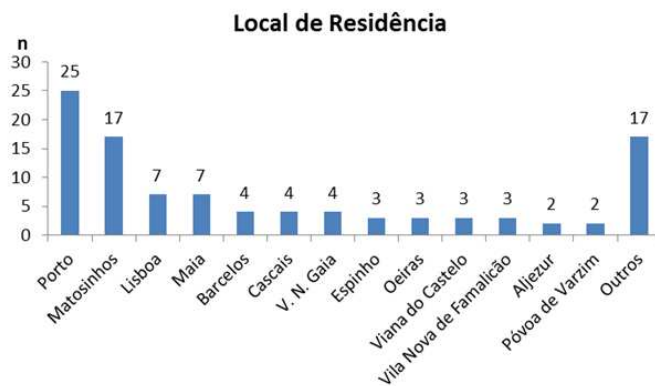


Média	1,02
-------	------

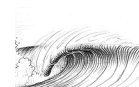
Fonte: Elaboração Própria

Pergunta 5.11: Em caso afirmativo, qual é o seu concelho de residência?

Gráfico 5.1: Respostas obtidas à pergunta 5.11.



Fonte: Elaboração Própria



ANEXO 2 – ANÁLISE DE CORRELAÇÃO E DE COMPONENTES PRINCIPAIS / CÁLCULOS AUXILIARES

Secção 1 - Tabelas de Correlação Linear Simples de Pearson

Tabela 1.1: Valorização de variáveis *Surf* em função dos Anos de Prática e Nível de Experiência

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	AP		NE	
<u>SURF</u>	r	p	r	p
QO	0,1322	0,1180	0,2312	0,0060
CRWD	0,1432	0,0900	0,0943	0,2660
QO_CRWD	0,1620	0,8490	0,1740	0,0390

Legenda:

QO: Qualidade das Ondas; CRWD: Crowd; QO_CRWD: Qualidade das Ondas Vs. Crowd;
AP: Anos de Prática; NE: Nível de Experiência

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 1.2: Valorização de variáveis Ambiente em função dos Anos de Prática e Nível de Experiência

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	AP		NE	
<u>AMB</u>	r	p	r	p
EEP	-0,0001	0,9990	-0,0712	0,401
LAENV	-0,0517	0,5430	-0,1101	0,194
QAG	-0,0055	0,9490	-0,107	0,207
QA_QO	0,0206	0,8080	-0,2227	0,0080
LIX	0,0678	0,4240	-0,0370	0,6630
PNURB	0,2141	0,0110	0,1238	0,1440

Legenda:

EEP: Espaço Envolvente Preservado; LAENV: Limpeza do Areal e Área Envolvente; QAG: Qualidade da Água; QA_QO: Qualidade da Água Vs. Qualidade das Ondas; LIX: Lixo; PNURB: Praias Não Urbanas
AP: Anos de Prática; NE: Nível de Experiência

Fonte: Elaboração Própria

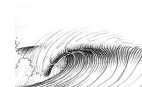


Tabela 1.3: Valorização de variáveis Infraestruturas em função dos Anos de Prática e Nível de Experiência

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

INF	AP		NE	
	r	p	r	p
ESCOL1	-0,3332	0,0000	-0,2651	0,0010
AP1	-0,2709	0,0010	-0,2481	0,0030
SEG1	-0,3991	0,0000	-0,3545	0,0000
ACCESS	-0,3267	0,0000	-0,3172	0,0000
ALOJ1	-0,2063	0,0140	-0,1698	0,0440
AP2	-0,9980	0,2390	0,0513	0,5460
SEG2-ESCOL2	-0,4413	0,0000	-0,4353	0,0000
ALOJ2	0,0801	0,3450	0,2128	0,0110

Legenda:

ESCOL1: Escolas de Desportos de Ondas1; AP1: Apoios de Praia1; SEG1: Nadador-Salvador/Segurança1; ACCESS: Acessibilidades; ALOJ1: Proximidade ao Local de Dormida/Alojamento1; AP2: Apoios de Praia2; SEG2-ESCOL2: Escolas de Desportos de Ondas2/Nadador-Salvador2; ALOJ2: Proximidade ao Local de Dormida/Alojamento2

AP: Anos de Prática; NE: Nível de Experiência

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 1.4: Gastos em Função de Anos de Prática e Nível de Experiência

Correlações assinaladas signif. para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	GTRNSP		GALIM		GALoj		GESCOL		GMAT	
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
AP	-0,0154	0,8560	-0,6260	0,4610	0,1385	0,1010	-0,3937	0,0000	0,0839	0,3230
NE	0,0298	0,7260	-0,0968	0,2540	0,1805	0,0320	-0,1797	0,0330	0,0424	0,6180

Legenda:

GTRNSP: Gastos com Transportes / Deslocações (incluindo combustíveis e portagens) – viagem de ida; GALIM: Gastos Diários com Alimentação; GALoj: Gastos Diários com Alojamento Local; GESCOL: Gastos Anuais com Aulas da Modalidade; GMAT: Gastos Anuais com Material Técnico

AP: Anos de Prática; NE: Nível de Experiência

Fonte: Elaboração Própria

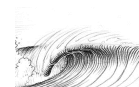


Tabela 1.5: DaP para as Taxas Ambientais em função da Valorização das Variáveis Surf

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TRU		TRNU	
	r	p	r	p	r	p
QO	0,2678	0,0010	0,0813	0,3380	0,0602	0,4780
CRWD	0,6250	0,4620	-0,1364	0,1070	-0,0831	0,3270
QO_CRWD	-0,0725	0,3930	0,1103	0,1930	0,1044	0,2180

Legenda:

QO: Qualidade das Ondas; CRWD: Crowd; QO_CRWD: Qualidade das Ondas Vs. Crowd;

TU: Taxa de Utilização; TRU: Taxa de Recuperação Praia Urbana; TRNU: Tx. Rec. Praia Não Urbana

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 1.6: DaP para as Taxas Ambientais em função da Valorização das Variáveis Ambientais

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TRU		TRNU	
	r	p	r	p	r	p
EEP	-0,1817	0,0310	-0,1390	0,8700	0,0494	0,5610
LAENV	-0,0312	0,7130	0,0387	0,6490	0,0686	0,4190
QAG	-0,0180	0,9830	0,0681	0,4220	0,7450	0,3800
QA_QO	-0,2169	0,0100	0,0349	0,6820	0,1665	0,0480
LIX	-0,0944	0,2660	0,1295	0,1260	0,1342	0,1130
PNURB	0,0606	0,4760	-0,0987	0,2440	-0,0085	0,9210

Legenda:

EEP: Espaço Envolvente Preservado; LAENV: Limpeza do Areal e Área Envolvente; QAG: Qualidade da Água; QA_QO: Qualidade da Água Vs. Qualidade das Ondas; LIX: Lixo; PNURB: Praias Não Urbanas

TU: Taxa de Utilização; TRU: Taxa de Recuperação Praia Urbana; TRNU: Tx. Rec. Praia Não Urbana

Fonte: Elaboração Própria

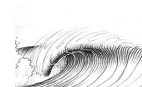


Tabela 1.7: DaP para as Taxas Ambientais em função da Frequência de Aulas

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TU (€)		TRU		TRNU	
	r	p	r	p	r	p	r	p
NAUL	-0,2168	0,0100	0,1773	0,0350	0,1986	0,0180	0,2108	0,0120

Legenda:

NAUL: Número de Aulas Frequentado

TU: Taxa de Utilização; TU (€): Taxa de Utilização (Montante); TRU: Taxa de Recuperação Praia Urbana;

TRNU: Tx. Rec. Praia Não Urbana

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 1.8: DaP para as Taxas Ambientais em função da Valorização das Variáveis Infraestruturas

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TRU		TRNU	
	r	p	r	p	r	p
ESCOL1	-0,1939	0,0210	0,2246	0,0070	0,1792	0,0340
AP1	-0,1282	0,1300	0,0589	0,4880	-0,0406	0,6320
SEG1	-0,1862	0,0270	0,0492	0,5620	0,0140	0,8690
ACCESS	-0,1563	0,0640	-0,0013	0,9870	-0,0494	0,5600
ALOJ1	-0,1921	0,0220	0,0532	0,5310	-0,0181	0,8320
AP2	-0,1589	0,0600	-0,0444	0,6020	-0,0832	0,3270
SEG2-ESCOL2	-0,3450	0,0000	0,1257	0,1370	0,1261	0,1360
ALOJ2	-0,0556	0,5120	0,1105	0,1920	0,1725	0,0410

Legenda:

ESCOL1: Escolas de Desportos de Ondas1; AP1: Apoios de Praia1; SEG1: Nadador-Salvador/Segurança1;

ACCESS: Acessibilidades; ALOJ1: Proximidade ao Local de Dormida/Alojamento1; AP2: Apoios de Praia2;

SEG2-ESCOL2: Escolas de Desportos de Ondas2/Nadador-Salvador2; ALOJ2: Proximidade ao Local de Dormida/Alojamento2

TU: Taxa de Utilização; TRU: Taxa de Recuperação Praia Urbana; TRNU: Tx. Rec. Praia Não Urbana

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 1.9: DaP para as Taxas Ambientais em função da Ligação a ONGA's

Correlações assinaladas significativas $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

	TU		TRU		TRNU	
	r	p	r	p	r	p
ONGA	0,0696	0,4120	-0,8660	0,3070	-0,0725	0,3930

Legenda:

ONGA: Ligação a Organizações Não Governamentais de Ambiente

TU: Taxa de Utilização; TRU: Taxa de Recuperação Praia Urbana; TRNU: Tx. Rec. Praia Não Urbana

Fonte: Elaboração Própria

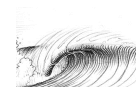


Tabela 1.10: DaP SAN e DaP SOA em função da Valorização de Infraestruturas

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

Surf e Atividades de Natureza (SAN)														
Atividades Aquáticas (AA)							Ambiente (A)						%POS SAN	
ODO		AAM		AAR		OACN		VAP		VA				
r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p			
ESCOL1	0,1837	0,0290	0,1145	0,1760	0,1912	0,0230	0,2040	0,0150	0,2374	0,0050	0,1159	0,1710	ESCOL1	50,0%
AP1	-0,0180	0,8320	0,5310	0,5320	0,1226	0,1480	0,0774	0,3620	0,0373	0,6610	0,0071	0,9330	AP1	0,0%
SEG1	-0,0255	0,7640	-0,0481	0,5710	0,1417	0,0940	0,0847	0,3180	0,0812	0,3380	-0,0234	0,7830	SEG1	0,0%
ACESS	-0,0106	0,9010	0,0616	0,4680	0,2114	0,0120	0,1567	0,0640	0,0389	0,6470	-0,1599	0,0580	ACESS	16,7%
ALOJ1	-0,0181	0,8320	0,0226	0,7900	0,0874	0,3030	0,0363	0,6690	0,0328	0,7000	0,0000	1,0000	ALOJ1	0,0%
AP2	-0,0196	0,8180	-0,0791	0,3510	-0,0008	0,9920	-0,0151	0,8590	0,0357	0,6740	-0,0217	0,7990	AP2	0,0%
SEG2-ESCOL2	0,1601	0,0580	0,1580	0,0610	0,2658	0,0010	0,2822	0,0010	0,2338	0,0050	0,0190	0,8230	SEG2-ESCOL2	50,0%
ALOJ2	-0,0471	0,5790	0,0299	0,7250	-0,0387	0,6490	-0,0941	0,2670	0,0105	0,9010	0,1755	0,0370	ALOJ2	16,7%
%POS	0,0%		0,0%		25,0%		8,3%	25,0%	25,0%		12,5%		20,8%	
Correlações assinaladas significativas para p<0,05														
N=141 (apenas dados completos)														

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,05$

N=141 (apenas dados completos)

Surf e Outras Atividades (SOA)												
Bem-Estar (BE)					Cultura (C)						%POS SOA	
ASBE		CNS		VCH		CDA		ESP		%POS C		
r	p	r	p	r	p	r	p	r	p			
ESCOL1	0,2670	0,0010	0,1206	0,1540	0,1019	0,2290	0,0583	0,4920	0,1699	0,0440	ESCOL1	40,0%
AP1	0,1303	0,1240	0,0466	0,5830	-0,0747	0,3780	-0,0147	0,8630	0,0106	0,9010	AP1	0,0%
SEG1	0,0792	0,3510	0,0370	0,6630	-0,1125	0,1840	-0,0329	0,6980	0,0215	0,8010	SEG1	0,0%
ACESS	-0,0281	0,7410	-0,1070	0,2070	-0,1424	0,0920	-0,1704	0,0430	-0,0020	0,9810	ACESS	20,0%
ALOJ1	0,0304	0,7200	0,0592	0,4860	-0,0837	0,3240	-0,0693	0,4140	0,0788	0,3530	ALOJ1	0,0%
AP2	0,0621	0,4640	-0,0699	0,4100	-0,1085	0,2000	-0,0925	0,2750	-0,0087	0,9180	AP2	0,0%
SEG2-ESCOL2	0,2228	0,0080	0,1113	0,1890	0,0479	0,5730	0,0603	0,4780	0,2235	0,0080	SEG2-ESCOL2	40,0%
ALOJ2	0,0158	0,8530	0,0898	0,2900	0,1369	0,1050	0,1079	0,2030	0,0239	0,7780	ALOJ2	0,0%
%POS	25,0%	0,0%	12,5%		0,0%	0,0%	0,0%	25,0%	18,8%			

Legenda:

ESCOL1: Escolas de Desportos de Ondas1; AP1: Apoios de Praia1; SEG1: Nadador-Salvador/Segurança1; ACESS: Acessibilidades; ALOJ1: Proximidade ao Local de Dormida/Alojamento1; AP2: Apoios de Praia2; SEG2-ESCOL2: Escolas de Desportos de Ondas2/Nadador-Salvador2; ALOJ2: Proximidade ao Local de Dormida/Alojamento2

ODO: Outros Desportos de Ondas; AAM: Atividades Aquáticas Mar; AAR: Atividades Aquáticas Rio; OACN: Outras Atividades de Contacto com a Natureza; VAP: Visita a Áreas Protegidas; VA: Voluntariado Ambiental; ASBE: Atividades de Saúde e Bem-estar; CNS: Comida Natural Saudável; VCH: Visita a Centros Históricos; CDA: Contacto Direto com Artesãos; ESP: Espetáculos/Div. Noturna

Fonte: Elaboração Própria

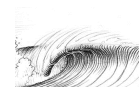


Tabela 1.11: Influência das Variáveis Sócio Demográficas em DaP SAN e DaP SOA

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,1$

N=141 (apenas dados completos)

Surf e Atividades de Natureza (SAN)														
Atividades Aquáticas (AA)						Ambiente (A)						%NEG SAN		
ODO		AAM		AAR		OACN		VAP		VA				
r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p			
REND	-0,1521	0,0720	-0,0384	0,6520	-0,0866	0,3070	-0,0112	0,8950	-0,0050	0,9530	-0,0588	0,4880	REND	16,7%
ESCOL	-0,0133	0,8750	-0,0242	0,7760	0,0111	0,8960	-0,0050	0,9530	-0,0657	0,4390	-0,1025	0,2260	ESCOL	0,0%
PROF	-0,1034	0,2220	-0,0593	0,4850	-0,1532	0,0700	-0,1501	0,0760	-0,1357	0,1090	-0,1129	0,1830	PROF	33,3%
%NEG	33,3%		0,0%		33,3%	22,2%	33,3%	0,0%		0,0%		11,1%		

Correlações assinaladas significativas para $p < 0,1$

N=141 (apenas dados completos)

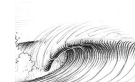
Surf e Outras Atividades (SOA)												
Bem-Estar (BE)						Cultura (C)						%NEG SOA
ASBE		CNS		VCH		CDA		ESP				
r	p	r	p	r	p	r	p	r	p			
REND	0,0066	0,9380	0,0442	0,6030	0,0624	0,4620	0,0199	0,8150	-0,0376	0,6580	REND	0,0%
ESCOL	-0,0879	0,3000	0,0032	0,9700	-0,0086	0,9190	0,0193	0,8210	-0,1227	0,1470	ESCOL	0,0%
PROF	-0,1064	0,2090	-0,1106	0,1920	-0,0070	0,9350	-0,0082	0,9230	-0,0587	0,4890	PROF	0,0%
%NEG	0,0%		0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%		

Legenda:

REND: Rendimento; ESCOL: Grau de Escolaridade; PROF: Situação Profissional

ODO: Outros Desportos de Ondas; AAM: Atividades Aquáticas Mar; AAR: Atividades Aquáticas Rio; OACN: Outras Atividades de Contacto com a Natureza; VAP: Visita a Áreas Protegidas; VA: Voluntariado Ambiental; ASBE: Atividades de Saúde e Bem-estar; CNS: Comida Natural Saudável; VCH: Visita a Centros Históricos; CDA: Contacto Direto com Artesãos; ESP: Espetáculos/Div. Noturna

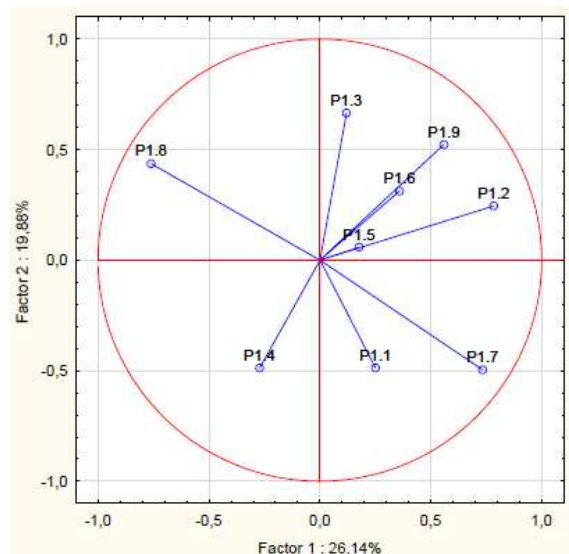
Fonte: Elaboração Própria



Secção 2 - Análise de Componentes Principais - Círculo de Correlações

Gráfico 2.1: Círculo de Correlações entre as Variáveis do Grupo 1

(Caracterização do Praticante de Desportos de Ondas)



Legenda:

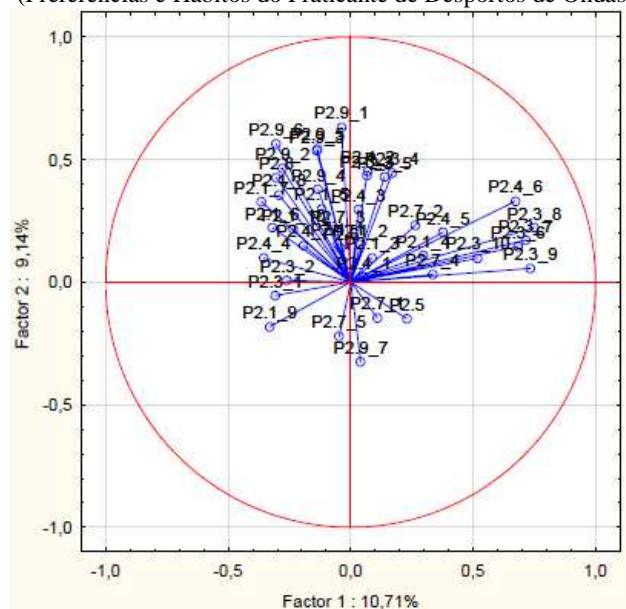
P1.1: Pergunta 1.1 do Questionário *Surf & Nature* e assim sucessivamente

P1.2: Anos de Prática (AP); P1.9: Nível de Experiência (NE)

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 2.2: Círculo de Correlações entre as Variáveis do Grupo 2

(Preferências e Hábitos do Praticante de Desportos de Ondas)



Legenda: P2.1: Pergunta 2.1 do Questionário *Surf & Nature* e assim sucessivamente

P2.3.1 a P2.3.2.: Valorização de Variáveis Surf

P2.3.3 a P2.3.5 e P2.4.2 a P2.4.3: Valorização de Variáveis Ambientais

P2.3.6 a 2.3.10 e 2.4.5 a 2.4.7: Valorização de Infraestruturas

Fonte: Elaboração Própria

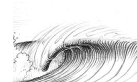
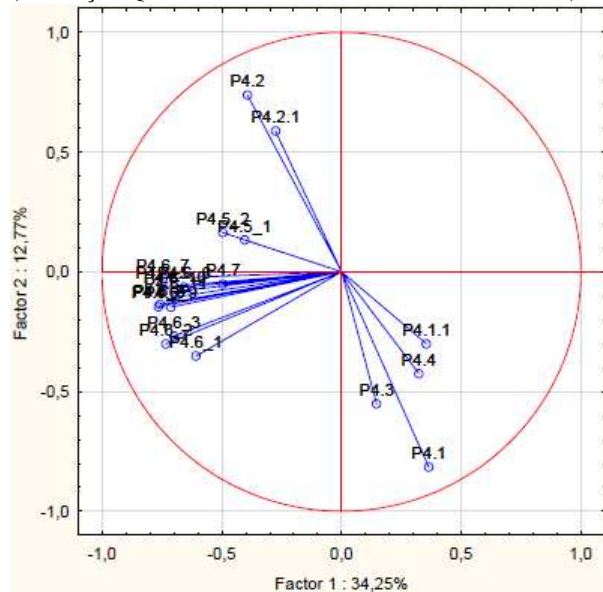


Gráfico 2.3: Círculo de Correlações entre as Variáveis do Grupo 4
(Avaliação Qualitativa dos Recursos Naturais Costeiros)



Legenda:

P4.1: Pergunta 4.1 (DaP TU) do Questionário *Surf & Nature* e assim sucessivamente

P.4.6_1 a P.4.6_3: DaP Atividades Aquáticas

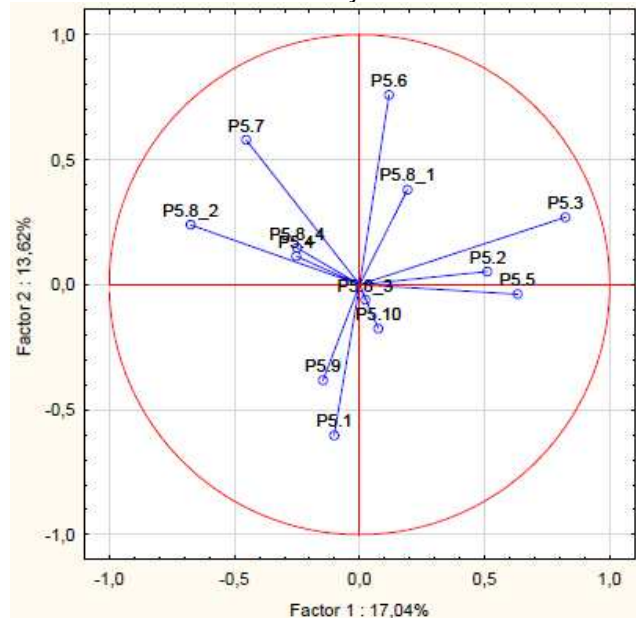
P.4.6_4 a P.4.6_6: DaP Atividades Ambientais

P.4.6_8 a P.4.6_9: DaP Atividades de Bem-estar

P.4.6_10 a P.4.6_11: DaP Atividades Culturais

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 2.4: Círculo de Correlações entre as Variáveis do Grupo 5 (Caracterização do Inquirido)



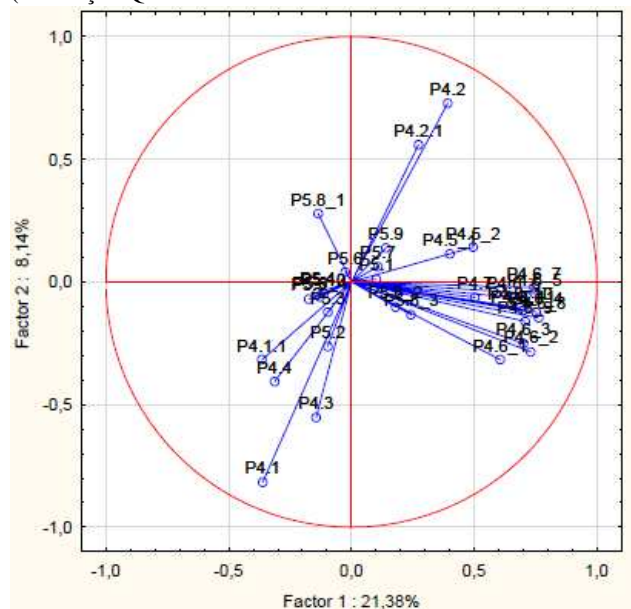
Legenda:

P5.1: Pergunta 5.1 do Questionário *Surf & Nature* e assim sucessivamente

P.5.4: Ligação passada ou presente a ONGA's

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 2.5: Círculo de Correlações entre as Variáveis do Grupo 4 e Grupo 5
(Avaliação Qualitativa dos Recursos Naturais Costeiros e Caracterização do Inquirido)

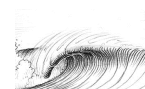


Legenda:

P4.1: Pergunta 4.1 (DaP TU) do Questionário *Surf & Nature* e assim sucessivamente
P4.5_1: DaP TRU; P4.5_2: DaP TRNU
P4.6_1 a P4.6_3: DaP Atividades Aquáticas
P4.6_4 a P4.6_6: DaP Atividades Ambientais
P4.6_8 a P4.6_9: DaP Atividades de Bem-estar
P4.6_10 a P4.6_11: DaP Atividades Culturais

P5.2: Grau de Escolaridade (ESCOL)
P5.5: Situação Profissional (PROF)
P5.6: Rendimento do Agregado (REND)

Fonte: Elaboração Própria



Secção 3 – Cálculos Auxiliares

Tabela 3.1: DaP TU, TRNU/TRU em função das var. sócio demográficas ESCOL, PROF, REND
(valores médios ponderados)

ESCOL	DaP TU					DaP TRNU					DaP TRU				
	Sim	Não	Média (u)	Total	Peso	0	€ 0	€1-20	€21-50	€51-100	€ 100	Média (u)	Total	Peso	0
<9º ano	2	2	1,50	4	2,8%	0,04	0	2	1	0	0	2	4	2,8%	0,06
12º ano	7	19	1,73	26	18,3%	0,32	9	9	8	0	0	1,96	26	18,3%	0,33
Licenciatura	18	39	1,68	57	40,1%	0,67	12	19	16	6	4	2,49	57	40,1%	0,86
Pós Graduação	2	10	1,83	12	8,5%	0,15	4	4	2	2	0	2,17	12	8,5%	0,18
Mestrado	6	29	1,83	35	24,6%	0,45	15	11	8	1	0	1,86	35	24,6%	0,46
Doutoramento	1	7	1,88	8	5,6%	0,11	3	1	1	2	1	2,63	8	5,6%	0,15
Total	36	106	-	142	-	-	43	46	36	12	5	-	142	-	-
PROF															
Estudante	12	25	1,68	37	26,1%	0,44	7	14	14	1	1	2,32	37	26,1%	0,51
Conta de Outrem	16	58	1,78	74	52,1%	0,93	26	20	16	9	3	2,23	74	52,1%	1,01
Conta Própria	7	16	1,70	23	16,2%	0,28	5	10	5	2	1	2,30	23	16,2%	0,37
Desempregado	1	6	1,86	7	4,9%	0,09	4	2	1	0	0	1,57	7	4,9%	0,08
Total	36	106	-	142	-	-	43	46	36	12	5	-	142	-	-
REND															
<€500	5	4	1,44	9	6,4%	0,09	2	3	4	0	0	2,22	9	6,4%	0,14
€500 a €1.000	4	23	1,85	27	19,3%	0,36	9	9	8	0	1	2,07	27	19,3%	0,40
€1.001 a €2.000	18	44	1,71	62	44,3%	0,76	18	22	14	8	0	2,19	62	44,3%	0,97
€2.001 a €3.000	4	23	1,85	27	19,3%	0,36	9	8	5	3	2	2,30	27	19,3%	0,44
>€3.000	5	10	1,67	15	10,7%	0,18	3	4	5	1	2	2,67	15	10,7%	0,29
Total	36	104	-	140	-	-	41	46	36	12	5	-	140	-	-

Fonte: Elaboração Própria

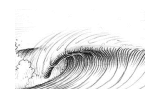


Tabela 3.2: Influência do Grau de Escolaridade em DaP SAN e DaP SOA
(valores médios ponderados)

ODO												AAM												AAR																		
ESCOL	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	Média	Pond	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Pond				
≤ 9º ano	1	2	1	0	0	2	4	0,06	1	3	0	0	0	0	1,75	4	0,05	1	3	0	0	0	0	1,75	4	0,05	1	3	0	0	0	1,75	4	0,05	1	3	0	0	1,75	4		
12º ano	11	7	6	0	2	2,04	26	0,37	7	8	6	4	1	2,38	26	0,44	8	7	8	3	0	2,23	26	0,41	8	7	8	3	0	2,23	26	0,41	8	7	8	3	0	2,23	26			
Licenciatura	24	19	9	4	1	1,93	57	0,77	19	18	7	13	0	2,25	57	0,90	20	22	8	7	0	2,04	57	0,82	20	22	8	7	0	2,04	57	0,82	20	22	8	7	0	2,04	57			
IPós Graduação	7	5	0	0	0	1,42	12	0,12	6	5	1	0	0	1,58	12	0,13	6	5	1	0	0	1,58	12	0,13	6	5	1	0	0	1,58	12	0,13	6	5	1	0	1,58	12				
Mestrado	14	12	5	1	3	2,06	35	0,51	12	11	6	4	2	2,23	35	0,55	14	10	7	2	2	2,09	35	0,52	14	10	7	2	2	2,09	35	0,52	14	10	7	2	2,09	35				
Doutoram.	4	1	3	0	0	1,88	8	0,11	3	1	3	1	0	2,25	8	0,13	3,6	3,37	3,59	3,31	5	0	2,38	8	0,13	3,6	3,37	3,59	3,31	5	0	2,38	8	0,13	3,6	3,37	3,59	3,31	5	0	2,38	8
Média	3,6	3,46	3,46	3,4	3,7	-	-	-	48	46	23	22	3	-	-	-	-	51	49	27	13	2	-	-	-	-	51	49	27	13	2	-	-	-	-	-	-	-	-			
Total	61	46	24	5	6	-	142	-	48	46	23	22	3	-	-	142	-	51	49	27	13	2	-	-	-	51	49	27	13	2	-	-	-	-	-	-	-	-	142			
OAN												VAP												VA																		
ESCOL	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	Média	Pond	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Pond				
≤ 9º ano	1	3	0	0	0	1,75	4	0,05	1	3	0	0	0	0	1,5	4	0,04	2	2	0	0	0	0	1,5	4	0,04	2	2	0	0	0	1,5	4	0,04	2	2	0	0	1,5	4		
12º ano	10	9	6	0	1	1,96	26	0,36	7	8	8	3	0	2,27	26	0,42	8	10	4	3	1	2,19	26	0,40	8	10	4	3	1	2,19	26	0,40	8	10	4	3	1	2,19	26			
Licenciatura	17	17	12	11	0	2,3	57	0,92	15	21	17	3	1	2,19	57	0,88	15	28	10	3	1	2,07	57	0,83	15	28	10	3	1	2,07	57	0,83	15	28	10	3	1	2,07	57			
IPós Graduação	6	2	4	0	0	1,83	12	0,15	5	4	2	1	0	1,92	12	0,16	6	4	2	0	0	1,67	12	0,14	6	4	2	0	0	1,67	12	0,14	6	4	2	0	1,67	12				
Mestrado	14	14	4	1	2	1,94	35	0,48	15	12	6	2	0	1,86	35	0,46	16	14	2	1	2	1,83	35	0,45	16	14	2	1	2	1,83	35	0,45	16	14	2	1	2	1,83	35			
Doutoram.	2	2	3	1	0	2,38	8	0,13	3	1	2	2	0	2,38	8	0,13	4	1	3	0	0	1,88	8	0,11	4	1	3	0	0	1,88	8	0,11	4	1	3	0	0	1,88	8			
Média	3,6	3,45	3,52	3,38	4	-	-	-	3,7	3,4	3,34	3,73	3	-	-	-	-	3,8	3,36	3,52	2,86	3,8	-	-	-	3,8	3,36	3,52	2,86	3,8	-	-	-	-	-	-	-					
Total	50	47	29	13	3	-	142	-	47	48	35	11	1	-	-	142	-	51	59	21	7	4	-	-	-	51	59	21	7	4	-	-	-	-	-	-	-	142				
ASBE												CNS												ESP																		
ESCOL	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	Média	Pond	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Pond				
≤ 9º ano	2	2	0	0	0	1,5	4	0,04	2	2	0	0	0	0	1,5	4	0,04	2	2	0	0	0	0	1,5	4	0,04	2	2	0	0	0	1,5	4	0,04	2	2	0	0	1,5	4		
12º ano	9	10	3	2	2	2,15	26	0,39	7	9	7	1	2	2,31	26	0,42	8	10	4	3	1	2,19	26	0,40	8	10	4	3	1	2,19	26	0,40	8	10	4	3	1	2,19	26			
Licenciatura	19	19	13	5	1	2,12	57	0,85	14	21	13	7	2	2,33	57	0,94	15	28	10	3	1	2,07	57	0,83	15	28	10	3	1	2,07	57	0,83	15	28	10	3	1	2,07	57			
IPós Graduação	5	6	1	0	0	1,67	12	0,14	5	6	1	0	0	1,67	12	0,14	6	4	2	0	0	1,67	12	0,14	6	4	2	0	0	1,67	12	0,14	6	4	2	0	1,67	12				
Mestrado	18	9	4	3	1	1,86	35	0,46	12	11	7	4	1	2,17	35	0,53	14	10	7	2	2	1,83	35	0,45	16	14	2	1	2	1,83	35	0,45	16	14	2	1	2	1,83	35			
Doutoram.	3	3	2	0	0	1,88	8	0,11	2	1	4	1	0	2,5	8	0,14	3,7	3,39	3,52	3,4	3	-	-	-	-	3,7	3,39	3,52	3,4	3	-	-	-	-	-	-	-					
Média	3,7	3,39	3,52	3,4	3	-	-	-	3,6	3,36	3,63	3,77	3	-	-	-	-	3,8	3,36	3,52	2,86	3,8	-	-	-	3,8	3,36	3,52	2,86	3,8	-	-	-	-	-	-	-					
Total	56	49	23	10	4	-	142	-	42	50	32	13	5	-	-	142	-	51	59	21	7	4	-	-	-	51	59	21	7	4	-	-	-	-	-	-	-	-				
VCH												CDA												ESP																		
ESCOL	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	Média	Pond	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Total	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média	Pond				
≤ 9º ano	3	1	0	0	0	1,25	4	0,04	3	1	0	0	0	0	1,25	4	0,04	3	1	0	0	0	0	1,25	4	0,04	3	1	0	0	0	1,25	4	0,04	3	1	0	0	1,25	4		
12º ano	11	10	3	2	0	1,85	26	0,34	10	12	2	2	0	1,85	26	0,34	7	8	6	5	0	2,35	26	0,43	7	8	6	5	0	2,35	26	0,43	7	8	6	5	0	2,35	26			
Licenciatura	15	28	6	6	2	2,16	57	0,87	16	22	12	5	2	2,21	57	0,89	14	21	12	6	4	2,39	57	0,96	14	21	12	6	4	2,39	57	0,96	14	21	12	6	4	2,39	57			
IPós Graduação	5	5	2	0	0	1,75	12	0,15	4	6	1	1	0	1,92	12	0,16	5	5	0	2	0	1,92	12	0,16	5	5	0	2	0	1,92	12	0,16	5	5	0	2	1,92	12				
Mestrado	17	11	3	4	0	1,83	35	0,45	18	12	2	2	1	1,74	35	0,43	14	14	3	1	3	2	1,75	35	0,49	14	14	3	1	3	2	1,75	35	0,49	14	14	3	1	3	2	1,75	35
Doutoram.	3	3	1	1	0	2	8	0,11	2	1	4	1	0	2,5	8	0,14	3,7	3,61	3,14	2,93	3,9	0	1,75	8	0,10	3,7	3,61	3,14	2,93	3,9	0	1,75	8	0,10	3,7	3,61	3,14	2,93	3,9	0	1,75	8
Média	3,6	3,41	3,53	3,69	3	-	-	-	3,6	3,35	3,71	3,55	3,7	-	-	-	-	3,7	3,61	3,14	2,93	3,9	-	-	-	3,7	3,61	3,14	2,93	3,9	-	-	-	-	-	-	-					
Total	54	58	15	13	2	-	142	-	53	54	21	11	3	-	-	142	-	45	54	22	14	7	-	-	-	45	54	22	14	7	-	-	-	-	-	-	-	-				

Fonte: Elaboração Própria

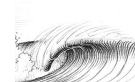


Tabela 3.3: Influência da Situação Profissional em DaP SAN e DaP SOA
(valores médios ponderados)

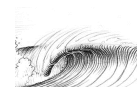
PROF	ODO					AAM					AAR					Média Pond											
	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média Pond	0%	1-5%	6-10%	11-20%	20%	Média Pond	0%	1-5%	6-10%		11-20%	20%	Média Pond								
Estudante	14	11	8	0	4	2,16	37	0,56	12	9	8	5	3	2,41	37	0,63	9	13	10	3	2	2,35	37	0,61			
Conta de Outrem	35	21	13	3	2	1,86	74	0,97	28	24	10	12	0	2,08	74	1,08	31	23	13	7	0	1,95	74	1,02			
Conta Própria	8	11	3	1	0	1,87	23	0,30	4	11	4	4	0	2,35	23	0,38	7	10	3	3	0	2,09	23	0,34			
Desempregado	4	2	0	1	0	1,71	7	0,08	4	2	1	0	0	1,57	7	0,08	3	3	1	0	0	1,71	7	0,08			
Média	2,03	2,15	1,79	2,60	1,33	-	-	2,00	2,13	1,91	2,09	1,00	-	-	-	2,14	2,06	1,81	2,00	1,00	-	-	-	-			
Total	61	46	24	5	6	-	142	48	46	23	22	3	-	142	51	49	27	13	2	-	-	142	51	49			
OAN																		VAP					VA				
Estudante	11	12	11	0	3	2,24	37	0,58	10	14	11	2	0	2,14	37	0,56	13	13	6	4	1	2,11	37	0,55			
Conta de Outrem	25	26	13	10	0	2,11	74	1,10	24	23	21	5	1	2,14	74	1,12	26	32	12	2	2	1,95	74	1,02			
Conta Própria	8	8	4	3	0	2,09	23	0,34	6	10	3	4	0	2,22	23	0,36	7	11	3	1	1	2,04	23	0,33			
Desempregado	5	1	1	0	0	1,43	7	0,07	6	1	0	0	0	1,14	7	0,06	5	2	0	0	0	1,29	7	0,06			
Reformado	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	2	1	1			
Média	2,20	1,96	1,83	2,23	1,00	-	-	2,23	1,96	1,77	2,18	2,00	-	-	-	2,08	2,08	1,86	1,57	2,00	-	-	-	-			
Total	50	47	29	13	3	-	142	47	48	35	11	1	-	142	51	59	21	7	4	-	-	142	51	59			
ASBE																		CNS					ESP				
Estudante	13	13	6	4	1	2,11	37	0,55	9	12	12	2	2	2,35	37	0,61	10	12	9	5	1	2,32	37	0,60			
Conta de Outrem	31	24	11	6	2	1,97	74	1,03	24	23	16	9	2	2,22	74	1,16	25	29	10	6	4	2,12	74	1,10			
Conta Própria	6	10	6	0	1	2,13	23	0,35	3	14	4	1	1	2,26	23	0,37	6	11	2	2	2	2,26	23	0,37			
Desempregado	6	1	0	0	0	1,14	7	0,06	6	1	0	0	0	1,14	7	0,06	4	2	0	1	0	1,71	7	0,08			
Média	2,09	2,04	2,00	1,60	2,00	-	-	2,14	2,08	1,75	2,15	1,80	-	-	-	2,09	2,06	1,82	1,93	2,14	-	-	-	-			
Total	56	49	23	10	4	-	142	42	50	32	13	5	-	142	45	54	22	14	7	-	-	142	45	54			
VCH																		CDA					ESP				
Estudante	16	15	2	4	0	1,84	37	0,48	15	15	4	3	0	1,86	37	0,48	10	12	9	5	1	2,32	37	0,60			
Conta de Outrem	26	30	8	8	2	2,05	74	1,07	29	23	12	7	3	2,08	74	1,08	25	29	10	6	4	2,12	74	1,10			
Conta Própria	7	12	3	1	0	1,91	23	0,31	5	12	5	1	0	2,09	23	0,34	6	11	2	2	2	2,26	23	0,37			
Desempregado	5	1	1	0	0	1,43	7	0,07	4	3	0	0	0	1,43	7	0,07	4	2	0	1	0	1,71	7	0,08			
Média	2,02	1,98	2,40	1,77	2,00	-	-	1,96	2,11	2,05	1,82	2,00	-	-	-	2,09	2,06	1,82	1,93	2,14	-	-	-	-			
Total	54	58	15	13	2	-	142	53	54	21	11	3	-	142	45	54	22	14	7	-	-	142	45	54			

Fonte: Elaboração Própria



Tabela 3.4: Influência do Rendimento do Agregado em DaP SAN e DaP SOA
(valores médios ponderados)

	REND	< €500	€500 a €1000	€1001 a €2000	€2001 a €3000	> €3000	Média	Total
ODO	0%	2	12	26	13	7	3,18	60
	1-5%	4	10	17	10	5	3,04	46
	6-10%	1	2	15	3	3	3,21	24
	11-20%	1	1	1	1	0	2,50	4
	20%	1	2	3	0	0	2,33	6
	Média	2,44	1,93	2	1,7	1,73	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,16	0,37	0,89	0,33	0,19		
AAM	0%	2	11	20	9	5	3,09	47
	1-5%	4	7	21	10	4	3,07	46
	6-10%	2	3	10	4	4	3,22	23
	11-20%	0	5	10	4	2	3,14	21
	20%	1	1	1	0	0	2	3
	Média	2,33	2,19	2,21	2,1	2,2	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,15	0,42	0,98	0,41	0,24		
AAR	0%	1	9	24	10	6	3,22	50
	1-5%	5	10	18	11	5	3,02	49
	6-10%	2	5	15	4	1	2,89	27
	11-20%	0	3	4	2	3	3,42	12
	20%	1	0	1	0	0	2	2
	Média	2,44	2,07	2,03	1,93	2,07	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,16	0,40	0,90	0,37	0,22		
OAC	0%	1	9	25	11	3	3,12	49
	1-5%	4	11	18	8	6	3,02	47
	6-10%	3	6	12	4	4	3	29
	11-20%	0	1	5	4	2	3,58	12
	20%	1	0	2	0	0	2,33	3
	Média	2,56	1,96	2,05	2,04	2,33	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,16	0,38	0,91	0,39	0,25		
VAP	0%	2	10	18	13	3	3,11	46
	1-5%	4	8	23	8	5	3,04	48
	6-10%	3	4	17	4	6	3,18	34
	11-20%	0	5	4	1	1	2,82	11
	20%	0	0	0	1	0	4	1
	Média	2,11	2,15	2,11	1,85	2,33	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,14	0,41	0,93	0,36	0,25		
VA	0%	2	9	23	12	4	3,14	50
	1-5%	5	12	23	11	7	3,05	58
	6-10%	2	1	11	3	4	3,29	21
	11-20%	0	2	4	1	0	2,86	7
	20%	0	3	1	0	0	2,25	4
	Média	2	2,19	1,98	1,74	2	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,13	0,42	0,88	0,34	0,21		



(continua)
(continuação)

	REND	< €500	€500 a €1000	€1001 a €2000	€2001 a €3000	> €3000	Média	Total
ASBE	0%	3	11	25	12	4	3,05	55
	1-5%	2	9	23	8	6	3,15	48
	6-10%	3	4	8	3	5	3,13	23
	11-20%	1	2	4	3	0	2,9	10
	20%	0	1	2	1	0	3	4
	Média	2,22	2	1,95	2	2,07	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,14	0,39	0,86	0,39	0,22		
CNS	0%	3	8	19	7	4	3,02	41
	1-5%	2	10	22	10	5	3,12	49
	6-10%	3	5	15	6	3	3,03	32
	11-20%	0	3	4	3	3	3,46	13
	20%	1	1	2	1	0	2,6	5
	Média	2,33	2,22	2,16	2,3	2,33	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,15	0,43	0,96	0,44	0,25		
VCH	0%	4	9	24	13	3	3,04	53
	1-5%	4	10	27	8	8	3,11	57
	6-10%	1	4	6	3	1	2,93	15
	11-20%	0	3	4	3	3	3,46	13
	20%	0	1	1	0	0	2,5	2
	Média	1,67	2,15	1,89	1,85	2,27	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,11	0,41	0,84	0,36	0,24		
CDA	0%	4	9	24	12	3	3,02	52
	1-5%	3	12	21	10	7	3,11	53
	6-10%	1	1	12	3	4	3,38	21
	11-20%	1	3	5	1	1	2,82	11
	20%	0	2	0	1	0	2,67	3
	Média	1,89	2,15	1,97	1,85	2,2	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,12	0,41	0,87	0,36	0,24		
ESP	0%	3	7	20	8	6	3,16	44
	1-5%	4	11	22	11	5	3,04	53
	6-10%	0	3	13	4	2	3,23	22
	11-20%	1	4	5	2	2	3	14
	20%	1	2	2	2	0	2,71	7
	Média	2,22	2,37	2,15	2,22	2	-	-
	Total	9	27	62	27	15	-	140
	Média Pond	0,14	0,46	0,95	0,43	0,21		

Fonte: Elaboração Própria

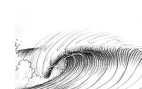
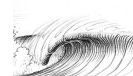


Tabela 3.5: DaP SAN/SOA em função da valorização das variáveis ambientais
(valores médios ponderados)

Variáveis Ambientais SAN_SOA		ODO		AAM		AAR		OACN		VAP		VA		ASBE		CNS		VCH		CDA		ESP			
		u	ú	u	ú	u	ú	u	ú	u	ú	u	ú	u	ú	u	ú	u	ú	u	ú	u	ú		
EEP	Nd Imp / Disc Totalmente	2	2	0,03	2,5	2	0,03	2,5	2	0,03	2,5	2	0,03	1	2	0,01	2	2	0,03	1	2	0,01	2	2	0,03
	Pouco Imp / Discordo	1,5	6	0,06	1,5	6	0,06	1,5	6	0,06	1,5	6	0,06	1,5	6	0,06	1,7	6	0,07	1,5	6	0,06	1,8	6	0,10
	Indiferente / Neutro	1,8	16	0,2	1,94	16	0,22	1,8	16	0,20	1,6	16	0,18	1,6	16	0,17	1,6	16	0,18	1,8	16	0,20	1,8	16	0,20
	Importante / Concorde	1,9	79	1,05	2,23	79	1,23	2,1	79	1,15	2,23	79	1,23	2,1	79	1,15	2,23	79	1,19	1,9	79	1,07	1,9	79	1,13
	Mt Imp / Conc Totalmente	2,1	40	0,59	2,3	40	0,64	2,2	40	0,60	2,2	40	0,63	2,5	40	0,69	2,6	40	0,74	2,1	40	0,60	2,3	40	0,71
Total		-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143
LAENV	Nd Imp / Disc Total	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01
	Pouco Imp / Discordo	1,5	2	0,02	2,5	2	0,03	1	2	0,01	1	2	0,02	1,5	2	0,02	2,5	2	0,03	1,5	2	0,03	1,5	2	0,03
	Indiferente / Neutro	1,6	13	0,15	1,69	13	0,15	1,7	13	0,15	1,8	13	0,16	1,9	13	0,17	1,6	13	0,15	1,7	13	0,15	1,9	13	0,19
	Importante / Concorde	2	63	0,88	2,21	63	0,97	2,2	63	0,95	2,2	63	0,95	2,1	63	0,90	2,1	63	0,92	2	63	0,86	2	63	0,91
	Mt Imp / Conc Total	2	64	0,87	2,28	64	1,02	2,1	64	0,92	2,1	64	0,96	2,2	64	0,98	2,2	64	0,98	2,1	64	0,90	2	64	1,04
Total		-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143
OAG	Nd Imp / Disc Total	1	2	0,01	1	2	0,01	1	2	0,01	1	2	0,01	1	2	0,01	1	2	0,01	1	2	0,01	1	2	0,01
	Pouco Imp / Discordo	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02	2	2	0,04	2,5	2	0,03	3	2	0,04	1,5	2	0,02	2	2	0,03
	Indiferente / Neutro	1,3	8	0,07	1,38	8	0,08	1,3	8	0,07	1,5	8	0,08	1,9	8	0,11	1,6	8	0,09	1,6	8	0,09	1,9	8	0,13
	Importante / Concorde	2,1	71	1,03	2,27	71	1,13	2	71	1,01	2,1	71	1,03	2	71	1,01	1,9	71	1,07	1,9	71	1,01	2	71	1,03
	Mt Imp / Conc Total	1,9	60	0,8	2,27	60	0,95	2,2	60	0,93	2,2	60	0,94	2,2	60	0,93	2,1	60	0,87	2,2	60	0,81	2	60	0,97
Total		-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143
QA_QO	Nd Imp / Disc Total	1,2	6	0,05	1,17	6	0,05	1,2	6	0,05	1,2	6	0,05	1,2	6	0,05	1,3	6	0,06	1,2	6	0,05	1,3	6	0,06
	Pouco Imp / Discordo	1,9	30	0,39	1,93	30	0,4	1,9	30	0,39	1,9	30	0,40	1,7	30	0,36	1,8	30	0,38	1,9	30	0,39	1,9	30	0,38
	Indiferente / Neutro	2,2	48	0,75	2,42	48	0,81	2,2	48	0,73	2,2	48	0,69	2,2	48	0,68	2,2	48	0,72	1,9	48	0,63	1,8	48	0,77
	Importante / Concorde	1,7	51	0,62	2,14	51	0,76	2	51	0,72	2,1	51	0,76	2,2	51	0,78	2	51	0,72	2	51	0,75	2,3	51	0,80
	Mt Imp / Conc Total	2,3	8	0,13	2,88	8	0,16	2,9	8	0,16	2,9	8	0,17	2,6	8	0,15	2,9	8	0,15	2,3	8	0,13	2,3	8	0,16
Total		-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143
LUX	Nd Imp / Disc Total	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01	1	1	0,01
	Pouco Imp / Discordo	2	1	0,01	2	1	0,01	2	1	0,01	3	1	0,02	4	1	0,03	2	1	0,01	3	1	0,02	4	1	0,03
	Indiferente / Neutro	1,5	4	0,04	2	4	0,06	2	4	0,06	2	4	0,03	1,3	4	0,03	1,8	4	0,05	1,3	4	0,03	1,5	4	0,05
	Importante / Concorde	1,8	31	0,38	1,9	31	0,41	1,9	31	0,42	2	31	0,44	2,1	31	0,45	1,8	31	0,40	1,7	31	0,38	1,9	31	0,46
	Mt Imp / Conc Total	2	106	1,48	2,29	106	1,7	2,1	106	1,55	2,1	106	1,59	2,1	106	1,56	2	106	1,50	2	106	1,50	2	106	1,63
Total		-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143
PNURB	Nd Imp / Disc Total	1	2	0,01	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02	1,5	2	0,02
	Pouco Imp / Discordo	2,8	4	0,08	2,75	4	0,08	2,8	4	0,08	2,8	4	0,08	1,8	4	0,05	1,8	4	0,06	1,5	4	0,04	1,3	4	0,06
	Indiferente / Neutro	1,9	34	0,46	2	34	0,48	2,1	34	0,50	2,2	34	0,53	2,1	34	0,49	1,8	34	0,43	1,9	34	0,45	1,9	34	0,46
	Importante / Concorde	1,9	52	0,7	2,23	52	0,81	2	52	0,73	2	52	0,73	2,1	52	0,77	1,9	52	0,67	1,8	52	0,67	1,9	52	0,76
	Mt Imp / Conc Total	1,9	51	0,68	2,25	51	0,8	2	51	0,72	2,1	51	0,73	2,1	51	0,76	2,2	51	0,79	2,2	51	0,77	2,1	51	0,70
Total		-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143	-	143
Var. Ambient.	Nd Imp / Disc Total			0,02			0,02			0,02			0,02			0,02			0,02			0,02			0,02
	Pouco Imp / Discordo			0,1			0,10			0,10			0,09			0,09			0,11			0,10			0,11
	Indiferente / Neutro			0,28			0,29			0,28			0,26			0,27			0,29			0,26			0,33
	Importante / Concorde			0,78			0,83			0,84			0,77			0,78			0,88			0,79			0,85
	Mt Imp / Conc Total			0,76			0,81			0,84			0,82			0,82			0,92			0,87			0,87



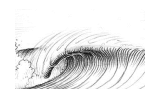
Fonte: Elaboração Própria

Tabela 3.6: DaP TRNU/TRU em função do grau de importância atribuído às variáveis ambientais

(valores médios ponderados)

		TRNU								TRU							
		€ 0	€1-20	€21-50	€51-100	€ 100	Média	Total	Média Pond	€ 0	€1-20	€21-50	€51-100	€ 100	Média	Total	Média Pond
EEP	Nd Imp / Disc Total	2	0	0	0	0	1,00	2	0,01	2	0	0	0	0	1	2	0,01
	Pouco Imp / Discordo	2	2	2	0	0	2,00	6	0,08	2	3	1	0	0	1,83	6	0,08
	Indiferente / Neutro	3	8	4	1	0	2,19	16	0,25	4	7	5	0	0	2,06	16	0,23
	Importante / Concordo	23	25	20	8	3	2,18	79	1,20	28	36	6	7	2	1,97	79	1,09
	Mt Imp / Conc Total	14	11	10	3	2	2,20	40	0,62	18	13	7	1	1	1,85	40	0,52
	Mean	4,02	3,98	4,06	4,17	4,40	-	-		4,07	4,00	4,00	4,13	4,33	-	-	
Total		44	46	36	12	5	-	143		54	59	19	8	3	-	143	
LAENV	Nada Imp	1	0	0	0	0	1,00	1	0,01	1	0	0	0	0	1,00	1	0,01
	Pouco Imp	2	0	0	0	0	1,00	2	0,01	2	0	0	0	0	1,00	2	0,01
	Indiferente	3	6	3	1	0	2,15	13	0,20	4	6	3	0	0	1,92	13	0,17
	Importante	17	22	17	5	2	2,25	63	0,99	22	29	6	4	2	1,97	63	0,87
	Muito Imp	21	18	16	6	3	2,25	64	1,01	25	24	10	4	1	1,94	64	0,87
	Mean	4,25	4,26	4,36	4,42	4,60	-	-		4,26	4,31	4,37	4,50	4,33	-	-	
Total		44	46	36	12	5	-	143		54	59	19	8	3	-	143	
QAG	Nada Imp	2	0	0	0	0	1,00	2	0,01	2	0	0	0	0	1,00	2	0,01
	Pouco Imp	0	0	1	1	0	3,50	2	0,05	0	1	1	0	0	2,50	2	0,03
	Indiferente	2	4	2	0	0	2,00	8	0,11	3	4	1	0	0	1,75	8	0,10
	Importante	20	29	16	5	1	2,13	71	1,06	25	34	7	4	1	1,90	71	0,94
	Muito Imp	20	13	17	6	4	2,35	60	0,99	24	20	10	4	2	2,00	60	0,84
	Mean	4,27	4,20	4,36	4,33	4,80	-	-		4,28	4,24	4,37	4,50	4,67	-	-	
Total		44	46	36	12	5	-	143		54	59	19	8	3	-	143	
QA_QO	Discordo Total	5	0	0	1	0	1,50	6	0,06	5	0	1	0	0	1,33	6	0,06
	Discordo	11	12	4	1	2	2,03	30	0,43	14	11	2	1	2	1,87	30	0,39
	Neutro	12	18	13	5	0	2,23	48	0,75	13	22	9	4	0	2,08	48	0,70
	Concordo	15	13	17	3	3	2,33	51	0,83	19	22	6	3	1	1,92	51	0,68
	Concordo Total	1	3	2	2	0	2,63	8	0,15	3	4	1	0	0	1,75	8	0,10
	Média	2,91	3,15	3,47	3,33	3,20	-	-		3,02	3,32	3,21	3,25	2,67	-	-	
Total		44	46	36	12	5	-	143		54	59	19	8	3	-	143	
LIX	Discordo Total	1	0	0	0	0	1,00	1	0,01	1	0	0	0	0	1,00	1	0,01
	Discordo	0	0	1	0	0	3,00	1	0,02	0	0	1	0	0	3,00	1	0,02
	Neutro	3	1	0	0	0	1,25	4	0,03	3	1	0	0	0	1,25	4	0,03
	Concordo	10	11	9	1	0	2,03	31	0,44	13	15	3	0	0	1,68	31	0,36
	Concordo Total	30	34	26	11	5	2,31	106	1,71	37	43	15	8	3	2,03	106	1,50
	Mean	4,55	4,72	4,67	4,92	5,00	-	-		4,57	4,71	4,68	5,00	5,00	-	-	
Total		44	46	36	12	5	-	143		54	59	19	8	3	-	143	
PNURB	Discordo Total	1	0	1	0	0	2,00	2	0,03	1	1	0	0	0	1,50	2	0,02
	Discordo	2	0	2	0	0	2,00	4	0,06	2	1	1	0	0	1,75	4	0,05
	Neutro	11	10	10	2	1	2,18	34	0,52	10	14	9	0	1	2,06	34	0,49
	Concordo	12	19	15	5	1	2,31	52	0,84	15	25	7	4	1	2,06	52	0,75
	Concordo Total	18	17	8	5	3	2,18	51	0,78	26	18	2	4	1	1,75	51	0,62
	Mean	4,00	4,15	3,75	4,25	4,40	-	-		4,17	3,98	3,53	4,50	4,00	-	-	
Total		44	46	36	12	5	-	143		54	59	19	8	3	-	143	

Fonte: Elaboração Própria



ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO SURF & NATUREZA (Versão Electrónica)

Secção 1 - Caracterização do Praticante de Desportos de Ondas

Secção 1 - Caracterização do Praticante de Desportos de Ondas

Assinale com uma cruz (X) as suas respostas, excepto quando dada outra indicação

1.1. Que modalidade de desportos de ondas pratica regularmente?

- | | | | |
|---------------------------------|--|--------------------------------|--------------------------------|
| <input type="radio"/> Surf | <input type="radio"/> Bodyboard | <input type="radio"/> Kitesurf | <input type="radio"/> Skimming |
| <input type="radio"/> Longboard | <input type="radio"/> Paddlesurf (SUP) | <input type="radio"/> Windsurf | <input type="radio"/> Outra |
| <input type="radio"/> Kneeboard | <input type="radio"/> Bodysurf | | |

1.2.

Há quantos anos pratica a modalidade?

- | | | |
|---------------------------------------|------------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="radio"/> Menos de 2 anos | <input type="radio"/> 6 a 10 anos | <input type="radio"/> 16 a 20 anos |
| <input type="radio"/> 3 a 5 anos | <input type="radio"/> 11 a 15 anos | <input type="radio"/> Mais de 20 anos |

1.3.

Em que estações do ano pratica regularmente?

- | | | |
|---------------------------------|-------------------------------|----------------------------------|
| <input type="radio"/> Primavera | <input type="radio"/> Outono | <input type="radio"/> Todo o Ano |
| <input type="radio"/> Verão | <input type="radio"/> Inverno | |

1.4.

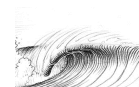
Durante a semana, em média, quantas vezes pratica?

- | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------------|
| 1 a 3 Vezes | 4 a 5 Vezes | Só pratico ao fim-de-semana |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

1.5.

Qual é o seu tamanho preferido de ondas?

- | | | |
|------------------------------------|------------------------------------|--|
| <input type="radio"/> 1 metro | <input type="radio"/> 2 a 3 metros | <input type="radio"/> 4 a 5 metros |
| <input type="radio"/> 1 a 2 metros | <input type="radio"/> 3 a 4 metros | <input type="radio"/> Mais de 5 metros |



1.6.

Qual é o seu tipo de ondas preferido?

- ☐ Fundos de Areia Divertidos ☐ Ondas Desafiadoras
☐ Fundos de Rocha Acessíveis ☐ Tubos Pesados e Grossos

1.7.

Já alguma vez teve aulas numa escola da modalidade?

- ☐ Sim ☐ Não mas gostaria
☐ Não

1.8.

Caso tenha respondido SIM à pergunta anterior, quantas aulas já teve?

- ☐ 1 a 5 ☐ 6 a 10 ☐ Mais de 10

1.9.

Relativamente à modalidade que pratica, como classifica o seu nível de experiência?

- ☐ Principiante ☐ Avançado
☐ Intermédio ☐ Profissional

Secção 2 - Preferências e Hábitos do Praticante de Desportos de Ondas

Secção 2 - Preferências e Hábitos do Praticante de Desportos de Ondas

Assinale com uma cruz (X) as suas respostas, excepto quando dada outra indicação

2.1.

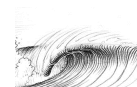
Em qual(ais) da(s) seguinte(s) regiões pratica desportos de ondas com maior frequência?
Pode assinalar várias opções:

- ☐ Caminha – Viana do Castelo ☐ Matosinhos - Porto ☐ Aveiro ☐ Outra em Portugal
☐ Esposende ☐ V. N. Gaia - Espinho ☐ Ílhavo - Vagos ☐ Estrangeiro
☐ Póvoa de Varzim – Vila do Conde ☐ Ovar – Murtosa

2.2.

Na(s) região(ões) assinalada(s), qual é a sua praia preferida?

Indique apenas uma:



2.3.

Relativamente ao que valoriza numa praia, classifique os diferentes "itens":

	Nada Importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito Importante
Qualidade das Ondas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
N.º de Pessoas na Água ("Crowd")	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Espaço Envolvente Preservado (com dunas, arribas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza do Areal e Espaço Envolvente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Qualidade da Água	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escolas de Desportos de Ondas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apoios de Praia (WC; chuveiro; bar/restaurante; ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nadador – Salvador / Segurança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Boas Acessibilidades / Estacionamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Proximidade ao Local de Dormida / Alojamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.4.

No que respeita prática da sua modalidade, assinale o seu grau de concordância com as seguintes afirmações:

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Mesmo com muito "crowd", se as condições estiverem boas nem hesito em entrar para a água	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prefiro praias com boa qualidade ambiental, mesmo que a qualidade das ondas / vento não sejam as melhores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fico incomodado ao ver lixo nas praias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando posso, procuro praias fora dos ambientes urbanos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As praias deviam ter balneários com chuveiros, durante todo o ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me mais seguro nas praias com escolas e nadador salvador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto de dormir perto da praia, para ser o primeiro a entrar no mar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.5.

Em média, quantos Kms. percorre para se deslocar até ao local onde pratica desportos de ondas?

☐ 0 a 5 Km

☐ 21 a 40 Km

☐ 6 a 20Km

☐ Mais de 40 Km

2.6.

Qual o meio de transporte que habitualmente utiliza, para se deslocar até ao local onde pratica desportos de ondas?

☐ Automóvel

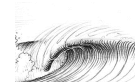
☐ Transportes Públicos

☐ Vou a Pé

☐ Veículo a Motor com Duas Rodas

☐ Bicicleta

☐ Outro



2.7.

Associado à prática de desportos de ondas, quanto gasta aproximadamente, em:

Transportes / Deslocações (incluindo combustível e portagens) - €/dia (apenas viagem de ida)

Alimentação - €/dia

Alojamento no Local - €/dia

Aulas da Modalidade - €/ano

Material Técnico Comprado no Local (pranchas, fatos, acessórios) - €/ano

	+
	+
	+
	+
	+

2.8.

Por ano, em média, quantas vezes visita uma Área Protegida* em Portugal?

*Parque Nacional / Parque Natural / Paisagem Protegida / Reserva Natural

Passe para a pergunta 3.1., caso responda "Nenhuma"

☐ Nenhuma

☐ 7 a 12 Vezes

☐ 1 a 2 Vezes

☐ Mais de 12 Vezes

☐ 3 a 6 Vezes

2.9.

Indique qual(ais), das seguintes Áreas Protegidas localizadas em Portugal, já visitou:

Pode assinalar várias opções:

☐ Parque Nacional da Peneda - Gerês

☐ Paisagem Protegida Lagoa de Bertandos e São Pedro de Arcos

☐ Nunca visitei mas gostava de o fazer

☐ Parque Natural do Litoral Norte

☐ Estuário do Douro

☐ Não tenho interesse em visitar estas áreas

☐ Paisagem Protegida Litoral de Vila do Conde e Reserva Ornitológica do Mindelo

☐ Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto

Secção 3 - Preferências e Hábitos do Praticante de Desportos de Ondas em Período de Férias

Secção 3 - Preferências e Hábitos do Praticante de Desportos de Ondas em Período de Férias

Assinale com uma cruz (X) as suas respostas, excepto quando dada outra indicação

3.1.

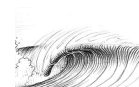
Durante um ano, em média, qual é o seu período mais longo de estadia no destino de férias?

☐ Menos de 1 Semana

☐ 2 a 4 Semanas

☐ 1 a 2 Semanas

☐ Mais de 4 Semanas



3.2.

Quando viaja de férias, procura destinos para praticar desportos de ondas?

- ☐ Sempre ☐ Ocasionalmente
☐ Regularmente ☐ Nunca

3.3.

A qualidade ambiental da água, areal e espaço envolvente é um importante critério de escolha no destino?

- ☐ Sempre ☐ Ocasionalmente
☐ Regularmente ☐ Nunca

3.4.

Quando viaja em férias, procura destinos que privilegiem o contacto com a Natureza?

- ☐ Sempre ☐ Ocasionalmente
☐ Regularmente ☐ Nunca

3.5.

Estaria disposto a prolongar a sua estadia, se tivesse a possibilidade de:

	Sim	Não	Talvez
Praticar a modalidade de desportos de ondas em praias com boa qualidade ambiental?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praticar a modalidade de desportos de ondas em praias com a envolvente preservada (com dunas, arribas,...)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conjugar a modalidade de desportos de ondas com outras actividades de contacto com a Natureza?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conjugar a modalidade de desportos de ondas com outras actividades?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

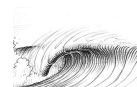
3.6.

Já alguma vez ficou alojado num hotel com boas práticas ambientais e sociais?

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Não mas gostaria

3.7.

Sem considerar o custo com o alojamento, indique o seu grau de preferência relativamente às seguintes opções:



	Não Gosto	Gosto Pouco	Indiferente	Gosto	Gosto Muito
Casa Própria, de Amigos e/ou Familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Casa Alugada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Hotel até 3 estrelas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Hotel com mais de 3 estrelas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Hostel / Pensão / Residencial	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
"Surf Camp"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Parque de Campismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Caravana / Auto Caravana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alojamento com Boas Práticas Ambientais e Sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.8.

Na sua estadia, normalmente opta por:

- ☐ Ficar num só local
- ☐ Deslocar-se para vários sítios

3.9.

Com quem costuma viajar quando vai de férias?

- ☐ Família
- ☐ Namorado (a)
- ☐ Amigos
- ☐ Sozinho (a)

3.10.

Se viaje com a família e/ou amigos, quantas pessoas vão em média?

- ☐ 2 a 3
- ☐ 4 a 5
- ☐ + 5

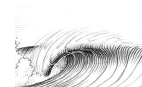
Secção 4 - Avaliação Qualitativa dos Recursos Naturais Costeiros

Secção 4 - Avaliação Qualitativa dos Recursos Naturais Costeiros

Portugal possui ondas com qualidade reconhecida mundialmente. Contudo, os Recursos Naturais Costeiros (ondas e todo o ecossistema costeiro) estão ameaçados, dada a forte pressão populacional e urbanística que se faz sentir no litoral.

Gostaríamos que considerasse um cenário, no qual o governo português está a avaliar a possibilidade de aplicar uma taxa obrigatória de acesso aos RNC, de modo a garantir a sua preservação. Os valores obtidos serão geridos e aplicados pelas entidades públicas competentes.

Tendo em conta os seus rendimentos e as suas despesas correntes mensais, responda às seguintes questões:



4.1.

Estaria disposto a votar favoravelmente a instituição de uma taxa de utilização dos Recursos Naturais Costeiros (RNC), a aplicar cada vez que pratica a sua modalidade?

- ☐ Sim
- ☐ Não

4.1.1.

Numa escala de 1 (Sem Certeza) a 5 (Certeza Absoluta), assinale quão certo está da sua resposta:

5	Best
4	
3	
2	
1	Worst

4.2.

Se respondeu SIM à questão 4.1., assinale o montante que lhe parece mais justo:

- ☐ < 1 euro
- ☐ 1 a 5 euros
- ☐ > 5 euros

4.2.1.

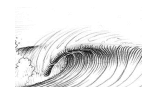
Numa escala de 1 (Sem Certeza) a 5 (Certeza Absoluta), assinale quão certo está sobre o valor a pagar:

5	Best
4	
3	
2	
1	Worst

4.3.

Se respondeu NÃO à questão 4.1., assinale a razão que melhor justifica a sua resposta:

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="radio"/> Não estou disposto a pagar individualmente | <input type="radio"/> Não disponho de rendimento suficiente | <input type="radio"/> Não confio no destino a ser dado ao dinheiro |
| <input type="radio"/> Já contribuo através dos meus impostos | <input type="radio"/> Não estou suficientemente informado sobre o assunto | <input type="radio"/> Outra |
| <input type="radio"/> Não penso que este assunto seja da minha responsabilidade | | |



4.4.

Em alternativa à aplicação da taxa de utilização referida, assinale a opção que considera mais justa:

- ☐ Licença mensal ou anual para prática da modalidade ☐ Contribuição voluntária para O.N.G.A.'s (Surfrider Foundation; Salvem o Surf; ...) ☐ Não concordo com qualquer tipo de pagamento
- ☐ Eco-taxa aplicada em produtos e serviços relacionados com desportos de ondas ☐ A taxa de utilização é a opção mais justa

4.5.

Imagine agora, que devido a um derrame de petróleo, as praias que frequenta ficaram interditas.

Que montante estaria disposto a pagar, de modo a garantir a reposição da qualidade dos ecossistemas costeiros (água, areal, área envolvente)?

	€0	€1-20	€21-50	€51-100	+€100
Numa Praia Urbana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Numa Praia com a Envolvente Preservada (com dunas,arribas, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4.6.

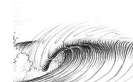
Nas suas deslocações para a prática de desportos de ondas, indique o acréscimo nos gastos que estaria disposto (a) a suportar, para conjugar a prática da modalidade com as seguintes opções:

	0%	1-5%	6-10%	11-20%	+20%
Outros Desportos de Ondas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Actividades Aquáticas de Mar (Vela, Mergulho, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Actividades Aquáticas de Rio (Canoagem, "Rafting", "Canyoning", ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outras Actividades de Contacto com a Natureza (BTT, "Rappel/Slide", "Trekking", "Bird Watching", ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Visita a Áreas Protegidas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Voluntariado Ambiental	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Actividades de Saúde e Bem-estar (Yôga / Pilates, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
"Slow Food" / Comida Natural Saudável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Visita a Centros Históricos, Monumentos, Museus	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contacto Directo com Artesãos e Ofícios Locais (Pesca Artesanal,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Diversão nocturna / Espectáculos (Música, Teatro,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4.7.

Assinale o acréscimo no preço que estaria disposto a suportar, por um alojamento com boas práticas ambientais e sociais:

- ☐ 0% ☐ 6-10% ☐ +20%
- ☐ 1-5% ☐ 11-20%



Secção 5 – Caracterização do Inquirido

Assinale com uma cruz (X) as suas respostas, excepto quando dada outra indicação

5.1.
Qual é o seu sexo?

- ☐ Masculino
☐ Feminino

5.2.
Qual é o seu grau de escolaridade?

- ☐ ≤ 9º ano de escolaridade ☐ Licenciatura ☐ Mestrado
☐ 12º ano ☐ Pós Graduação ☐ Doutoramento

5.3.
Qual é sua idade?
Escreva o numero

5.4. Pertence ou já pertenceu a alguma Organização Não Governamental de Ambiente (O.N.G.A.)?

- ☐ Sim
☐ Não

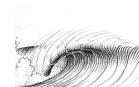
5.5.
Assinale a sua situação profissional:

- ☐ Estudante ☐ Empregado por Conta Própria ☐ Reformado
☐ Empregado por Conta de Outrem ☐ Desempregado

5.6.
Assinale o rendimento médio mensal (líquido) do seu agregado familiar:

- ☐ < €500 ☐ €1.001 a €2.000 ☐ > €3.000
☐ €500 a €1.000 ☐ €2.001 a €3.000

5.7.
Quantas pessoas contribuem para o rendimento do agregado familiar?
Escreva o número



5.8.

Quantos elementos do seu agregado familiar têm idade entre:

Escreva o número:

0-13 anos

14-25 anos

26-65 anos

+ 65 anos

5.9.

Vive no litoral?

☐ Sim

☐ Não

5.10.

Reside em Portugal?

☐ Sim

☐ Não

5.11. Em caso afirmativo, qual é o seu concelho de residência?

